

ROBERTA KELLY SANTOS MAIA

FOTO: EVILÁSIO BEZERRA



“O DONO DO TERREIRO”

O JORNALISTA, POLÍTICO E PROFESSOR LUIZ CAMPOS

Fortaleza

2010

ROBERTA MAIA

“O DONO DO TERREIRO”

O JORNALISTA, POLÍTICO E PROFESSOR LUIZ CAMPOS

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Agostinho Gósson.

Fortaleza

2010

ROBERTA KELLY SANTOS MAIA

“O DONO DO TERREIRO”

O JORNALISTA, POLÍTICO E PROFESSOR LUIZ CAMPOS

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel. A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Agostinho Gósson (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho (Membro)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno (Membro)
Universidade Estadual do Ceará

Fortaleza
2010

*Ao professor Luiz Campos e a todos que
construíram a história do Jornalismo no
Ceará.*

Agradecimentos

Neste momento, é preciso agradecer à Mãe e a Deus que nos proporciona a vida e que nos dá forças para seguir em frente. Depois, à família: meus pais, Oclébia e Roberto, por estarem ao meu lado e por terem sempre se preocupado em me oferecer educação de qualidade, dentro e fora de casa.

Ao amado jornalista Lúcio Filho, companheiro e cúmplice de todas as horas, agradeço pelo carinho, atenção, paciência, compreensão e, mais que isso, por estimular sempre meus projetos e sonhos.

Ao meu irmão Renan e ao primo-irmão Daniel, jovens ávidos pelo saber.

Às minhas avós Conceição e Teresa, por suas histórias de vida.

Aos meus tios e primos, sempre presentes.

Às famílias Pontes e Fontenele, que me acolheram com muito carinho.

Ao professor Agostinho Gósson, orientador, sempre carinhoso e confiante, empolgado incentivador deste projeto.

Ao professor Gilmar de Carvalho, que desde o primeiro semestre do curso de Jornalismo encoraja esta pesquisa.

Ao professor Francisco Damasceno, do curso de História da Universidade Estadual do Ceará, por anos de amizade e conversas prazerosas sobre a vida e a História.

À minha tia, professora Ocenéia Rocha, do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará, pela revisão deste trabalho.

Ao fotojornalista e amigo Evilásio Bezerra, pelo maravilhoso trabalho.

Aos professores Ronaldo Salgado, Nonato Lima, Liana Amaral, Nilton Júnior, Márcia Vidal, Klycia Fontenele, Andrea Pinheiro e Glícia Pontes, pelo apoio durante os longos anos de curso e por mostrarem que o Jornalismo pode ser exercido de maneira séria e ética.

Aos amigos que conheci em várias turmas do curso de Jornalismo: Isabelle Azevedo, Armando Lima, Aurimar Monteiro, Carlos Henrique, Anamélia Sampaio, Marina Rosas, Gisa Carvalho, Hugo Renan, Herbênyia Alves, Natália Marques, Ingrid Baquit, Domitila Andrade, Beatriz Jucá, Rainer Leal, Talles Fabrício, Yuri Alexsander, Everton Souza, Bruno Aguiar, Denise Ferreira e Márcia Ximenes.

À amiga Karla Torquato, pelas boas risadas e o diálogo com a História.

RESUMO

O presente trabalho é um livro-reportagem, de cunho biográfico, que visa apresentar a trajetória profissional de Luiz Queiroz Campos. Nascido em 1925, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará. Na década de 1950, inicia-se no Jornalismo, escrevendo crônicas a serem lidas no rádio e também sendo editor de um jornal institucional. Ingressa na Gazeta de Notícias no ano de 1954. Ali, ganha destaque escrevendo artigos diariamente em uma coluna intitulada “Considerações”. Com o prestígio alcançado através do jornalismo e de sua atuação na União das Classes Produtoras do Estado do Ceará, órgão de onde era funcionário, Luiz Campos projeta-se politicamente e assume uma diretoria na Caixa Econômica Federal do Ceará, passando logo em seguida à presidência do banco. Daí, sai em 1962 e candidata-se a vice-prefeito de Fortaleza, ganhando com uma boa vantagem do segundo colocado. Ao término do mandato, Luiz Campos assume novo cargo de confiança no Banco Nacional de Habitação, o BNH. Professor fundador do Curso de Comunicação Social, ministrava a disciplina de Publicidade. Aos 85 anos, pai de cinco filhos e avô de 14 netos, o jornalista continua em plena atividade como presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos, cargo que ocupa desde 1973. Com este estudo, pretendemos colaborar com uma releitura da história do jornalismo e da política da capital cearense.

Palavras-chaves: Luiz Campos; jornalismo; política; Fortaleza.

RESUMEN

El presente trabajo es un libro-reportaje, de cuño biográfico, que visa presentar la trayectoria profesional de Luiz Queiroz Campos. Nacido en 1925, se graduó en Ciencias Jurídicas y Sociales por La Facultad de Derecho de Ceará. En la década de 1950, se inicia en el Periodismo, escribiendo crónicas que serán leídas en la radio y también siendo editor de un periódico institucional. Ingresa en la “Gazeta de Notícias” en el año de 1954. Allí, gana destaque escribiendo artículos a diario en una columna intitulada “Considerações”. Con el prestigio alcanzado por medio del periodismo y de su actuación en la “União das Classes Produtoras do Estado do Ceará”, órgano de donde era empleado, Luiz Campos se proyecta políticamente y asume una directiva en la “Caixa Econômica Federal do Ceará”, pasando, en seguida a la presidencia de dicha caja de ahorros. De ahí, salió en 1962 y se candidató a vicealcalde de Fortaleza, ganando con una buena ventaja del segundo colocado. Al fin del mandato, Luiz Campos asume nuevo oficio de confianza en el “Banco Nacional de Habitação”, el BNH. Profesor fundador del Curso de Comunicación Social, impartía clases en la asignatura de Publicidad. A los 85 años, padre de cinco hijos y abuelo de 14 nietos, el periodista sigue en plena actividad como presidente del Instituto Brasil-Estados Unidos, función que ocupa desde 1973. Con este estudio, pretendemos colaborar con una relectura de la historia del periodismo y de la política de la capital cearense.

Palabras-clave: Luiz Campos; periodismo; política; Fortaleza.

SUMÁRIO

Resumo.....	5
Resumen.....	6
Prólogo.....	8
O Jornalista.....	19
A Gazeta de Notícias.....	21
A Coluna “Considerações”	23
Problemas da Cidade.....	25
O Caso CEXIM e a Agressão de Jereissati.....	36
O Abrigo Central.....	44
A Coluna “Investimento-Economia e Finanças”.....	50
O Político.....	52
O Partido Social Democrático.....	53
A Presidência da Caixa Econômica Federal.....	54
A vice-prefeitura de Fortaleza.....	61
O Banco Nacional de Habitação.....	71
O Professor.....	78
Luiz Campos e o Curso de Jornalismo da UFC.....	82
O Instituto Brasil-Estados Unidos.....	88
Luiz Campos e o Instituto Brasil-Estados Unidos.....	89
Epílogo.....	93
Referências.....	100

PRÓLOGO

O único médico da cidade estava preocupado. Nunca havia feito um parto tão complicado como aquele. A jovem Maria podia não resistir. Afinal, já era a terceira gravidez e os outros dois meninos não tinham vingado. Ela devia ter um sério problema no útero. Como fazer um parto daqueles, ali, naquela cidade pequena, sem estrutura, sem hospital? Não dava, não podia se arriscar assim. Muito menos era permitido pela ética médica que ele arriscasse a vida da paciente e do bebê. Não tinha jeito. Precisava falar com Pedro. O homem tinha de levar a esposa até Fortaleza para ela ter um parto mais sossegado e conseguir segurar o filho.

Era tarde da noite. O médico foi ter com o homem que esperava notícias da mulher:

- Pedro, a dona Maria só aguenta essa gravidez por mais uns dez dias. Se você quiser que seu filho nasça saudável e ela resista, é melhor ir para Fortaleza. Aqui, não tenho condições de fazer muita coisa.

Após a conversa, Pedro tomou uma decisão: venderia tudo o que tinha conquistado em Camocim¹ e pegaria o primeiro navio para Fortaleza com a mulher grávida.

Naquele mesmo momento, o homem saiu de casa e se desfez do pouco que possuía. Não podia perder a esposa e, principalmente, aquele filho, que receberia o nome de um grande amigo seu, o marinheiro alemão Luthigard, que falecera. Haviam se conhecido no porto de Camocim. Sempre que o navio aportava, Pedro estava lá para receber o amigo gringo. Tomavam muita cachaça juntos, cantavam, tocavam violão. Mas, pouco tempo atrás, o navio aportara e Luthigard não descera. Pedro foi ter com o capitão que avisou da morte do marinheiro. Desde aquele momento, estava decidido que o primeiro filho receberia o nome do alemão que havia deixado muita saudade.

¹ Camocim é um município litorâneo da região noroeste do Ceará, fundado em 1879. Situa-se a 347km de Fortaleza. O pai de Pedro, João Campos, natural da região norte do Brasil, era marinheiro e estabeleceu-se em Camocim depois de contrair matrimônio com dona Maria José Ferreira, natural de Massapê, tornando-se, depois do casamento, dono de um armazém. O casal teve seis filhos, mas um morreu ainda pequeno. Já a família de Maria vivia na cidade de Jaguaribe, a 308km da capital. O pai de Maria, Luís Costa Queiroz era natural de Pereiro, vizinho a Jaguaribe, e a mãe, dona Macrina Fernandes, havia nascido em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte. Essas informações foram obtidas em entrevista realizada pela autora deste trabalho, com Luiz Queiroz Campos, em sua residência, no bairro de Sapiranga, Fortaleza, em 22 de outubro de 2010.

Pedro, então, juntou os trocados e pegou a esposa, inchada, quase sem conseguir andar. Foram até o porto e compraram os bilhetes para o primeiro navio que fosse para a capital.

Chegaram a Fortaleza no mês de outubro. Hospedaram-se na casa de dona Maria José, mãe de Pedro. A casa era no chamado “Calçamento de Messejana”, hoje Visconde do Rio Branco. A mulher estava quase imóvel. A mãe, a sogra e as tias, que já residiam na capital, preocupadas com a condição dela, trataram logo de providenciar as rezas. Na casa, um amontoado de mulheres dedilhava terços, rezava Ave-Marias, Pai-Nossos, Cremos e Salve-Rainhas. Entre uma oração e outra, entoavam cânticos.

Dona Maria José estava preocupada. Era a terceira gravidez da nora e o menino podia não sobreviver. Só restava, então, fazer uma promessa. Apegou-se com São Luís de França² e com Santa Inês³. A promessa era simples: se o bebê fosse homem, seria chamado Luiz, se Deus desse a graça de vir uma mulher, seria Inês.

Enquanto sentia as dores, Maria lembrou-se de quando conhecera Pedro, em 1919. Já estavam juntos há seis anos. Queria muito dar um filho ao marido. Por sorte, não houve necessidade de ir a um hospital. Era uma noite enluarada do vigésimo primeiro dia do décimo mês de 1925.

Para realizar o parto, mandaram buscar uma parteira da região, dona Maria Mendes.

- Força Maria, força! O menino já está saindo. Vai, mulher! É teu filho! Vai!

A jovem fazia força para expelir o filho que tanto desejava. Na sala, as mulheres intensificavam as rezas. Homem não podia ficar ali. Pedro, na calçada, fumava um cigarro atrás do outro e esperava. O tempo parecia não passar. Até que uma voz lá de dentro gritou:

- Pedro, nasceu! Nasceu!

O homem, eufórico, tratou logo de perguntar:

² São Luís de França é natural de Poissy, França. Nasceu em 25 de Abril de 1214 e faleceu em Tunis, a 25 de Agosto de 1270. Foi rei da França, de 1226 até a sua morte. No seu reinado, o país viveu um excepcional momento político, econômico, militar e cultural, conhecido como o "o século de ouro de São Luís". Participou da Sétima Cruzada e da Oitava Cruzada, tendo morrido no decurso desta última, o que influenciou em grande medida a sua posterior canonização, em 1297, pelo Papa Bonifácio VIII.

³ Santa Inês é uma Virgem Mártir, venerada como Santa pela Igreja Católica. É a padroeira da castidade, dos jardineiros, moças, noivos, vítimas de violação e virgens. Foi canonizada no século III. É festejada pela Igreja em 21 de janeiro.

- É homem ou é mulher?

A parteira foi taxativa:

- É macho!

Extasiado, Pedro comemorou a chegada do primeiro filho. Bebeu e fumou a noite inteira. A alegria havia de ser grande mesmo. Afinal, mulher e filho estavam a salvo!

Quando soube da promessa que dona Maria José havia feito, não se opôs a que o filho recebesse o nome do santo que havia concedido o nascimento da criança. A homenagem ao amigo alemão ficaria para o próximo rebento. O filho que acabara de nascer seria chamado Luiz Queiroz Campos.

Como haviam deixado tudo para trás em Camocim, era preciso se estabelecerem mesmo na capital. Mas, não tinha como permanecerem na pequena casa de dona Maria José. Foram morar, então, em uma casa de três cômodos na modesta Vila São Manoel, no bairro do Benfica.

Já havia passado quase um ano do nascimento de Luiz e o menino ainda era pagão. Fazia-se necessário providenciar o batizado. Para apadrinhar o primogênito, Maria escolheu o irmão mais velho de sua mãe, dona Macrina. Era um senhor de posses, que vivia em Mossoró⁴, no Rio Grande do Norte. Chamava-se José de Oliveira Costa, porém era mais conhecido como Costinha Fernandes. A madrinha seria a esposa dele, dona Dalila, prima de Maria.

O batizado correu bem, como os pais previam. Os padrinhos vieram do Rio Grande do Norte e hospedaram-se na pequena pousada que dona Macrina havia estabelecido em Fortaleza. Assim que viu o afilhado, a madrinha se encantou com o bebê de olhos azul-esverdeados, que estava bem gordinho. Preocupados com o futuro que o menino teria crescendo naquelas condições, os padrinhos decidiram levar a família para Mossoró.

Comerciante, sócio da firma “Tertuliano, Fernandes & Cia”, logo que retornou a sua terra, Costinha Fernandes tratou de montar uma sapataria para o compadre administrar, já que

⁴ O município localiza-se a 275km da capital do Rio Grande Norte, Natal. É o segundo mais populoso do estado e uma das cidades mais importantes do interior nordestino.

Pedro era sapateiro de ofício. A família Campos passou a viver em uma casa localizada em frente à residência do compadre. Em Mossoró moravam também outros parentes de Maria, algumas tias e primos.

Mas, foi por esse tempo que aquela cidade viveu o auge de sua história. Era junho de 1927. A notícia espalhou-se como rastro de pólvora: o temido Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião⁵, iria invadir Mossoró, matar os homens, violar as mulheres, roubar os bens dos cidadãos.

As famílias logo se apressaram em ir embora dali. Entretanto, algumas ficaram para fazer a resistência e defender a cidade. Pedro não quis fugir. Ficaria para ajudar o compadre e os outros amigos que organizavam as trincheiras. Muitos espaços foram escolhidos para abrigar os homens que defenderiam a honra de Mossoró, como a estação ferroviária e a igreja, além de sobrados que sediavam os armazéns e firmas da cidade e até a casa do prefeito Rodolfo Fernandes. Todos de armas na mão à espera de Lampião e seus “cabras”.

Maria estava sentada na calçada de casa com o pequeno Luiz no colo quando viu a multidão correndo em polvorosa. Atordoada, não sabia o que estava acontecendo, até conseguir avistar, de longe, o batalhão que vinha entrando na cidade a tiros de espingarda. Lampião e seus homens haviam invadido Mossoró.

A mulher correu para dentro de casa com o menino, subiu as escadas e escondeu-se debaixo da cama. Enquanto os tiros cruzavam as paredes, Luiz não deixava de lado a bola com que brincava. Preocupada, Maria rezava para aquele tormento acabar logo. Por sorte, um dos defensores da cidade, do alto da torre da igreja, conseguiu acertar uma bala em um “cabra” que havia parado para municiar a espingarda. Depois, o mesmo homem acertou outro capanga de Lampião que foi pegar a arma daquele que já havia caído morto.

⁵ Filho de José Ferreira da Silva e de Maria Lopes. Corria o ano de 1920 e - devido a sua capacidade de disparar consecutivamente, iluminando a noite, Virgulino ganhou o apelido de Lampião. Possivelmente em função disso, a polícia cercou o sítio da família e matou seu pai a tiros. Assim, Lampião e dois irmãos entraram definitivamente para o cangaço. Em 1922, assumiu a liderança do bando que praticou ações de banditismo por muitos anos, atuando em vários estados do Nordeste. Ficou conhecido como capitão, após receber o “título” dado por Padre Cícero, quando o cangaceiro esteve no Ceará. Na passagem do ano de 1930 para 1931, o bando foi cercado na fazenda de Angicos, no atual município de Poço Redondo, em Sergipe, onde estavam acampados. Foram pegos de surpresa e muitos não conseguiram escapar. Entre eles Lampião e Maria Bonita, sua esposa. Os cangaceiros foram decapitados e suas cabeças ficaram expostas. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u546.jhtm>>. Acesso em 24 de outubro de 2010.

Com medo, pois sentiu que a resistência estava forte, Lampião decidiu recuar. Levou seus “cabras” embora, antes mesmo de alcançar o centro de Mossoró. Felizes, os que haviam preparado as trincheiras e emboscadas para o bando de Lampião comemoraram durante dias a expulsão do “capitão”⁶.

Mas Pedro não queria continuar vivendo naquela cidade. Os negócios também não estavam dando certo. Decidiu que iria voltar para Fortaleza. Despediram-se dos compadres e seguiram viagem de volta. Chegando a Fortaleza, foram morar em uma casa na esquina da Avenida 13 de Maio com Rua Waldery Uchôa. Pedro voltou a fabricar sapatos e Maria a costurar. Os clientes eram vizinhos, empregadas domésticas e amigos da família.

Outras crianças chegavam para aumentar a prole. Pedro havia decidido que os nomes de todos os filhos iriam começar com a sílaba “Lu”, a mesma que dava início ao nome de Luiz. Primeiro, veio o garoto Luzimar, que teve um mal súbito e faleceu ainda criança. Depois, nasceu Luthigard, e Pedro pôde cumprir a promessa, que havia feito anos atrás, de homenagear o falecido amigo alemão. Aí, nasceu Lúcio, uma criança doente, que foi a óbito aos quatro meses de vida. O menino chorou da hora em que nasceu até o suspiro final. Por fim, chegaram Luciano e, para completar a família, Lúcia, única mulher gerada do casamento de Pedro Campos e Maria Queiroz.

Com a família crescida, Pedro precisava de ajuda para cuidar dos filhos. Um dos que mais o auxiliava era seu irmão, João Campos Filho, que havia conseguido se estabelecer financeiramente.

Luiz, o filho mais velho, não se dava conta dos problemas pelos quais a família passava. Gostava era de brincar na rua. Mesmo usando óculos desde os sete anos de idade, o menino não largava a bola, o futebol era a grande paixão, assim como o time do Ceará, do qual o pai, ainda jovem, havia sido jogador.

⁶ A resistência de Mossoró ao bando de Lampião é retratada todos os anos no espetáculo “Chuva de bala no País de Mossoró”, que faz parte das comemorações juninas da cidade. Salienta-se, ainda, que Mossoró é considerada a única cidade a resistir ao ataque do cangaceiro. Para ver algumas imagens da cidade à época e obter mais informações sobre os que participaram do movimento de resistência, consulte: <http://telescope.zip.net/arch2010-09-01_2010-09-30.html>.

Mas Pedro, que nunca havia estudado, não queria que o rapazinho se tornasse jogador de futebol. Naquele tempo, isso ainda não rendia grandes lucros. O garoto precisava mesmo era estudar. Assim, Maria, que sabia ler e escrever, foi incumbida de ensinar ao primogênito as primeiras letras.

Para tanto, a costureira comprava cadernos de pauta e pedia cartilhas às clientes. Aos poucos, o menino foi aprendendo o ABC e as contas básicas: somar e diminuir. Alfabetizado pela mãe, Luiz foi matriculado, por volta dos oito anos, no Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, ou simplesmente Grupo do Benfica. Agora, o sonho de Pedro para o filho era ainda mais alto. O pai dizia:

- Luiz, você não vai ser operário. Você é inteligente, vai ganhar dinheiro. Você vai ser doutor! Neste país, só ganha dinheiro quem é doutor!

Ainda pequeno, depois de entrar na escola, o garoto foi morar com o tio João Campos Filho, no bairro da Gentilândia. Aos dez anos, Luiz empregou-se no armazém de outro parente, que possuía um terreno na localidade de Porangabussu e havia decidido construir ali umas casas, pois Fortaleza estava crescendo e precisava expandir-se para aqueles lados. Luiz ficava no armazém até anoitecer. Atendia os operários que trocavam vales por comida e gêneros de primeira necessidade. Depois, o dono do negócio abatia os valores do salário que recebiam.

O menino voltava a pé para a casa do tio. Viúvo, João Campos Filho era amargurado. Havia perdido a mulher durante o parto do primeiro filho. Por isso, não era muito afeito a crianças. Luiz tinha que chegar à casa até 21 horas, depois desse horário não podia mais entrar. Se se atrasasse para o almoço, também teria de esperar o tio almoçar, para só então fazer o seu prato, comer junto aos empregados e depois ainda lavar a louça.

Todavia, o menino esforçava-se. O pouco dinheiro que recebia do armazém entregava a sua mãe, para ajudar nas despesas da casa dos pais. Não perdia um dia de aula. Ia para a escola a pé. No caminho, sempre atento a tudo o que via, Luiz reparava que em uma das casas por onde passava, todos os dias um senhor estava deitado numa rede lendo jornais. Aquilo o encantava. O que será que aquele homem lia? Como seria ler um jornal daqueles?

Luiz não tinha ideia de como era um jornal, pois não era costume da família gastar dinheiro com aquilo.

Um dia, quando passava pela casa do mesmo senhor, Luiz estava acompanhado de seu pai e o indagou quem era aquele homem, que sempre ficava ali deitado lendo. O pai respondeu que era uma pessoa importante, conhecida em toda a cidade, era o dono de um jornal e chama-se Demócrito Rocha⁷.

A partir dali, Luiz ficou mais encantado ainda com a história do senhor dos jornais. Decidiu que daria um jeito de conseguir ler aquelas mesmas páginas que todos os dias o homem lia. Assim, conseguiu com um conhecido pegar jornais para ler. Todos os dias, Luiz ia à banca e pegava os exemplares. Levava para casa e lia tudo.

O garoto começou o curso ginásial no Instituto São Luiz, cujo diretor era o Governador do Estado, Menezes Pimentel. Aos quatorze anos, o tio João o matriculou em uma escola de datilografia. Àquela época, saber datilografar era imprescindível para os que queriam se aperfeiçoar nos estudos. As aulas eram na Escola de Datilografia Mercedes. A professora era dona Margarida e o fiscal das aulas, que também era responsável pelas provas, era o jovem Paulo Sarasate⁸.

Quando finalizou o curso, uma placa com o nome dos alunos da turma foi feita para registrá-los nas paredes da escola. Também houve festa. As famílias e os concludentes comemoraram o término do curso na Fênix Caixeiral⁹. Luiz ainda não era doutor, mas já possuía o primeiro diploma.

Pouco tempo depois, uma prima de Luiz, que havia feito o mesmo curso de datilografia, o procurou para avisar que um escritório de advocacia estava selecionando

⁷ O jornalista era natural de Caravelas, Bahia. Intelectual, dentista e funcionário dos Correios e Telégrafos, também ocupou a cadeira de Deputado Federal. Fundou o jornal O Povo, existente até hoje. Faleceu em Fortaleza, em 1943.

⁸ Paulo Sarasate foi Deputado Estadual, Federal, Senador e Governador do Ceará. Faleceu em 1968.

⁹ A instituição foi fundada pelos comerciantes de Fortaleza, em 1891, a fim de contribuir com a educação de suas famílias. Tornou-se bastante importante e tradicional dentro a sociedade cearense, tendo sido fechada há poucos anos.

datilógrafos. Então, o jovem Luiz, que naquele tempo já estava estudando no Colégio Estadual, o famoso Liceu do Ceará¹⁰, resolveu se inscrever para aquela seleção de emprego.

O jovem tirou o primeiro lugar na prova. Para ele foi muito simples datilografar uma série de textos em poucos minutos e, ainda, sem erros de gramática ou ortografia. Os donos do escritório resistiram um pouco até contratá-lo. Afinal, Luiz tinha apenas 15 anos. Mas, como o adolescente, que trazia o rosto coberto de espinhas, havia desbancado uma série de outros concorrentes, era o jeito contratá-lo.

Ali, Luiz datilograva os processos, acompanhava os casos. Passou a se interessar pelo estudo das leis. Mas, algo o incomodava. Jovem que era, Luiz queria muito namorar. O problema era que nenhuma garota se interessaria por um menino com tantas espinhas no rosto.

Contando para os amigos do escritório esta situação, um deles apresentou uma solução um tanto quanto “pouco convencional”. Segundo esse amigo, o melhor remédio para curar espinhas era tirar 10cc do próprio sangue e injetar no músculo, três vezes por semana. O diretor do escritório, José Afonso Sancho, não concordou muito com aquela ideia:

- Luiz, isso é perigoso! Se for fazer, faça, mas bem longe de mim, porque se você morrer aqui no escritório, eu não me responsabilizo.

Empolgado com a ideia de ficar sem espinhas, o jovem não se amedrontou. Disse para o colega que podia trazer a seringa que ele iria tirar o sangue da veia para depois injetar no músculo. Assim foi, durante alguns meses, até que todas as espinhas do garoto murcharam e sua pele voltou a ser lisinha como a de um jovem normal.

Agora, ele que até ali havia namorado, escondido, apenas uma garota, a prima Ruth, quando tinha 12 anos, poderia conquistar outras moças, que cairiam aos seus pés por conta dos belos olhos claros.

¹⁰ Terceiro colégio mais antigo do Brasil, o Liceu do Ceará foi fundado em 1845, sob a direção de Thomas Pompeu de Souza Brasil. Em funcionamento até hoje, pertence ao patrimônio público do Ceará.

O momento de prestar vestibular se aproximava. Mesmo sabendo que o pai gostaria que ele cursasse a faculdade de Agronomia, já que acreditava que o futuro do Brasil estava no campo, Luiz não seguiu os conselhos do pai.

Em 1945, encantado com o universo das leis, o menino inscreveu-se para o vestibular do curso de Ciências Jurídicas e Sociais. Fez a prova e ficou aguardando o resultado. No dia da divulgação dos aprovados, Luiz não se conteve ao saber que havia sido o 6º colocado. Era muita felicidade!

Havia uma pessoa que precisava saber daquilo o quanto antes: seu pai. Correu para a casa da família e deu a Pedro a notícia que ele esperava receber há 20 anos, desde o nascimento do filho, naquela noite escura de tanto sofrimento de sua esposa. Agora, sim, ele tinha um filho doutor.

No mesmo ano, outra boa notícia para a família. A vida de Luiz começava a melhorar. Havia passado, em 2º lugar, para a carreira de “Escriturário do Quadro de Pessoal da Prefeitura”, chegando a trabalhar no próprio gabinete do prefeito Raimundo Alencar Araripe.

Católico praticante, Luiz tornou-se um dos líderes da Juventude Mariana de Fortaleza. Era considerado beato pelos colegas da faculdade. Porém, um dia, quando participava de uma reunião da Juventude Mariana com um padre que estava na cidade, Luiz discordou das ideias do religioso, que era contrário ao divórcio. Luiz pediu, então, para falar:

- Padre, o senhor me desculpe. Eu até concordo que o divórcio não é uma coisa boa. Mas há algumas situações pelas quais eu acho que o casal deve sim, separar-se, pois em alguns casos as pessoas sofrem, as mulheres apanham dos maridos. Desse modo, acho que podem se divorciar.

O padre ficou enfurecido. Não podia acreditar que o jovem defendesse aquelas ideias:

- Retire o que você disse! Divórcio é coisa do Demônio! Retire o que você disse ou eu lhe excomungo. Ande, vamos, retire o que disse!

Mas Luiz tinha seus motivos para defender esse ponto de vista. Uma das melhores clientes de sua mãe e que mais ajudava a família dele era uma senhora divorciada que estava no segundo casamento. Por isso, respondeu ao padre:

- Retiro não, senhor padre. E o senhor não pode me excomungar.

Chateado, saiu da reunião e desvinculou-se da Juventude Mariana, mas não deixou de ser católico. Chegou à faculdade e contou o acontecido. Os colegas estavam combinando sair naquela noite. Luiz não era acostumado às farras, mas decidiu acompanhar os amigos.

Tímido, entrou no cabaré. Um dos colegas chamou logo o garçom. Luiz alertou a eles de que nunca havia tomado nenhuma bebida alcoólica.

- Pois hoje vai ser a primeira vez.

Colocaram uma dose do conhaque de alcatrão para ele saborear. O líquido desceu travado, quente, quase rasgando, mas o jovem continuou acompanhado os amigos na bebida. Quando já estava ficando meio tonto, uma das mulheres aproximou-se, bebeu da sua dose e o convidou para subir. Naquele dia, Luiz conheceria, também, a intimidade da mulher pela primeira vez.

Na faculdade, fez muitas amizades e engajou-se no movimento estudantil. Em 1947, foi aprovado em 1º lugar em outro concurso para escriturário. Desta vez, seria empregado no Instituto dos Industriários.

Formou-se em 1950. Na época, namorava a bela jovem Estela, mas sua mãe não gostava muito dela. Chegou até a pedir a mão da moça em casamento. O casal havia brigado, mas Luiz queria reatar o relacionamento. Já tinha dinheiro, um bom emprego. Estava na hora de constituir família. Aproveitou a ocasião do Natal para fazer o pedido, mas tinha de ser um pedido original. Bolou um plano infalível. Passou na joalheria e comprou o par de alianças. Colocou a caixinha no bolso e foi até as lojas Lobrás. Lá, comprou uma árvore de Natal pequenininha, pediu para a vendedora enfeitá-la toda. Daí, como toque final, no galho mais alto, pôs as alianças. Mandou fazer o embrulho e junto colocou um cartão, onde fazia o pedido de noivado.

À noite foi até a casa da moça que o recebeu com um largo sorriso e um abraço apertado, algo que não era de bom tom que uma jovem fizesse na frente dos pais, mas o motivo era aceitável. Quem não reagiu bem foi dona Maria, quando recebeu a notícia do noivado, na mesma noite, enquanto ceava com os filhos. Era uma pena que Pedro não estivesse mais aqui para dar uns conselhos ao filho mais velho.

Entretanto, o casamento não aconteceu. O menino namorador e vaidoso, que até injetou o próprio sangue em seus músculos para livrar-se das malditas espinhas, constituiria família apenas em 31 de outubro de 1953. Casou-se com a jovem Maria Helena Câmara, sob as bênçãos do padre Gottardo¹¹. Ela era filha de um dos homens mais influentes do partido ao qual Luiz, ainda na faculdade, havia se filiado. A partir daí, o senhor Luiz Campos começaria uma vida bastante movimentada...

¹¹ Padre Gottardo foi vigário da Paróquia de Quixadá; vigário ecônomo da Paróquia de Madalena; o mesmo cargo ocupou na Paróquia de Guanacés (Cascavel); foi produtor e apresentador do programa da Rádio Vaticano para o Brasil; diretor artístico da Rádio Assunção; diretor regional da Cáritas Brasileira; vigário de Maracanaú e autor, em parceria com Luiz Gonzaga, do baião “Obrigado, João Paulo”, para a recepção ao Papa em Fortaleza, em julho de 1980.

O JORNALISTA

Era a década de 1950. Fortaleza cruzava a fronteira da metade do século e sonhava em ser uma metrópole nordestina, como já apontavam Recife, em Pernambuco, e Salvador, na Bahia. Para tanto, a capital cearense havia acabado de ganhar um dos mais modernos abrigos para passageiros de ônibus, o Abrigo Central, no “coração” da cidade, a Praça do Ferreira. Ao mesmo tempo, Fortaleza recebia o prolongamento da avenida 13 de maio, a construção da moderna avenida Aquidabã e inúmeros chafarizes. Era a gestão do prefeito Acrísio Moreira da Rocha¹², que chegava ao fim, e dava início à administração de Paulo Cabral de Araújo¹³.

Entretanto, a capital cearense, cujo aumento da população chegara a atingir 49,9% na década de 1940¹⁴, por conta das constantes secas, ainda era carente em muitos aspectos. Aqui, não tínhamos um sistema de transporte público de qualidade. Os ônibus eram poucos, velhos, sem manutenção e andavam lotados. O comércio ambulante enchia as calçadas do centro da cidade e impedia a passagem dos pedestres. Eram frutas, verduras, cereais, caranguejos, uma infinidade de produtos oferecidos aos transeuntes, formando obstáculos no caminho dos cidadãos.

A energia elétrica era deficiente e a maioria das famílias ainda se valia das velas e candeeiros para iluminar as noites nas residências. A lua iluminava as conversas de calçada dos vizinhos e os namoros dos apaixonados. Faltavam ainda outros equipamentos essenciais, como hospitais de maior porte, escolas preparatórias, rodovias, espaços de lazer, telefones e saneamento básico.

É neste contexto que aparece uma nova voz no jornalismo cearense. Jovem sim, tímida não. Recém formado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Ceará, Luiz Queiroz Campos sempre foi estudioso, gostava de jornal, gostava de ler e de escrever, mas era advogado de profissão.

¹² “A Fortaleza de Acrísio”. In.: **Gazeta de Notícias**, 25 set. 1949, p.7.

¹³ Acrísio Moreira da Rocha foi prefeito de Fortaleza de 1948 até 1951. Já Paulo Cabral de Araújo administrou a cidade de 1951 a 1955.

¹⁴ SOUSA, Simone (org.). **A Gestão da Cidade: Uma História Político-Administrativa**. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995, p.73.

Como muitos outros, ele apenas precisava de um empurrão para entrar para o mundo dos jornais. Isso não tardou a acontecer. O jovem advogado era secretário da União das Classes Produtoras do Ceará¹⁵, instituição que havia sido fundada em 1952. Para se consolidar no cenário estadual, a União das Classes havia contratado um espaço no horário nobre da Ceará Rádio Club¹⁶, às 21 horas, diariamente, para a apresentação da crônica “Voz do Comércio, Indústria e Agricultura”.

Entretanto, um belo dia, o professor que escrevia os artigos para serem lidos no horário disponível para a instituição, se indispôs com os contratantes e disse que não iria mais escrever. José Afonso Sancho¹⁷, diretor da União das Classes, se viu desprevenido e foi procurar a “prata da casa” para poder colocar algo no ar naquele dia. Afinal, estavam pagando, e caro, pelo horário no rádio.

Foi então que Sancho lembrou-se daquele jovem advogado, o Luiz Campos. O menino, de 25 anos, escrevia bem e podia inventar alguma coisa para que não se perdesse o tempo e o dinheiro que estavam sendo gastos com a publicidade da instituição.

O garoto aceitou o convite. Estudou, pegou seus livros de economia, inteirou-se dos assuntos em voga e decidiu escrever um artigo sobre a cidade em que deveria ser instalado o Banco do Nordeste do Brasil¹⁸:

¹⁵ Fundada em 2 de dezembro de 1952, por iniciativa dos empresários José Afonso Sancho, Patriolino Ribeiro de Sousa e Aduato Barreto, a União das Classes Produtoras do Ceará, teve seus estatutos publicados no Diário Oficial do Estado em 26/12/1952, a entidade reunia os líderes classistas do Estado. Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br/fatos/historiaverbete.asp?verbete=jos%E9+afonso+sancho>>. Acesso em: 13 de setembro de 2010.

¹⁶ Fundada no dia 30 de maio de 1934, a Ceará Rádio Club - ou PRE-9 como também é conhecida, é a pioneira da radiodifusão do Ceará. Disponível em: <<http://www.prenove.com.br>>. Acesso em 16 de setembro de 2010.

¹⁷ Nascido em 27 de abril de 1922, em Massapê – Ceará, era agropecuarista. Iniciou-se também na atividade comercial, em Fortaleza. Foi fundador e diretor, por várias vezes, da União das Classes Produtoras do Ceará, diretor da Gazeta de Notícias, sócio-proprietário do jornal Tribuna do Ceará, diretor do Banco Popular de Fortaleza e da Federação das Associações do Comércio e Indústria Agropecuária do Estado do Ceará e Senador da República, de 1987 a 1991. Ver: SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará – 1975**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Gráfica Barbero, 1975.

¹⁸ Foi criado pela Lei Federal nº 1649, de 19 de julho de 1952, como uma instituição financeira múltipla e organizada sob a forma de sociedade de economia mista, de capital aberto, tendo mais de 90% de seu capital sob o controle do Governo Federal. Com sede na cidade de Fortaleza, no bairro Passaré, estado do Ceará, o Banco atua em 1.985 municípios, abrangendo os nove estados da Região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), o norte de Minas Gerais (incluindo os Vales do Mucuri e do Jequitinhonha) e o norte do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/Content/aplicacao/O_Banco/Historico/gerados/hist_principal.asp>. Acesso em 13 de setembro de 2010.

Estava no projeto da criação do Banco do Nordeste e a briga onde seria a sede do Banco do Nordeste. Uns queriam na Bahia, outros em Pernambuco, aí eu fui e fiz a primeira crônica. Achava que o Banco do Nordeste, como um banco de investimento, de incentivo regional, pra desenvolver socialmente, politicamente, a região abandonada, mais seca, seria em Fortaleza. A Bahia já tinha Petrobrás, Pernambuco já tinha a SUDENE e o Banco do Nordeste seria o banco de investimento. Eu fiz uma crônica, passei o dia todinho escrevendo e às nove horas da noite saiu. Foi uma bomba na cidade de Fortaleza!¹⁹

Longe da timidez, em seu primeiro artigo que foi ao ar, lido por João Ramos, radialista, locutor e galã das rádio-novelas cearenses, o menino já começava a instigar os empresários e políticos de Fortaleza e do Ceará²⁰. A partir dali, ele não iria apenas escrever os artigos que seriam lidos no rádio. Com o surgimento do semanário “Folha do Comércio”, um periódico também institucional, Luiz Campos passaria a ser o redator-chefe de mais este veículo de comunicação da União das Classes Produtoras do Ceará²¹. Então, o garoto, que já trabalhava desde os dez anos, não pararia mais. Sua voz iria ecoar pelo jornalismo, pela política e pelas várias e várias salas de aula.

A GAZETA DE NOTÍCIAS

O periódico matutino Gazeta de Notícias foi fundado em Fortaleza, a 10 de julho de 1927, por Antônio Drumond, auxiliado por Clóvis Matos, Milton Firmeza e Camerino Teixeira.

Em 1930, o fundador do jornal foi assassinado na própria sala de trabalho, na redação do jornal. Após a morte de Drumond, o periódico teve diversos diretores: Antônio Drumond de Miranda Filho, Joaquim Juarez Teixeira, Olavo Euclides de Araújo, Dorian Sampaio, Luiz Campos e Darcy Costa.

Depois de diversas crises, o jornal já não tinha como sobreviver e, em 13 de agosto de 1972, o controle acionário, que era de J. Macêdo, passou para o Grupo de Comunicação “O

¹⁹ Entrevista realizada pela autora deste trabalho com Luiz Queiroz Campos, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

²⁰ Segundo Luiz Campos, ele continuou escrevendo esta crônica por 11 anos. Entrevista realizada pela autora deste trabalho com Luiz Queiroz Campos, em 22 de outubro de 2010, na residência do entrevistado, no Bairro de Sapiranga, em Fortaleza.

²¹ Já na “Folha do Comércio”, segundo o jornalista, ele escreveu durante cerca de 10 anos. Entrevista realizada pela autora deste trabalho com Luiz Queiroz Campos, em 22 de outubro de 2010, na residência do entrevistado, no Bairro de Sapiranga, em Fortaleza.

Povo”, tornando o periódico um semarário, que circulava aos domingos. Pouco tempo depois, acabou extinto²².

A história de Luiz Campos confunde-se com o “matutino independente do Ceará”²³ em 1954. Datam deste ano os primeiros artigos do jovem advogado no jornal. Na Gazeta de Notícias, ele apresenta o seu primeiro artigo em 13 de novembro de 1954, um sábado. Em uma espécie de coluna, que tinha o nome de “Considerações”, um pequeno texto intitulado “Os contribuintes da Prefeitura”, é assinado por um misterioso L. C. Era a estréia de Luiz Campos no jornalismo diário como articulista.

O tema de suas “Considerações” não podia deixar de ser polêmico. Logo no primeiro artigo, bem pequeno, o jovem advogado falava do atraso de três meses do pagamento do funcionalismo público municipal e acusava a Prefeitura Municipal de Fortaleza de estar tentando majorar os impostos da cidade. Desiludido com o caos na capital, Luiz Campos desabafa: “é daqui para pior... Até quando?!”²⁴

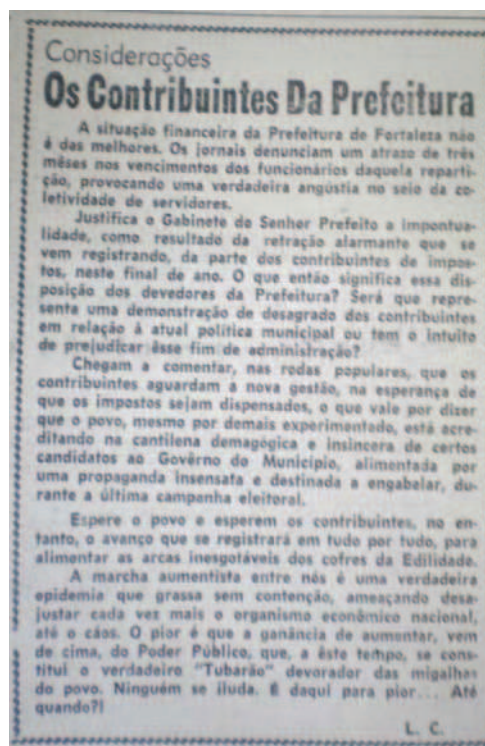


Imagem 1: 1º artigo de Luiz Campos na Gazeta de Notícias.

²² As informações a cerca do periódico Gazeta de Notícias podem ser encontradas em: NOBRE, Geraldo da Silva. Introdução ao Jornalismo Cearense – edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará - Arquivo Público do Ceará, 2006; SAMPAIO, Dorian. Op. Cit.

²³ Slogan utilizado pelo jornal Gazeta de Notícias.

²⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os Contribuintes da Prefeitura. In.: **Gazeta de Notícias**, 13 nov. 1954, p. 3.

A COLUNA CONSIDERAÇÕES

A coluna escrita por Luiz Campos na Gazeta de Notícias começou tímida. Pouco era o espaço disponível no jornal para ela. O formato era pequeno e não havia uma página definida. A temática também não era fechada. Na coluna, os artigos de Luiz Campos versavam sobre tudo, desde o cotidiano da cidade de Fortaleza e homenagens a aniversariantes, empresários e políticos, até a discussão profunda sobre problemas municipais, estaduais e nacionais.

Desta maneira, não foi difícil a coluna crescer, tomar corpo, e ganhar mais espaço nas páginas da Gazeta de Notícias. Em pouco tempo, ela já estava consolidada no canto direito da terceira página do periódico. A página que agora abrigava os artigos de Luiz Campos era a mesma que trazia as ideias de Hermenegildo Firmeza²⁵ e outros articulistas já consolidados no jornalismo cearense.

Dentre a infinidade de temas abordados, para alguns Luiz Campos dedicava mais tempo e espaço, pois escrevia sobre esses assuntos reiteradas vezes. Os mais citados nas colunas do jornalista eram os problemas do dia-a-dia dos habitantes de Fortaleza, como a má qualidade do transporte público, a gatunagem, o comércio ambulante e as construções intermináveis que existiam na cidade, como a Catedral e o Cine São Luiz.

A linguagem era sempre incisiva, as críticas constantes. O alvo principal: a Prefeitura Municipal de Fortaleza. Mas Luiz Campos também não deixava passar aquilo que considerava erro, de quem quer que fosse. Nem mesmo ministros, presidentes e chefes de partidos políticos escapavam de suas linhas ferinas.

No artigo que segue, Luiz Campos mostra a sua opinião sobre João Goulart, ex-ministro do Trabalho, que concorreria à vice-presidência nas próximas eleições:

É de condoer ver-se posto em evidência o nome de um Jango – mocinho fanfarrão, pelintra, que a custa de suas tendências capachistas de pelego de Vargas conseguiu ocupar Pastas Ministeriais e chegar à presidência de um Partido – a ser disputado por homens de responsabilidade a quem os destinos da Nação estão confiados. Goulart é um demagogo refinado, discípulo aplicado da escola do embuste, da mentira e da insinceridade, que se encolhe, agora, manhoso, com ares de

²⁵ Nascido em 7 de maio de 1881 e falecido em 9 de março de 1961. Era advogado e jornalista. Foi, por muito tempo, articulista fixo da Gazeta de Notícias.

importância e fazendo-se de rogado diante dos políticos, muitos deles homens de projeção (não vamos chegar ao ponto de dizer sérios, pois isto é cousa difícil em política), que estão a se rebaixar, quase a implorar, do “justicialista” apoio às suas pretensões (sic)²⁶.

Por isso, o jornalista também se tornou desafeto de muitos que foram criticados por aqueles artigos. Entretanto, ele não se abatia com as críticas e ainda as respondia em outros artigos, como faz no seguinte, intitulado “O Burro”, de 3 de junho de 1955:

Enquanto os homens sérios e dignos trazem o seu apoio e o seu assentimento às minhas campanhas, pouco importa para mim os bodejos inconsistentes desses imbecis que se situam num vácuo mental que todos conhecem e nada representam. Destas colunas não terei descanso na tarefa de espinafrar o canalhismo que quer tomar conta de nossa terra e nem recuarei em apontar os erros e as falhas dos que não se compenetram de suas responsabilidades. Finalmente, há gente que só sente vontade de montar-se em si próprio, sair dando pinotes e relinchando – como aquele personagem da peça teatral “O BURRO”, de Joracy Camargo²⁷.

No entanto, não só de críticas vivia a coluna de Luiz Campos. O jovem jornalista também dedicou vários de seus artigos ao relato leve e simples do cotidiano de Fortaleza, como neste, em que conta a história de um bêbado:

É DE NÃO ACREDITAR – Um bêbado, cujo nome não nos é conveniente divulgar, esteve, sábado numa grossa farra. Conduzia um pacote de dinheiro – quase trinta mil cruzeiros. A certa altura o papel do envólucro (sic) rompeu-se, caindo as cédulas pelo chão. Pessoas amigas, que andavam com o dono do dinheiro, juntamente, com um policial, conduziu a importância à Polícia, onde ficaram depositados C\$ 26.375,00. Isto aconteceu no dia 12. Ontem, pela manhã, dia 14, portanto, o dono do dinheiro, restabelecido da bebedeira, compareceu à Delegacia e, lá, AINDA ENCONTROU O SEU DINHEIRO!!!²⁸

Também foram muitos os homenageados pelas linhas de Luiz Campos, como a Miss Brasil 1955, a cearense Emília Correia Lima:

Não seria possível fugir ao assunto do momento – o de “Miss” Brasil. Chegará, hoje, à nossa Capital, a graciosa conterrânea Emília, que, saindo da sua modéstia peculiar e das tradições inegáveis do estimado e sempre querido Maguary, venceu todas as competições, até sagrar-se a mulher mais bonita do Brasil. Ora vejam: o Ceará detentor do título de campeão de beleza feminina, através de sua dileta Emília Correia Lima!²⁹

Assim, com críticas, elogios, homenagens e esmiuçando o cotidiano da cidade, os artigos de Luiz Campos ganharam força e reconhecimento da população. Os leitores das

²⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Brasil de Jango. In.: **Gazeta de Notícias**, 2 mar. 1955, p.3.

²⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Burro. In.: **Gazeta de Notícias**, 3 jun. 1955, p.3.

²⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Assuntos Diversos. In.: **Gazeta de Notícias**, 15 mar. 1955, p.3.

²⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: “Miss” Brasil 1955. In.: **Gazeta de Notícias**, 6 jul. 1955, p. 3.

“Considerações” chegavam até mesmo a enviar cartas com pedidos ao jornalista, como esta, de um leitor preocupado com as famílias que não tinham como criar os filhos:

E, dada a gravidade do problema, peço a V. S. que em seus apreciados artigos, trate do assunto, chamando a atenção dos poderes públicos, pois não é justo que os problemas que afligem o povo sejam resolvidos pelo próprio povo como vem acontecendo, através de campanhas filantrópicas que se vem promovendo em Fortaleza, numa demonstração frisante de que os governantes não estão à altura dos cargos para os quais foram eleitos pelo povo. Agradecendo a atenção que V. S. dispensou a esta, faço votos pela felicidade pessoal de V. S. O leitor e amigo desse jornal – Chico Lima³⁰.

Os artigos que deram reconhecimento a Luiz Campos no meio jornalístico, chegando a ser diretor executivo da Gazeta de Notícias, pouco tempo depois de sua entrada no jornal, e também no meio social de Fortaleza, desaparecem da Gazeta de Notícias em outubro de 1956, quando o jornalista estava sendo cotado para assumir importante cargo na diretoria da Caixa Econômica Federal, no Ceará.

Entretanto, como estas “Considerações” foram as que abriram as portas do jornalismo cearense para as ideias de Luiz Campos, vale a pena detalhá-las um pouco mais, a partir da abordagem de alguns dos temas mais recorrentes nas linhas do jornalista, como também dos casos mais polêmicos enfrentados e defendidos por ele.

PROBLEMAS DA CIDADE

Uma das maiores preocupações de Luiz Campos, que ele expunha nos seus artigos, era a preocupação com os problemas que envolviam a vida dos cidadãos de Fortaleza. Problemas aparentemente pequenos, mas que se arrastam até hoje, como a precariedade do transporte público, a “gatunagem” e o excesso de camelôs nas ruas do centro eram o maior alvo das críticas que o jornalista fazia, alertando sempre a Prefeitura Municipal para os problemas da coletividade. Para termos uma melhor noção das ideias do jornalista, nada melhor que um artigo em que ele dá um perfil da nada fácil vida do fortalezense:

³⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Problemas Sérios. In.: **Gazeta de Notícias**, 24 ago. 1955, p. 3.

CONSIDERAÇÕES

A VIDA EM FORTALEZA

Ora, isto não é vida. — a vida do povo de Fortaleza...

Uma região pobre como a nossa, mas de gente que quer ir para diante, progredir, não pode, no entanto, realizar, na prática, o que pretende. Tudo é dificuldade, tudo é mal cuidado, tudo redundando em prejuízo para o povo da Capital cearense. A se fazer um exame consciencioso, isento de preconceitos, com sensatez e objetividade, fácil é verificar como as cousas, aqui, estão marchando de mal a pior, tudo se tornando mais difícil do que era antes.

Vejamos, então, como os fatos se registram. Paga-se um absurdo por um quilowatt de energia elétrica, mas não temos energia. A cidade vive às escuras. Ninguém ouve rádio, as geladeiras não funcionam, as casas são iluminadas com candieiro. As indústrias (as de maiores possibilidades) são obrigadas a ter possantes geradores. O recibo do SERVILUZ, todos os meses, no entanto, não relaxa! E' sempre aumentando...

Paga-se uma taxa para bombeiros bastante elevada, em relação a outros centros. No entanto a cidade vive sem segurança, aberta aos incêndios. O Corpo de Bombeiros, é, talvez, o departamento mais desaparelhado do Estado. Qualquer incêndio assume proporções calamitosas, pois não há como apagar as chamas. Tem-se que apelar para os milagres...

Paga-se um imposto rigoroso de água e esgoto, no entanto não há nem água nem esgoto. Em plena Praça do Ferreira, a zona central da cidade, — no ABRIGO, para sermos precisos —, todos os estabelecimentos estão mandando fazer poços instantâneos e instalar bombas com motor porque a adutora não faz chegar água aos consumidores. Vive-se, então, o drama dos poços que secam, das cacimbas com pouca água, e as tremendas filas dos que pretendem um poço profundo, disputando a única perfuratriz que o DNOCS dispõe para tais serviços. Diga-o, por exemplo, os moradores da Aldeota, onde a água é profunda. Passa-se a esperar, sempre, pelas chuvas, que às vezes não chegam... Por outro lado, essa história de esgoto, nem é bom falar, pois obriga a gente lembrar a imundice que havia (talvez ainda esteja, agora, depois do incêndio), na calçada do Majestic, na Praça do Ferreira.

Paga-se um pesado tributo para a limpeza pública, mas a cidade vive imunda. Os "lixeiros" são sem conta por aí afora, nos bairros. E'

muito rara a visita dos carros coletores de lixo, nas ruas afastadas do centro da cidade. De outra forma os vendedores de avoantes, galinhas, carangueijos, seriguelas, sapotis, bananas, camarões, que se postam nas calçadas da Praça do Ferreira, provocam uma sujeira completa, sem quaisquer providências das autoridades. E' como se isto não tivesse "dono"...

Paga-se telefone. Porém é uma dificuldade fazer-se uma ligação telefônica em Fortaleza, principalmente, nos dias de chuva. Dá uma pane geral...

Paga-se um imposto bem elevado para a caridade, mas o que se vê pelas ruas são os mendigos a esmolar. As tentativas dos tais serviços sociais são passageiras e nada têm resolvido. A Santa Casa de Misericórdia, para quem deveriam ser destinadas as verbas de caridade, vive por um fio, devendo milhões e sempre na iminência de fechar as suas portas. Mas, a cada entrada de cinema, o freguês contribui com 10 por cento para a caridade...

Paga-se outro imposto de boa finalidade, que é o de combate ao mucambo, mas nunca se viu tanto mucambo como aqui em Fortaleza. E' preciso que se faça um passeio pelo Pirambú, Vila Brasil, Coqueirinho, Mucuripe, etc., para se verificar com os próprios olhos a miséria e o império do mucambo em nossa Capital. Mas falam que essa verba para o mucambo será para fazer uma reforma no atual Palácio do Governo... Pensando-se bem, é até justo...

Paga-se, em qualquer transação, uma tal taxa para a Previdência Social, mas nada disso se vê, na realidade, pois que o abandono da pobreza é cada vez mais alarmante.

Todo documento selado é obrigado a receber uma taxa de 1,50 de Educação e Saúde. No entanto, principalmente no Ceará, o índice de analfabetismo e gente doente vai num crescendo impressionante. Até nos altos postos de administração já não se pode evitar a presença de analfabetos e iletrados, homens que não sabem preencher um cheque ou escrever um bilhete...

Enfim, paga-se para tudo, e não se tem nada. A irresponsabilidade, a negligência, a preguiça, a desonestidade e o canalhismo estão avassalando tudo. O povo, porém a sofrer. Os humildes cada vez mais abandonados, embora com o "coração" crescendo sempre...

LUIS CAMPOS

Imagem 2: Artigo "A Vida em Fortaleza", de 24 de abril de 1955.

Indignado com as condições de vida do povo de Fortaleza, como demonstrou no artigo anterior, Luiz Campos nunca se intimidava em alfinetar os governantes, a fim de que eles resolvessem os problemas da Cidade, como faz no artigo de 14 de janeiro de 1955:

Realizar o que a coletividade reclama e pôr em prática iniciativas saltares para o bem estar da população, também, rende votos e prestígio político. Dá é trabalho... O mais fácil, evidentemente, é fazer “concursos”.³¹

No artigo ele fala de concursos “duvidosos” promovidos pela Secretaria de Educação e Saúde. Aproveita para criticar diversos outros problemas da área e termina afirmando que o que falta é empenho dos políticos, dizendo que realizar o que é necessário para a coletividade também poderia render votos.

Entretanto, o maior foco de suas críticas, dentre todos os problemas de Fortaleza, era o transporte público. Logo nos seus primeiros artigos, o tema aparece várias vezes. Uma semana depois de sua estreia na Gazeta de Notícias, Luiz Campos já traça um perfil do transporte coletivo na Cidade.

O artigo começa alertando para o sofrimento da população que precisa do transporte coletivo e tem de se submeter às intermináveis filas, ao sol ou à chuva, enquanto espera pelos coletivos:

A população de Fortaleza passa agruras, sofrendo nas filas, expostos ao sol escaldante ou à chuva (quando há inverno), vítima da crise de transportes coletivos. A cidade está crescendo, a população aumenta, e o problema do transporte do povo cada vez mais se agrava. As linhas de ônibus existentes, não suprem, em hipótese alguma as necessidades da população e o resultado é que as filas se tornam sem fim e o sofrimento, cada vez mais cruciante.³²

Logo depois, as críticas são para a má conservação dos ônibus, que, salvo alguns, segundo o jornalista, não poderiam nem estar trafegando pelas ruas de Fortaleza:

Por outro lado os coletivos que servem à população, são ônibus velhos, sujos, onde se nota o relaxamento da parte dos seus proprietários, sendo justo ressaltar excessões (sic), como a empresa Pedreira, de Jacarecanga, e a da São Francisco que faz a linha de Joaquim Távora. Há ônibus, como os da Empresa São Jorge, cujo estado de conservação e asseio são lastimáveis. Em muitos deles há umas vidraças nas janelas, que são uma verdadeira estupidez, para um clima como o nosso! Pois bem, os tais vidros nunca foram limpos, desde a construção do ônibus, e causam nojo. Os leitores, certamente, que já notaram isso, menos os responsáveis pela organização. Há outros ônibus que se submetidos a um exame rigoroso não se lhe poderia conferir autorização para trafegar com passageiros, principalmente, super-lotados, de tão

³¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A inoperância dos serviços de saúde. In.: **Gazeta de Notícias**, 14 jan. 1955, p.3.

³² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Transportes Coletivos. In.: **Gazeta de Notícias**, 21 nov. 1954, p.3.

velhos e acabados. São como latas velhas e, nas trepidações, não há quem possa agüentar a zuada (sic) de quanta táboa (sic) e parafusos soltos. Não estamos exagerando e esta é a verdade.³³

Por fim, ele critica o aumento das passagens dos ônibus e falta de controle dos horários, o que considera um grande prejuízo para a população:

Quando da pretensão, que terminou por sair vitoriosa, de aumentar o preço das passagens, prometeram os proprietários das Empresas de ônibus verdadeiras maravilhas: aumento do número de coletivos, melhor estado de conservação, carros novos, horários mais eficientes, enfim, uma revolução no sistema de transportes em nossa Capital. O leitor cumpriu com essas promessas? Certamente que não... Assim, também, fizeram os prometentes... quanto ao horário dos ônibus é um caso revoltante. Basta dizer que à partir das 19,30 horas, só há saída de ônibus dos pontos de estacionamento na praça do Ferreira, de 30 em 30 minutos. Isto está correto? Evidentemente, não está! Mas como é que ocorre? É em face da ausência de governo, da falta de interesse pela solução dos problemas do povo, este sempre muito bom lembrado quando se pensa em lhe tomar os votos. E estes, muitas vezes, desviados nas, “eleições por mapas”... Até quando, então, marcharemos nesse ritmo desconfortante?! ...³⁴

Poucos dias depois dessa publicação, em 26 de novembro, Luiz Campos já apresenta novidades sobre o assunto. Em seu artigo, naquele dia, o jornalista avisa que a Inspeção do Trânsito iria começar a colocar policiais para organizar as filas do transporte coletivo³⁵.

Infelizmente, a preocupação de Luiz Campos com a situação dos transportes em Fortaleza não se resolveria tão cedo³⁶. Em 1955, já registrava em seus artigos a problemática das greves e paralisações do setor de transporte coletivo:

Não se fala em outra cousa no seio do público – é a paralização (sic) completa dos ônibus. A população de Fortaleza está sem transportes. Cidade de 300 mil habitantes, vive, agora, a maior intensidade de uma crise sem precedentes. O transporte é fator capital para quaisquer atividades, e dele é que pode depender o progresso. Uma cidade sem transportes significa que está condenada ao decréscimo e à estagnação. E esta é a situação de nossa Capital.³⁷

³³ Idem.

³⁴ Idem. Ibidem.

³⁵ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os ônibus e as filas. In.: **Gazeta de Notícias**, 26 nov. 1954, p.3.

³⁶ Até hoje, o transporte público é um dos maiores problemas da Capital cearense, que, recentemente, passou por diversas greves dos motoristas, cobradores e fiscais do transporte público. A última aconteceu do dia 8 de junho de 2010 ao dia 24 do mesmo mês. Anteriormente, outras situações de paralisações dos ônibus já vinham acontecendo na Capital. Os motoristas, cobradores e fiscais exigiam aumento de salário e melhores condições de trabalho. Atualmente, Fortaleza possui 7 terminais fechados integrados e 2 terminais abertos não integrados. Mais de 1 milhão de passageiros por dia utilizam o sistema de transporte da cidade. Ao todo, o sistema trabalha com 233 linhas de ônibus regulares. Há ainda 22 linhas "corujões", que operam a partir da 00h. A frota operante é de 1.682 veículos, variando de mês para mês, em função da flutuação esperada do número de passageiros. Já a idade média dos veículos é de 4,6 anos. Disponível em: < <http://www.etufor.ce.gov.br/index.asp?pagina=sit.asp> > . Acesso em 16 de setembro de 2010.

³⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os ônibus e a Impunidade. In.: **Gazeta de Notícias**, 4 maio 1955, p.3.

Na continuação do artigo, o jornalista explica que a paralisação dos ônibus partiu da vontade dos empresários que possuíam as concessões do transporte coletivo em Fortaleza, a fim de conseguirem, a todo custo, pressionar a Prefeitura para conceder o aumento das passagens de ônibus.

E não eram apenas as greves e a má conservação desses meios de transporte que causavam problemas, até mesmo incêndios destes veículos foram registrados pelo jornalista:

Sábado último tivemos oportunidade de presenciar um sério acidente, que, por felicidade, não teve maiores e mais sérias conseqüências. Um ônibus, que faz a linha da LEGIÃO, precisamente às 22,15 horas, quando trafegava pela Avenida Duque de Caxias, entre as ruas Senador Pompeu e Barão do Rio Branco, indo da Praça do Ferreira para o fim da linha, foi envolvido por ameaçadoras chamas. Pegou fogo.³⁸

Entretanto, neste acidente, Luiz Campos esclarece que não houve nada de mais grave. Mas, alerta os governantes para que a situação não se repita e volta a falar que coisas dessa natureza só aconteciam por conta do estado em que os veículos se encontravam.

Os problemas de Fortaleza não acabavam por aí. Outro alvo das linhas ferrenhas de Luiz Campos era o comércio ambulante, que se espalhava pela Cidade e atrapalhava os pedestres. Este assunto foi tema das colunas do jornalista ainda na primeira semana na Gazeta de Notícias³⁹:

³⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Perigo: Incêndio num ônibus. In.: **Gazeta de Notícias**, 6 set. 1955, p.3.

³⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Comércio Ambulante. In.: **Gazeta de Notícias**, 20 nov. 1954, p.5.

Considerações COMÉRCIO AMBULANTE

As ruas mais centrais da Capital, justamente, onde o trânsito e o movimento comercial são mais intensos, oferecem um aspecto deprimente. É que, indiscriminadamente, alinham-se pelas calçadas bancas, tabuleiros, caixões, gradeados, com quanta espécie de mercadoria existe, desde avoantes secas, frutas, livros usados, até pentes, presilhas para cabelo, rendas etc.

Há como que uma epidemia de comerciantes ambulantes, criando um sério problema, no que respeita às questões de trânsito e apresentação urbanística da cidade.

Nas calçadas das lojas de moda, é comum se encontrar um tabuleiro expondo à venda avoantes, bananas, seriguelas, maçãs e toda espécie de quinquilharias. Não raro um homem corta peixe fresco a "faconadas", fazendo salpicar os circunstantes e o piso de sujo.

A calçada do Banco União, no Edifício do Palácio do Comércio, em toda a extensão da parte que dá para a rua Floriano Peixoto, está tomada, pela metade, de livros velhos para vender. Um moço resolveu instalar, ali, um verdadeiro "Sêbo", e o negócio prospera de tal modo que, em pouco tempo, os transeuntes terão de descer o passeio para não pisar sobre o "negócio" do "comerciante". Ainda ali, no lado que fica entre a porta principal do mesmo Banco e um salão de barbearia, outro cidadão instalou uma "loja" de artigos de uso doméstico, que vai desde o alfinete até as panelas, bacias, vasos em geral etc.

E ninguém toma uma providência. Por que? Com medo que os vendedores ambulantes venham a votar, nas eleições, contra aqueles que assumirem uma atitude de repressão, — já não se pode dizer ao comércio de tal ordem —, mas ao abuso e ao excesso que está sempre tomando maior vulto, naquele ramo de vida.

E porque essa gente tão temerosa de represálias não se inclina para o estudo objetivo do problema e procura, — vamos dizer, — construir um recinto próprio para reunir toda essa gente que, além de prejudicar o comércio — este que paga imposto e está sujeito às leis do Trabalho, da Alfândega, da Recebedoria, da Prefeitura, da Previdência Social —, oferece à cidade um aspecto de feira-livre permanente, sem discriminação de locais?!...

Inépcia ou comodismo administrativo... Dois diagnósticos que podem acertar!

Imagem 3: Artigo "Comércio Ambulante", de 20 de novembro de 1954.

Luiz Campos não se conformava com o espaço público das calçadas sendo tomadas pelos camelôs, pela sujeira e prejudicando o comércio, que pagava altos impostos ao Poder Público.

O problema estendeu-se por tanto tempo, que Luiz Campos chegou a insinuar que Fortaleza ganharia o título de “Cidade do Lixo”, uma vez que a imundície reinava na Capital. À época até porcos estavam sendo comercializados pelas calçadas de Fortaleza. A venda não se restringia apenas ao centro da Cidade, até a Aldeota, bairro da elite, de então, já estava sendo tomada pelos ambulantes e pelo Lixo, como explica o jornalista:

Ainda não faz muitos dias, constatamos a existência de uma feira de animais na calçada de um dos nossos melhores prédios residenciais, bem no centro da cidade, - a casa do Senador Távora. Lá havia uma dúzia de porcos e bacorins estendidos no passeio; além de uma fila enorme de galinhas, capões, pirus, etc., sujando tudo, provocando uma fedentina “respeitável”. Em diversos pontos da cidade é comum encontrarem-se entulhos enormes de lixo pobre, não só nos terrenos baldios, mas tomando as calçadas e o calçamento. Na Aldeota, o bairro que conta com excelentes residências, tais quadros são corriqueiros. É uma imundície completa, onde está faltando, já não a atuação do Serviço de Limpeza Pública (cousa que, praticamente, não existe) mas a própria ação das autoridades sanitárias do Estado.⁴⁰

Entretanto, após tantas críticas do jornalista e de outros movimentos da imprensa e do rádio, alguns homens do governo começaram a tomar providências sobre o assunto, como o Coronel Murilo Borges, que havia assumido o controle da polícia na Capital, após o prefeito Acrísio Moreira da Rocha ter assumido novamente a administração municipal. Em uma de suas colunas, Luiz Campos chega a elogiar o trabalho que o coronel vinha realizando⁴¹.

Outro problema que incomodava o jornalista eram as obras inacabadas que estavam tornando-se “pontos turísticos”, pois pareciam intermináveis. Dentre essas obras, encontrava-se o Cine São Luiz, a Catedral Metropolitana e o Estádio Presidente Vargas⁴², como explica Luiz Campos, também em uma de suas primeiras colunas:

⁴⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Cidade do Lixo. In.: **Gazeta de Notícias**, 28 abr. 1955, p.3.

⁴¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Cel. Murilo Borges e o Comércio de Calçada. In.: **Gazeta de Notícias**, 18 maio 1956, p.3.

⁴² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Cousas Inacabadas. In.: **Gazeta de Notícias**, 25 nov. 1954, p.3.

Considerações

COUSAS INACABADAS

Há, em Fortaleza, uma serie de cousas que não têm fim...

Dá inicio à seriação o Porto de Mucuripe, onde já foram gastas importancias fabulosas, sem qualquer resultado pratico. Agora, o Porto passa para outra fase de construção, com a aplicação das recomendações tecnicas do Laboratorio de Grenoble.

Em seguida vem o Edificio do Cine-São Luiz, cuja obra está se tornando uma atração turistica, não pela imponencia ou detalhes arquitetonicos da obra (inexistentes), mas pelo record de morosidade que registra.

A Catedral Metropolitana é construção para ser inaugurada fora do nosso tempo. E' provavel que os netos dos nossos netos venham a presenciar as festas majestosas, que, certamente, assinalarão o fato...

O predio do Liceu do Ceará é um caso de lamentar. Entra governo e sai "desgoverno", e, não obstante as sucessivas promessas, o edificio do nosso Colegio oficial continua com as mesmas instalações deficientes, precarias, aguardando que um dia surja alguem menos relacionado com as obras publicas (do ano de 2.000 em diante, pois neste seculo mesmo as esperanças já foram perdidas...).

Há, ainda, o Estadio Presidente Vargas, que nada tem de estadio, a Colonia de Psiquiatras, a sede do Clube Iracema, a estrada que liga Parangaba a Messejana, etc.

Tudo isso, sem falar nesse eterno regime de irresponsabilidade que caracteriza a ação administrativa entre nós, esta, aliás, é certo, o fator responsavel por essa sinfonia inacabada de notas destoantes que, até certo ponto, fala contra a tradição, que já se tornou proverbial, em espirito empreendedor e progressista do povo cearense.

As cousas serias, no entanto, que não deviam se acabar é que estão se exterminando, provocando-nos um estado de desanimo e melancolia...

L. C.

Imagem 4: Artigo "Cousas Inacabadas", de 25 de novembro de 1954.

Para Luiz Campos, o descaso com essas obras era tão grande, que nem mesmo seus netos iriam conhecer o cinema, que estava sendo construído pelo cearense que havia ganhado dinheiro e prestígio no ramo cinematográfico, Luiz Severiano Ribeiro⁴³:

Muito bem disse um jornal da terra, ao formular crítica do mesmo sentido: “como está, daqui há cem anos, em 2055, os netos dos nossos netos terão de responder à indagação dos visitantes – ISTO AQUI SERÁ O FUTURO CINE SÃO LUIZ, QUE ESTÃO, AINDA, CONSTRUINDO...”⁴⁴

A construção da Catedral foi inclusive alvo de uma campanha, encabeçada por Monsenhor Quinderé⁴⁵, e acolhida por Luiz Campos em suas colunas, que alertava que o final da obra dependia dos católicos da terra:

É de muita razão essa reativação da campanha em prol da construção da Catedral, pois que, a esta altura, já não se pode deixar de comentar que aquela construção precisa ser concluída, como uma obrigação do próprio povo católico da terra.⁴⁶

Outro ponto que, segundo Luiz Campos, prejudicava o crescimento de Fortaleza, era a falta constante de energia elétrica, que atingia, tanto o cidadão comum como o industrial, dificultando a instalação de um pólo industrial promissor na Capital:

A situação da vida da cidade, com essa falta de responsabilidade que vem imperando nas cousas da administração pública do Município, está se tornando um verdadeiro inferno. Já nem queremos falar na sujeira das ruas esburacadas, nos lixeiros que se espalham pelas esquinas dos bairros, no congestionamento das calçadas pela “mascateira” desbragada de quem o Prefeito é “amigo”. Queremos nos reportar a outra questão de ordem mais séria, que está atingindo à nossa economia e provocando verdadeiras agruras nos meios produtores, principalmente, os de pequena monta, mas que constituem fator ponderabilíssimo, dada a grande quantidade de empresas do mesmo porte. É a falta de energia que priva de movimentação a pequena indústria de nossa Capital. Os industriais de reduzidos recursos estão piores do que a Prefeitura – em completo estado de desespero e falência, pois falta-lhes energia elétrica para movimentação de suas máquinas.

⁴³ O Grupo Severiano Ribeiro é uma empresa de exibição de filmes de cinema do Brasil. Atualmente possui 215 salas de cinema, distribuídas em 35 complexos de exibição. Está presente em 16 cidades do país, e utiliza a marca Kinoplex para a rede de cinemas multiplex do grupo. O grupo surgiu nas mãos de Luiz Severiano Ribeiro, em Fortaleza, no ano de 1917, com a inauguração do Majestic, primeiro grande cinema da cidade. Posteriormente mudou-se para o Rio de Janeiro, alugando um palacete de três andares para sua morada. Logo associa-se à Metro-Goldwyn-Mayer. Pelo acordo, a companhia americana era responsável pelas reformas das casas e fornecimento de filmes, enquanto a empresa brasileira ficava a cargo do arrendamento e administração dos cinemas. O primeiro cinema próprio foi o Cine Odeon, no Centro do Rio. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Severiano_Ribeiro>. Acesso em 17 set. 2010.

⁴⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Uma atração Turística. In.: **Gazeta de Notícias**, 23 jan. 1955, p.3.

⁴⁵ Nasceu no Ceará, em 1º de janeiro de 1882. Filho de João Gualberto Quinderé e de Josefa Muniz Quinderé. Matriculou-se no Seminário de Fortaleza a 1º de março de 1895. Recebeu as ordens sagradas em 30 de novembro de 1904. Foi o Fundador do Colégio Marista Cearense, em 1912. Foi deputado estadual por duas legislaturas, sendo secretário da Casa do Povo, acumulando essas funções com as de Secretário Geral do Arcebispado, e pároco auxiliar da freguesia do Carmo. Faleceu em Fortaleza, Ce, em 26 de Agosto de 1960. Disponível em <<http://www.guiace.com.br/termo/padre-quindere>>. Acesso em 17 set. 2010.

⁴⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Vamos Concluir a Catedral. In.: **Gazeta de Notícias**, 29 jan. 1955, p.3.

Serrarias, carpintarias, pequenas fábricas, moinhos, oficinas mecânicas e de pintura, postos de lubrificação, tudo, enfim, vive em completo estado de estagnação, sem produzir, sem fazer negócios e a se encaminhar para a falência. E o SERVILUZ exige o pagamento em dia do consumidor que não consumiu coisa alguma, ou pelo menos, não conseguiu ganhar o suficiente para a quitação de suas contas⁴⁷.

Entretanto, esta, de longe, não era a maior das preocupações do jornalista. Mais que isso, o afligia o avanço da gatunagem em Fortaleza. A ânsia de resolver tão sério caso que atingia cidade, fez que o assunto fosse o segundo tema trabalhado por suas colunas que referisse aos problemas de Fortaleza. Para Luiz Campos, o avanço da violência na Capital dava-se por vários motivos:

Verdadeira onda de assaltos, arrombamentos e furtos vem se registrando em nossa Capital, provocando um clima de apreensão e intranquilidade no seio da população fortalezense. Se, na verdade, chega-se a criticar a ação policial pela ineficiência das medidas repressivas tentadas ou postas em prática para defender a população dos crimes contra o alheio, não se pode negar a existência de uma serie de fatores de outra ordem, que, aliando-se numa convergência única, constitui um problema dos mais sérios e delicados de caráter social e administrativo.⁴⁸

Dentre as explicações que o jornalista encontrava para o fato lamentável, três sobressaiam: uma crise nacional, em todos os âmbitos, a negligência dos governantes ao escolher os seus auxiliares e a falta de equipamento da polícia:

Em primeiro lugar, no que tange à questão social, cumpre salientar a presente conjuntura de crise em que vive o País. Há crises moral, econômica, política e intelectual, contribuindo, evidentemente, para uma conturbação na sociedade, resultando no desajustamento dos indivíduos, despertando-lhes as taras e impelindo-os para a delinqüência. Os freios, por assim dizer, relaxam-se... O mal exemplo emana de cima, vem da nata... Surge da contaminação das elites, pelo apodrecimento moral dos seus membros mais evidentes e pela corrupção desenfreada que abala, até, o prestígio das instituições e do regime. Administrativamente, penalizados, constatamos a negligência dos governantes na escolha de auxiliares que se situem a altura das responsabilidades exigidas pelos cargos, onde – faça-se justiça-, no entanto, chega-se a assinalar exceções. Ao mesmo tempo, a administração pública peca pela ausência de iniciativas salutares a favor da planificação de providências objetivas, práticas e calcadas em fundamentos científicos, que possibilitem o encaminhamento dos problemas, como o que nos ocupamos neste comentário, para soluções plausíveis. Finalmente, à Polícia faltam os recursos materiais necessários para um desempenho a altura das necessidades impostas pelas ocorrências, cada vez de caráter mais sério, e, todos os esforços e toda a boa-vontade orientados nesse sentido de agir dentro das carências próprias de crise, até ao seu ponto máximo.⁴⁹

⁴⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A situação da pequena indústria. In.: **Gazeta de Notícias**, 24 maio 1955, p.3.

⁴⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Gatunagem – Problema do momento. In.: **Gazeta de Notícias**, 17 nov. 1954, p.8.

⁴⁹ Idem.

Poucos dias depois da publicação deste artigo, Luiz Campos volta a abordar a mesma situação, afirmando que, antes do problema da gatunagem, Fortaleza tinha o problema do policiamento, que, para o jornalista, era ineficiente⁵⁰.

Porém, com a mudança de governo, Luiz Campos também elogia as atitudes do coronel Murilo Borges, à frente da polícia de Fortaleza, que, segundo o jornalista, depois de tal coronel, a cidade havia ficado bem mais tranqüila:

Conforta-nos, sinceramente, registrar o progresso que tem havido no setor policial em Fortaleza. Sem dúvida, não podemos dizer, ainda, que Fortaleza é uma cidade que conta com um serviço de polícia eficiente. Não é este o nosso propósito. Entretanto, não será favor afirmar-se que o Coronel Murilo Borges conseguiu realizar verdadeiro milagre, mesmo com medidas sem bastante profundidade, do que já está resultando, com efeito, uma melhoria sensível na atuação daquele órgão técnico e especializado a favor do povo. E o está fazendo sem estardalhaços, sem utilizar a força ou o arbítrio, nem acomodar situações. Mas com simplicidade, inteligência e energia, demonstrando senso prático e de administração. Hoje já podemos andar pela cidade, e a qualquer hora da noite são vistos policiais que vigiam as ruas.⁵¹

Mas, o trabalho do coronel Murilo Borges não conseguiu acabar de vez com o problema tão sério que envolvia a cidade. Até mesmo os roubos de carros já se registravam em Fortaleza e, segundo Luiz Campos, era o exército que iria passar a investigar esses crimes por conta do furto do carro de um general:

E agora o exército é quem vai entrar na liça, para combater a gatunagem de automóvel, embora deixe dos gabinetes oficiais e até nas cadeiras do Parlamento, os maiores da quadrilha, contrabandistas tradicionais e enriquecidos com o negócio ilícito de carros.⁵²

Desta maneira, infelizmente, o alerta dado por Luiz Campos, no seu primeiro artigo sobre este tema, só poderia se concretizar:

A verdade dos fatos mostra, em cores inconfundíveis, que nos enveredamos para um terreno onde florescerão, inapelavelmente, os problemas insolúveis, embora os elementos para repelir essa inclinação perigosa, estejam às nossas mãos exigindo, apenas, um pouco de sensatez e clarividência.⁵³

⁵⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os ladrões e o policiamento. In.: **Gazeta de Notícias**, 27 nov. 1954, p.3.

⁵¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os progressos da polícia. In.: **Gazeta de Notícias**, 18 out. 1955, p.3.

⁵² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O exército e os ladrões de automóveis. In.: **Gazeta de Notícias**, 30 ago. 1956, p.3.

⁵³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Gatunagem – Problema do momento. In.: **Gazeta de Notícias**, 17 nov. 1954, p.8.

Hoje, Fortaleza possui um dos maiores índices de criminalidade do país. As estatísticas são alarmantes. Em 2010, 1.021 homicídios aconteceram na Grande Fortaleza nos sete primeiros meses, segundo reportagem do jornal Diário do Nordeste⁵⁴.

Entretanto, não era só dos pequenos ladrões que Luiz Campos tratava em suas colunas, os grandes “apropriadores” do dinheiro público também foram alvo, diversas vezes, de suas palavras incisivas...

O CASO CEXIM E A AGRESSÃO DE JEREISSATI

A CEXIM era a Carteira de Exportação do Banco do Brasil. Foi criada em maio de 1941, pelo presidente Getúlio Vargas, a fim de beneficiar os produtos manufaturados nacionais, introduzindo o regime de licença prévia para as exportações. A CEXIM destinava-se a estimular e amparar a exportação de produtos nacionais e assegurar condições favoráveis à importação de produtos estrangeiros.⁵⁵

Na década de 1950, um grande escândalo envolvendo este órgão foi registrado no Ceará. Segundo denúncia do Deputado Federal do Ceará, pelo Partido Social Democrático - PSD, Armando Falcão⁵⁶, duas empresas do ramo de tecidos, a Bonaparte Maia e a Jereissati, do Sr. Carlos Jereissati⁵⁷ (líder do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB), haviam fraudado licenças de importação de tecidos para roupas masculinas, de modo que cerca de 90% destes produtos haviam entrado no país à custa de licenças falsificadas. Com isso, estes empresários teriam ganho bastante dinheiro.⁵⁸

⁵⁴ Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=832131>>. Acesso em 17 set. 2010.

⁵⁵ Disponível em <<http://www.bb.com.br/portallbb>>. Acesso em 17 de setembro de 2010.

⁵⁶ Advogado, Armando Ribeiro Falcão, natural de Fortaleza, nasceu em 1919 e faleceu em fevereiro de 2010. Foi Deputado Federal pelo PSD, sendo também Ministro das pastas da Justiça, Relações Exteriores e Saúde. Com o golpe militar e o bipartidarismo, filiou-se à ARENA, ocupando o cargo de Ministro da Justiça, no Governo Geisel. Nesse período, criou a Lei Falcão, que limitou a participação de políticos em programas de rádio e televisão, a fim de evitar uma vitória da oposição ao regime militar nas eleições de 1976.

⁵⁷ Natural de Fortaleza, nasceu em 2 de dezembro de 1916. Era filho de Aziz Kalil Jereissati e Maria José Boutala Jereissati. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 46 anos, em 9 de maio de 1963.

⁵⁸ Disponível em <http://www.mondoweb.com.br/_JOB/FUNDAMAR03/projetos_itens>. Acesso em 17 de setembro de 2010. Ver também: GOMES, Ângela de Castro. **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.66. O assunto é até mesmo salientado no livro “Agosto”, de Rubem Fonseca, quando, em um trecho se lê: “Armando Falcão denuncia contrabando de Jereissati no Ceará. O presidente do PTB cearense faz parte da quadrilha de ladrões que tomou conta do governo. O senhor sabe qual é o principal contrabando? Linho irlandês S-120. Esses nordestinos adoram se vestir de linho irlandês S-120”. FONSECA, Rubem. **Agosto**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 34.

Os jornais já pareciam haver esquecido o assunto quando Luiz Campos voltou a indagar pelas sindicâncias sobre o caso em suas colunas. Em seu artigo, de 28 de dezembro de 1954, ele pergunta como andariam as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito responsável por dito caso:

Notícias que nos tem chegado do Sul. Através dos despachos das agências noticiosas, dizem que a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil está ultimando providências a fim de apresentar queixa-crime contra responsáveis pela falsificação de licenças de importação. Tais divulgações fazem com que nos coloquemos na posição de perguntar: em que pé se encontra o inquérito parlamentar instaurado para apurar a responsabilidade pelos crimes de falsificação de licenças de importação, verificados na CEXIM do Ceará?⁵⁹

O jornalista não deixava que a população esquecesse tais fatos. Seus artigos sempre reiteravam a necessidade de inquérito deste suposto esquema de falsificação de licenças:

As autoridades competentes devem alertar, para esse estado de cousas desmoralizantes. É preciso que o dinheiro sugado da Nação e do povo através das infernais e cínicas maquinações temperadas na panela da escabrosa CEXIM, não tenha a força necessária, como soe acontecer para evitar a ação dos que tem o encargo de punir os defraudadores da lei⁶⁰.

Irritado, Luiz Campos publica dentro da sua coluna a íntegra de uma entrevista, veiculada no jornal “Última Hora”, de São Paulo, com o líder petebista do Ceará, Carlos Jereissati⁶¹. Indignado com os elogios feitos pelo jornal ao político cearense que alcançava renome nacional, o jornalista volta a chamar a atenção de seus leitores para o caso da CEXIM. Até então, Luiz Campos não havia citado nomes nos seus artigos dos responsáveis pelo escândalo. Desta vez, não procede da mesma forma:

Fiquem sabendo os nossos amigos do Sul, os que leram aquela reportagem, a qual não representa a verdade, nem mais do que o acanhamento do respeito que sempre foi votado ao nosso povo, que Jereissati foi eleito a custa da dinheirama desenfreada que se derramou por todos os recantos, dinheiro cuja procedência é do conhecimento geral, não se trata de um político nem de homem público, e, sim, de um nababo que tudo procura realizar, através do suborno, da corrupção e do capricho que lhes são facultados pelos milhões de suas arcas milionárias. De política nada entende. De público só tem a fama do nome envolvido naquela tranqüibéria repudiada por todo o País⁶².

⁵⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: E as Comissões Parlamentares de Inquérito? In.: **Gazeta de Notícias**, 28 dez. 1954, p.3.

⁶⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A rapinagem faz ninho no Ceará. In.: **Gazeta de Notícias**, 30 jan. 1954, p.3.

⁶¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Desconsiderações. In.: **Gazeta de Notícias**, 12 mar. 1955, p.3.

⁶² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Entrevista. In.: **Gazeta de Notícias**, 13 mar. 1955, p.3.

O assunto parece esfriar, mas, alguns meses depois, volta com toda a força. A celeuma parece ter sido iniciada com um novo artigo de Luiz Campos sobre uma outra fraude de Jereissati, agora relacionada ao imposto de renda. Infelizmente, este artigo, que deve ter sido publicado em 9 de outubro de 1955, não foi encontrado na coletânea do jornal *Gazeta de Notícias*, disponível na hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

Entretanto, o artigo parece ter sido bastante duro nas críticas ao então Deputado Federal, Carlos Jereissati. Tanto foi assim que, amigos em comum dos dois personagens, foram até o jornalista pedir que esquecesse esses fatos e parasse com as críticas ao líder do PTB.

O próprio deputado teria entrado em contato com a direção do jornal, à época, Olavo Araújo era o diretor da *Gazeta de Notícias*. O pedido feito era simples: a proibição da divulgação dos artigos de Luiz Campos. O político teria mesmo chegado a ameaçar o jornalista de ter de engolir seus artigos, o que causou a fúria de Luiz Campos, exposta em seu texto, na terça-feira, dia 11 de outubro, que veio publicado na primeira página do jornal:

O Ceará ainda não se transformou numa senzala de escravos, cujo senhor, de chicote na mão, é o sr. Jereissati. Aqui há, ainda, homens independentes, que sabem ser amigos dos amigos, mas não recuam diante de intimidações. O sr. Jereissati precisa entender que é muito difícil impor o silêncio a quem sabe e pode falar. O seu dinheiro pode valer bastante, até para pagar capangas hábeis em tentar fazer jornalistas engolir artigos, porém não subornará aos que se colocam acima do peso do ouro e da corrupção. O que deve fazer o “deputado” cexinista é ir ocupar o seu lugar na Câmara Federal e defender-se dos ataques e das críticas que lhe estão sendo feitas. Um homem que tem a consciência livre atua assim. Do mesmo modo como há aqueles que tem a hombridade moral e intelectual de acusá-lo, assim deveria proceder o sr. Jereissati na sua defesa. Se não o faz, certamente, é porque não se sente bem situado ou autorizado para isso. A arma da violência nem sempre colhe resultados positivos, e, às vezes, os efeitos podem até ser contrários. Na oportunidade, quero ressaltar que o sr. Jereissati fica responsável perante as autoridades e ao povo pelo que suceder de tudo isso⁶³.

O caso estava feito. A briga havia sido comprada. A partir dali, em lados opostos, o jornalista e o político iriam trocar muitas farpas.

⁶³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Caso Pessoal, não. Questão moral! In.: **Gazeta de Notícias**, 11 out. 1955, p.1.

Poucos dias depois da publicação deste artigo, as páginas da Gazeta de Notícias trazem à tona uma agressão sofrida pelo jornalista, ainda por conta dos artigos de Luiz Campos sobre Carlos Jereissati. A chamada de capa do jornal é taxativa⁶⁴:



Imagem 5: Capa da Gazeta de Notícias, em 25 de outubro de 1955.

Segundo artigo de Luiz Campos, publicado na mesma data, a agressão havia acontecido dois dias antes, em uma festa, na residência da família do Sr. Francisco Luna Machado, amigo em comum do político e do jornalista. No editorial, a Gazeta afirma que não se calará e continuará denunciando os erros de homens como Carlos Jereissati:

⁶⁴ Gazeta de Notícias, 25 out. 1955, p.1.

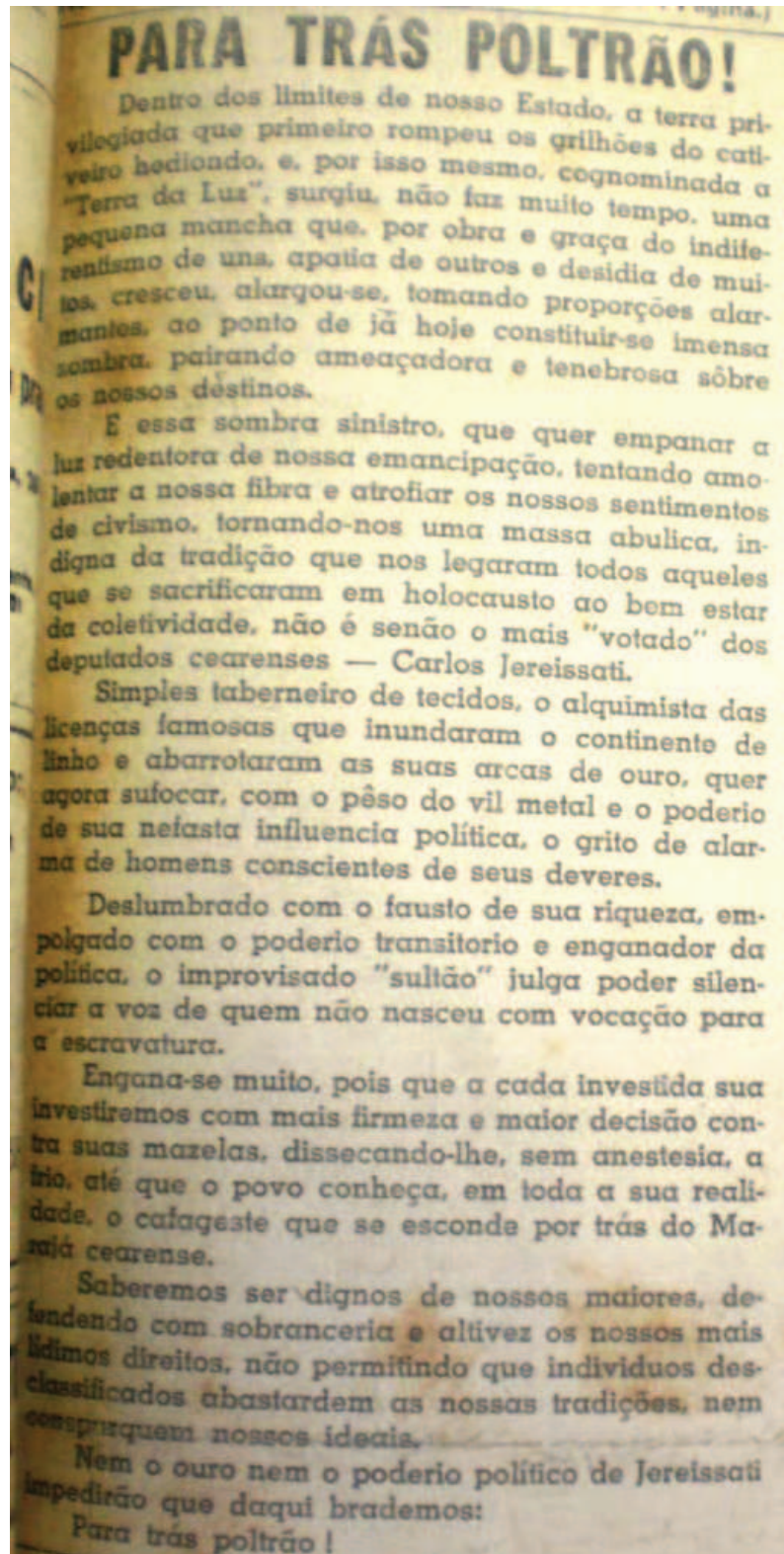


Imagem 6: Editorial da Gazeta de Notícias, em 25 de outubro de 1955.

Em seu artigo, neste mesmo dia, Luiz Campos conta como havia sido a agressão. Segundo ele, o político havia entrado na casa da família e deferido-lhe um golpe pelas costas, o qual ele revidou de imediato, causando uma situação que não havia terminado em cena de

sangue por conta da intervenção das pessoas que se encontravam no recinto. A explicação para tal agressão é apenas uma, na opinião do jornalista, a impunidade:

Aí está o resultado da impunidade, possibilitando e incentivando a evolução de um estado psíquico deformado cheio de recalque e neuroses. Esse homem que se apossou de uma fortuna fabulosa e ilícita, que se tornou um dominado pela ideia de todo poderoso inatingível, abominável pelo seu caráter corrompido, já está se excedendo em afronta e em desrespeito à dignidade e à tradição de honra do povo de nossa terra. O meu caso, certamente, foi pequenino exemplo disso. E este – cearenses – é o homem que pretende ser o “dono” do Ceará. Acusado de desonestidade, - não pode sequer transacionar com o Banco do Brasil, pois o seu nome, ali, integra uma “lista negra”. Envolvido numa negociata escandalosa – teve a sua entrada impedida até no Gabinete da Presidência da República. Sem melhor instrução, - é incapaz de pronunciar um discurso ou de escrever um texto que mereça leitura, e tudo da “sua lavra” tem a autoria de seus secretários particulares. Portador de um diploma de deputado federal – foge das suas obrigações parlamentares por inépcia, comodismo ou covardia, quando se vê atacado por voz destemerosa de um seu par. Agora, embora prestigiado pelo dinheiro, - Jereissati já não pode sequer freqüentar um meio social digno, honesto e respeitável, justamente porque acaba de aliar às suas tantas qualidades torpes, mais esta de MOLEQUE!!!⁶⁵

No mesmo dia e nos dias seguintes, muitas são as manifestações de apoio e solidariedade recebidas por Luiz Campos, por ocasião da agressão, e publicadas pela Gazeta de Notícias. Uma das primeiras manifestações é a da Associação Cearense de Imprensa, ACI. O periódico em que Luiz Campos trabalhava também se manifesta, com carta de repúdio a Carlos Jereissati, assinada por todos os seus funcionários.

Quem também se solidariza com a situação do jornalista é a Câmara Municipal de Fortaleza, a Ordem dos Inapiários, a União das Classes Produtoras, além da Associação Brasileira de Imprensa, ABI.

Outro que se manifesta em solidariedade a Luiz Campos é o também deputado federal Armando Falcão, o mesmo que havia solicitado a investigação das fraudes das licenças, de que era acusado Jereissati. Em telegrama ele escreve ao jornalista:

“URGENTE
Congenere jornalista Luiz Campos
Redação da GAZETA DE NOTÍCIAS, Fortaleza-Ceará
Acusando recebimento sua comunicação apresso-me manifestar-lhe inteira solidariedade face covarde agressão pt Você está defendendo tradições honra nosso Ceará podendo ficar certo consciência esclarecida terra natal aplaude bravo jornalista pt Vou levar assunto tribuna Camara e sugiro cabografar presidente Associação Brasileira Imprensa pt.
Aguardo detalhes pt Armando Falcão.”⁶⁶

⁶⁵ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Além de tudo, moleque!. In.: **Gazeta de Notícias**, 25 out. 1955, p.1.

⁶⁶ Telegrama de Armando Falcão. **Gazeta de Notícias**, 26 out. 1955, p.1.

Realmente, Armando Falcão chega a levar o assunto à tribuna da Câmara Federal⁶⁷:



Imagem 7: Pronunciamento de Armando Falcão sobre a agressão sofrida por Luiz Campos.

Os leitores, também se solidarizam com o jornalista. Várias são as cartas destas pessoas publicadas na Gazeta de Notícias. Os irmãos de Luiz Campos também publicam uma nota, em repúdio à atitude de Carlos Jereissati.

Em uma outra pequena nota, o próprio Luiz Campos afirma ter recebido a solidariedade do irmão do político, o Sr. José Jereissati, que o teria procurado a fim de se desculpar, em nome da família⁶⁸:

⁶⁷ **Gazeta de Notícias**, 26 out. 1955, p.1.

⁶⁸ Ao Público. **Gazeta de Notícias**, 25 out. 1955, p.7.

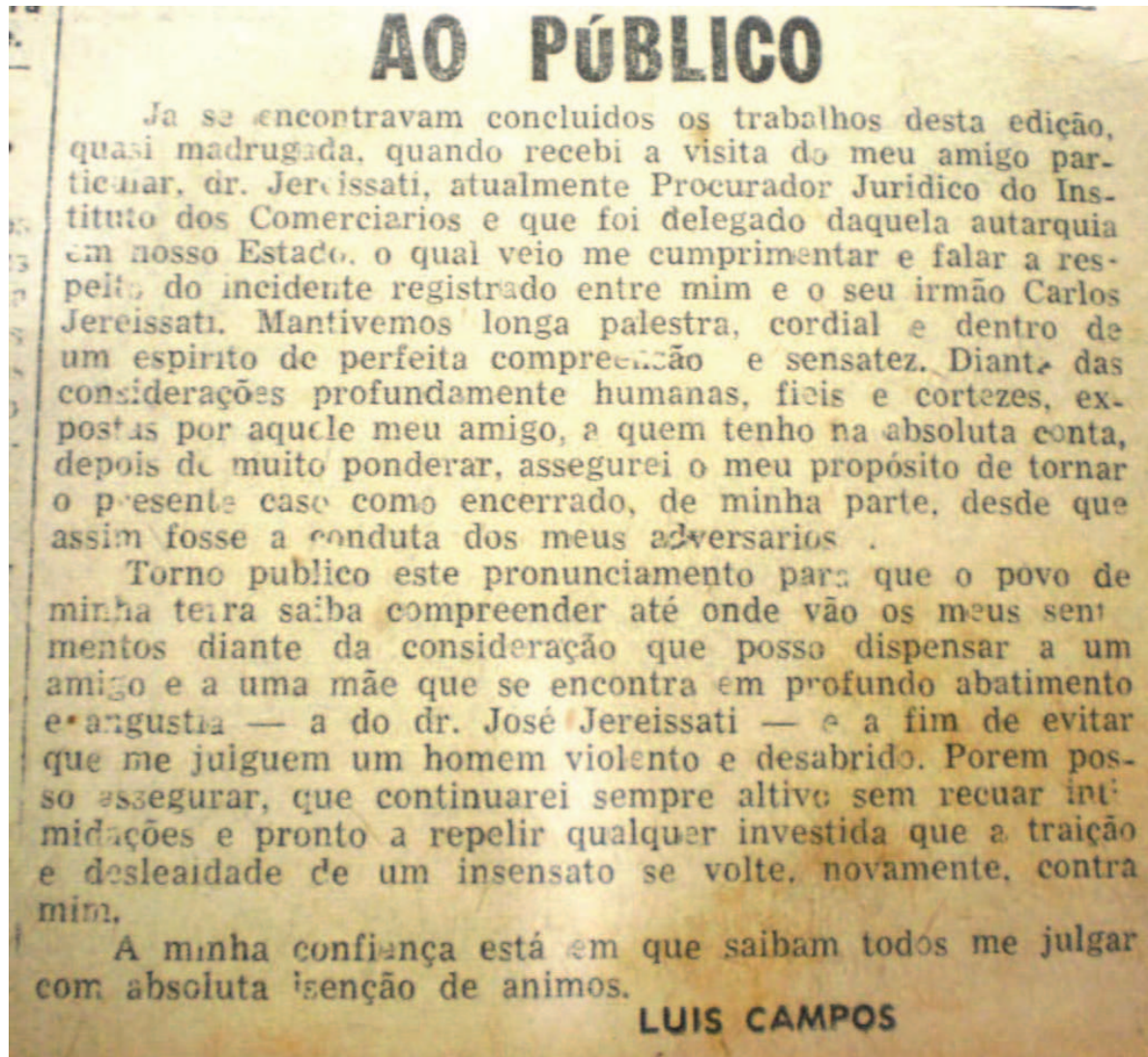


Imagem 8: Família Jereissati procura Luiz Campos.

Entretanto, não seria tão fácil para Carlos Jereissati escapar às linhas de Luiz Campos. Em artigo publicado no dia 27 de outubro de 1955, o jornalista agradece as manifestações de solidariedade e encerra o assunto da agressão afirmando que “é muito cedo ainda”...

Sem omitir a verdade, em recuar diante dos arreganhos sem temer a prepotência nem atacar certas conveniências de ordem pessoal, que prejudiquem os interesses da coletividade, é que tenho procurado orientar o meu trabalho e a minha função. Muito gostaria, pois, que me fizessem voltar à posição anterior, mais de acordo com as minhas condições e ao que, realmente, mereço... Nunca forcem voar um pássaro que ainda tem asas tensas! Ainda é cedo, muito cedo, ainda!...⁶⁹

⁶⁹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: É muito cedo ainda! In.: **Gazeta de Notícias**, 27 out. 1955, p.3.

O ABRIGO CENTRAL

O Abrigo Central de Fortaleza, ou Abrigo 3 de setembro, seu nome oficial, foi construído em 1949, pelo prefeito Acrísio Moreira da Rocha, no intuito de dotar a Cidade de um espaço adequado para as pessoas esperarem os ônibus. Ali, os passageiros do transporte público ficariam abrigados do sol e da chuva e ainda teriam a oportunidade de fazer pequenas compras nos boxes que ali foram instalados, além de engraxar sapatos, e, principalmente, encontrar os amigos para um bom bate-papo, que foi pelo que o espaço ficou mais conhecido.

No entanto, já na década de 1950, o lugar passa a ser alvo de críticas ferrenhas na imprensa, por conta da sujeira que se acumulava ali. Muitos jornalistas e formadores de opinião eram taxativos em afirmar que a solução para o problema seria apenas a demolição.

É nesse período que os artigos de Luiz Campos vão aparecer na tentativa de “defender” o Abrigo Central. Em nossa pesquisa coletamos vários deles, ao todo são cinco, distribuídos entre os meses de abril e julho de 1956. Todos abordam, como tema principal, a questão da possível demolição do Abrigo Central naquele ano.

O primeiro desses artigos, encontrado durante a nossa pesquisa, data do dia 27 de abril de 1956, quando o jornalista diz que

foi o vereador Paulo Mamede que, em uma de suas sessões desta semana da Câmara Municipal apresentou interessante requerimento⁷⁰ que, à quase totalidade das pessoas, passou despercebidamente, mas que precisa ser encarada da melhor forma. Falou o vereador Mamede nas precaríssimas condições em que se encontra, atualmente, o Abrigo Central da Praça do Ferreira.⁷¹

O autor se aproveita desta fala do vereador para tecer comentários sobre a situação do Abrigo Central, mostrando aos seus leitores como se encontrava aquele espaço. Luiz Campos fala então do aspecto do lugar:

no piso, os mosaicos estão soltando, o espaço que deveria ser amplo, segundo as previsões do projeto inicial, está completamente tomado por balcões que “estiram” cada vez mais. Não há iluminação, e, quando os cafés e botecos ali situados fecham, à noite, domina, no Abrigo, uma total escuridão, o que não está correto. As paredes e o fôrro estão imundos, representando um mural, em arte aprimorada, de

⁷⁰ Esse requerimento não foi por nós encontrado nas pesquisas nos documentos da Câmara Municipal de Fortaleza.

⁷¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Abrigo Central. **Gazeta de Notícias**, 27 abr. 1956, p. 3.

vergonhosa sujeira. O tecto (sic) está rachando. Quase sem inclinação, as águas vão se acumulando, a falta de melhor via de escoamento. Quando chove o abrigo, deixa de ser abrigo, para se tornar uma peneira, pois que, a água vaza por todos os cantos, molhando quem procura se defender da intempérie.⁷²

No entanto, o jornalista pondera que, mesmo estando nessa situação, o Abrigo não poderia cair, uma vez que

para o Abrigo converge, a toda hora, um número avultado de pessoas – verdadeira multidão -, que têm negócios ou nada fazem. É o ponto central da cidade, o local onde os encontros são marcados, onde se formam as rodas para palestras sobre os mais diversos problemas do povo, e onde filas bem extensas completam o espaço desocupado, a espera dos calhambeques, que a generosidade pública permite designar por ônibus. O abrigo é como uma casa livre do povo.⁷³

Justamente por isso é que Luiz Campos vai defender nos seus artigos que a prefeitura cuidasse mais daquele espaço, fizesse uma limpeza e uma inspeção na sua estrutura, uma vez que, segundo ele, o estado em que se encontrava o Abrigo realmente colocava em risco as pessoas que por ali transitavam.

Meses depois, há a publicação de uma matéria em que se fala de um requerimento para a demolição do Abrigo, feito pelo vereador José Diogo,

fazendo um apelo ao Prefeito, no sentido de que, quando terminar o contrato feito pela prefeitura com o concessionário do Abrigo Central para a construção do mesmo, determinar a sua demolição e, naquele local mandar construir um “jardim”.⁷⁴

E é aí que os artigos de Luiz Campos sobre o assunto da possível demolição do Abrigo Central vão ganhar força. No mês de julho de 1956, ele vai dedicar vários dias à discussão da necessidade ou não de se demolir aquele espaço. No seu artigo de 1º de julho de 1956 ele afirma que os argumentos utilizados para se demolir aquela obra são infundados. Fala mais uma vez das más condições de conservação do Abrigo, entretanto, aponta que a tentativa de demolição do mesmo acontece por interesses de terceiros, segundo ele, “milionários que querem comprar as atitudes do governo, a vergonha do povo, a dignidade dos legislados”⁷⁵.

⁷² Idem.

⁷³ Idem. Ibidem.

⁷⁴ “Pedida a demolição do Abrigo”. **Gazeta de Notícias**, 15 jun. 1956, p. 1.

⁷⁵ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Abrigo – Assembléia do Povo. **Gazeta de Notícias**, 1º jul. 1956, p.3.

É nesse artigo que o jornalista vai forjar o apelido com o qual o Abrigo passou a ser tratado nas demais crônicas dos que o defendiam. Luiz Campos passou a se referir ao lugar como sendo “a verdadeira ASSEMBLÉIA DO POVO”⁷⁶.

Luiz Campos defende essa idéia de que o Abrigo Central seria a Assembléia do Povo com veemência. Em sua entrevista ele falou com carinho do por que ter criado esse apelido para o local. Segundo ele, “defendia porque achava que aquilo ali era um lugar útil ao povo”⁷⁷. E acrescenta:

o Abrigo eu defendia por causa do calor, da intempérie, não tinha onde (as pessoas) ficassem. Era um ponto de encontro. Um lugar democrático. Rico, pobre, padre, veado, jogador de futebol, espírita, tudo se juntava ali, conversava, se dava bem. Ele foi um monumento simples, original.⁷⁸

Mas, Luiz Campos, foi além. Sendo um jornalista que, nas suas próprias palavras, “tinha independência dos diretores e escrevia o que queria”⁷⁹, foi capaz de publicar em seus artigos críticas ao mandato do prefeito Acrísio Moreira da Rocha e também de delatar quem seriam, segundo ele, os verdadeiros interessados na demolição do Abrigo Central, pessoas que queriam privar o povo de sua reunião habitual, impedir que o fortalezense conversasse.

Dentre os mais criticados por Luiz Campos encontrava-se o prefeito de Fortaleza, à época, Acrísio Moreira da Rocha, sobre o qual Campos sempre lembrava que era o mesmo que havia construído o Abrigo Central. Em um de seus artigos, o qual ele denomina de “A prefeitura e a demolição do Abrigo”⁸⁰, o jornalista fala sobre a quantidade exorbitante de dinheiro que a prefeitura de Fortaleza teria que despender para arcar com a demolição do mesmo. Segundo Luiz Campos, se o Prefeito Acrísio decidisse mesmo derrubar a obra, teria que pagar ao concessionário, o sr. Edson Queiroz, pois o contrato de exploração ainda estava vigente, assim como deveria indenizar os donos de boxes e ainda pagar a demolição e a posterior construção do jardim.

⁷⁶ Idem. Grifo do autor.

⁷⁷ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem. Ibidem.

⁸⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Prefeitura e a Demolição do Abrigo. **Gazeta de Notícias**, 3 jul. 1956, p. 3.

É a partir daí que ele vai aumentar as suas críticas a Acrísio Moreira, pois o prefeito, segundo o artigo em questão, vivia a dizer que a prefeitura não possuía dinheiro, o que leva Luiz Campos a escrever o seguinte:

A Prefeitura não tem dinheiro para gastar no tratamento das nossas praças, pelo menos para aguar a grama, que não requer tantas verbas; o Prefeito vive a aumentar impostos e a criar novas luxações escorchando a população desamparada e espoliada por tantas inconseqüências, alegando faltar recursos a Edilidade, ainda diz que não há arrecadação para pagar, sequer, ao funcionalismo e é o próprio Chefe do Executivo Municipal que vive a “chorar” misérias talvez mais para justificar a inépcia e falta de iniciativa na administração da Comunal. Como é, então, que agora, pode despender milhares de cruzeiros que poderão chegar a ser milhões, unicamente com o desejo de construir um jardimzinho na Praça do Ferreira?!... Logo se vê que tudo está se passando sob o manto da insinceridade e da traição à verdade: ou a Prefeitura tem muito dinheiro e o Prefeito logo arela nos olhos da população dizendo que não tem, ou não há nisso tudo interesses para a Municipalidade e nem para o povo na destruição do Abrigo Central, tudo se voltando para favorecer a proprietários ambiciosos e insensatos.⁸¹

Mas não era somente o prefeito o alvo das críticas deste jornalista, um outro seu desafeto, o deputado Carlos Jereissati, também volta a ser bastante criticado em seus artigos sobre o Abrigo Central. Segundo Luiz Campos, todo mundo sabia que a pretensiosa ideia de se demolir o Abrigo provinha de interesses de terceiros, que, como aponta em um de seus textos, seriam

dois interesses capitalistas inimigos do povo, sob diversos aspectos, até mesmo o moral – a IMOBILIÁRIA JEREISSATI (vejam só...) e a SUL – AMÉRICA. Essas empresas visam, apenas, através dessa forma urdida contra os interesses da população, à demolição do Abrigo para lhes abrir a testa de uma praça, que vai ficar encravado entre duas metades de quarteirão, contra todas as leis de estética urbanística, e, embora um aleijão, possa lhes beneficiar com uma valorização duplicada nos seus dois edifícios (um em construção e outro há algum tempo concluído). Esta é que é a história verdadeira da demolição do Abrigo da Praça do Ferreira. Não há “monstrengo”, não há iminência de “derrocada” porque a idéia já foi suscitada e os técnicos disseram que não havia justificativa para o alarme, não existe explicações de que o abrigo perdeu a sua finalidade precípua com a retirada dos ônibus, e, muito pior, o interesse de fazer um melhoramento urbanístico, com a construção ali, de um “jardimzinho” de luxo.⁸²

Segundo Luiz Campos, seriam essas duas empresas, proprietárias de edifícios ao lado do Abrigo Central, que estariam pressionando a prefeitura para que houvesse a demolição daquela construção, uma vez que o espaço ocupado pelo Abrigo Central estava mal conservado e com uma frequência que não era desejada pelas elites da Cidade, o que fazia diminuir as expectativas dos seus negócios, principalmente do prédio em construção do seu

⁸¹ Idem.

⁸² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os Interessados na demolição do Abrigo. **Gazeta de Notícias**, 4 jul. 1956, p. 3. Grifos do autor.

velho desafeto, deputado Carlos Jereissati, que se constituiria em um hotel de luxo, na época, o Savannah, e não combinaria com ele aquela vizinhança que se apresentava. Isso tudo foi novamente confirmado na fala de Luiz Campos na entrevista. O jornalista nos contou que

tinha sido construído já na Rua Pará o Edifício Sulamérica, onde funcionava o IAPI e estavam terminando de construir o Hotel Savannah, do Sr. Carlos Jereissati. E ele pressionava muito. Achava que aquilo devia sair dali, aquele Abrigo, porque ele dizia que ia desvalorizar o prédio dele, o hotel, porque, realmente, o Abrigo tava se tornando uma coisa assim, meio descontrolada e a prefeitura...⁸³

Além disso, Luiz Campos, em seus artigos, ainda fazia questão de afirmar que as inspeções que eram feitas para apurar as condições em que o Abrigo Central se encontrava, eram uma farsa da prefeitura junto com essas empresas, já que, segundo ele, os engenheiros que faziam essas inspeções eram ligados por laços de família e por negócios com os empresários acima citados. Dessa forma, o jornalista propunha que deveriam “ouvir engenheiros que não estivessem tão entrosados nessa trama, que não fossem tocados pelas conveniências dos interessados na tal demolição. Mande buscar gente de fora, contanto que o povo e próprio governo não seja envolvido ou enganado”⁸⁴.

Os artigos de Luiz Campos em defesa do Abrigo Central da Praça do Ferreira caíram no gosto de outros jornalistas, como é o caso de Adísia Sá⁸⁵, que no mesmo mês também publica crônica a favor da permanência do espaço. A jornalista afirma que

O Abrigo, que Luiz Campos chama de “assembléia do povo”, é um monumento. (...) O Abrigo é um patrimônio do povo, que ninguém pode demolir. Se matarem o Abrigo, onde é que a gente vai sentir o sabor da província, as coisas da cidade, as críticas, o fervilhar de opiniões, o resultado do futebol, a vida do próprio povo?⁸⁶

⁸³ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁸⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os Interessados na demolição do Abrigo. **Gazeta de Notícias**, 4 jul. 1956, p. 3.

⁸⁵ Maria Adísia Barros de Sá é natural de Cariré, Ceará. Licenciada em Filosofia Pura pela Universidade Católica de Filosofia do Ceará e tem grau de Doutora em Filosofia e Comunicação pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ocupou cargos de direção na Associação Cearense de Imprensa, no Sindicato dos Jornalistas do Ceará e na Federação Nacional dos Jornalistas. “A professora Adísia, tratamento que todos lhe dedicam, tem 50 anos de jornalismo, completados em 2005. O primeiro curso de Jornalismo no Ceará surgiu a partir de sua iniciativa, organizando o grupo fundador do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), na qual aposentou-se. Formou várias gerações de jornalistas na UFC, Universidade da qual é professora emérita. Iniciou a sua carreira na Gazeta de Notícias, passou pelo O Estado, O Dia, até fixar-se no O POVO, no qual continua até hoje escrevendo um artigo semanal. Foi comentarista em várias emissoras de televisão, atividade que continua a exercer diariamente na AM do Povo”. “Adísia Sá: Ombudsman Emérita”. **Jornal O Povo**, 10 mar. 2005.

⁸⁶ SÁ, Adísia. “Fortaleza – A Desposada do Sol”. **Gazeta de Notícias**, 10 jul. 1956, p. 1.

Aqui percebemos mais uma vez a influência que os artigos de Luiz Campos tiveram nas demais crônicas jornalísticas do período, fazendo o apelido por ele dado ao Abrigo se tornar uma bandeira em defesa de sua permanência na Cidade. Da mesma forma que também é notável que se fazia uma campanha contra os “interessados”⁸⁷ na demolição do espaço, o como é apontado por esta jornalista.

Entretanto, com o passar dos dias essas crônicas e artigos se esgotam e nos jornais não se fala mais na questão da possível demolição do Abrigo, que não chega a se efetivar naquele momento. Questionado sobre o fim de seus textos sobre este assunto, Luiz Campos respondeu que era “porque tinha outros assuntos, esgotou. Eu já tava falando demais daquilo, né.”⁸⁸. O jornalista complementa, então, a sua fala dizendo que parou de tratar do tema da demolição do Abrigo em seus artigos, porque “acalmou-se, falaram que não iam mexer no Abrigo e tá certo”⁸⁹.

Para encerrar esse tópico, vamos deixar para o leitor uma exposição de Luiz Campos, em que o jornalista tenta explicar o porquê da escrita de seus artigos sobre o Abrigo, mostrando a sua relação com aquele espaço:

Eu adotei o Abrigo como uma... Como um tutor do Abrigo, porque aquilo era popular. O povo se encontrava ali. Às vezes, eu ia pra lá encontrar os amigos e tal. Aquilo era muito bom... Se emprestava dinheiro, pedia dinheiro emprestado, discutia, apostava no futebol, havia briga. Todo dia quando eu saía da Gazeta eu ia comer um pudim lá e tomava um café, aí pegava um carro e ia pra casa.⁹⁰

Logo após esse período, Luiz Campos é empossado no cargo de presidente da Caixa Econômica Federal no Ceará e seus artigos desaparecem da Gazeta de Notícias. Entretanto, segundo matéria da própria Gazeta, Luiz Campos passaria a apresentar o programa “Ponta de Lança” na rádio Verdes Mares⁹¹, em um horário comprado por ele e alguns amigos. No programa, que ia ao ar ao meio-dia e meia, também eram lidas crônicas do jornalista.

⁸⁷ Segundo Luiz Campos, em sua entrevista, quem assinava por Moema na Gazeta de Notícias era a mesma jornalista Adísia Sá. Uma vez que existiam poucas mulheres escrevendo nos jornais da época, ela adotou esse pseudônimo para dar ao leitor uma impressão de que havia mais redatores nos jornais. Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁸⁷ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem. Ibidem.

⁹⁰ Luiz Campos fará um programa diário na Rádio Verdes Mares. **Gazeta de Notícias**, 30 nov. 1956, p.8.

A COLUNA “INVESTIMENTO – ECONOMIA E FINANÇAS”

A vida jornalística de Luiz Campos, porém, não acabou com a saída dele da Gazeta de Notícias, em 1956. Como já foi dito, depois que saiu do jornal, Luiz Campos passou a apresentar o programa “Ponta de Lança”, na rádio Verdes Mares.

Mas, ele fica afastado do periódico por poucos anos. Em 1964, Luiz Campos, que, à época, ocupava o cargo de vice-prefeito de Fortaleza e era ex-presidente da Caixa Econômica Federal no Ceará, volta aos quadros da Gazeta de Notícias para escrever uma nova coluna.

Desta vez o tema alvo das linhas de Luiz Campos seria bastante especializado: Investimento – Economia e Finanças. Assim como as “Considerações”, a coluna aparece, no começo, esporadicamente, a partir de 23 de agosto de 1964. Entretanto, poucos dias depois, em 30 de agosto, já passa a ser diária e fixa na página três do jornal, a mesma que recebia as antigas colunas. Os assuntos eram voltados para os investidores, economistas, administradores e empresários.



Imagem 9: Primeira coluna “Investimento – Economia e Finanças”, publicada em 23 de julho de 1964.

Em abril de 1966, a coluna volta a ser publicada esporadicamente e agora com o nome de “Atualidades Econômicas”, sumindo, pouco tempo depois, das páginas do diário.

Mas, é, então, com a sua volta à Gazeta de Notícias que Luiz Campos vai ocupar novos cargos dentro da administração do periódico. Em dezembro, do mesmo ano, o jornalista passa a ser o cargo de Diretor da Gazeta, com a saída de Dorian Sampaio.

São quase três anos ocupando a diretoria do jornal. Adísia Sá, sua colega, afirma em entrevista para o livro “História & Memória do Jornalismo Cearense” que Luiz Campos era um “panfletário” do jornal⁹².

Em setembro de 1967, Luiz Campos deixa a direção da Gazeta de Notícias e passa a figurar apenas como seu redator especializado, no entanto, suas colunas já não apareciam no jornal desde 1966.

É em meados de 1968 que o nome de Luiz Campos desaparece definitivamente dos quadros da Gazeta de Notícias. Após longa viagem aos Estados Unidos da América, o importante jornalista daquele veículo iria assumir, agora, o cargo de diretor do Banco Nacional de Habitação, no Ceará.

⁹² PONTE, Sebastião Rogério (coord.). **História & Memória do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC/UFC), Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará, Secretaria de Cultura, 2004.

O POLÍTICO

O envolvimento de Luiz Campos com a política não se deu apenas depois de sua passagem pelo jornalismo. Desde cedo, ainda acadêmico do curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Ceará, já participava do movimento estudantil, sendo Secretário Geral do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua.

Segundo ele, este cargo no Centro Acadêmico o levou à Secretaria da União Estadual dos Estudantes e lhe rendeu a primeira viagem de avião, no final da década de 1940:

Eu era nessa época secretário geral do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, e era secretário geral da União Estadual dos Estudantes. E viajava para participar do congresso nacional dos estudantes no Rio de Janeiro. Foi a primeira viagem que eu fiz de avião. Eu tinha 22 anos⁹³.

A participação de Luiz Campos neste congresso⁹⁴ parece ter sido bastante movimentada, como ele mesmo conta:

Nesse congresso eu cheguei a ser candidato à presidência da UNE, num acordo geral, mas terminei desistindo dois dias antes da eleição, porque eu teria que me mudar para o Rio de Janeiro. Aí, fizemos um acordo e foi candidato em meu nome José Bonifácio, de São Paulo, que depois chegou a ser senador, governador de São Paulo. Eu podendo indicar um cearense que estudava no Rio de Janeiro, indiquei o Dr. Porfírio Sampaio, que foi vice-presidente e ocupou a presidência da UNE não sei quantas vezes⁹⁵.

Entretanto, a participação efetiva de Luiz Campos na política se dá a partir do ingresso nos quadros do PSD (Partido Social Democrático), impulsionado, primeiro, por um lado ideológico, mas também pelo sogro, Plínio Câmara, que já era membro do partido e líder na zona da região de Quixeramobim. Depois do casamento, em 1953, o próprio Luiz Campos explica o envolvimento dele com a política pelo PSD, através do sogro⁹⁶:

Ele era chefe do PSD na zona, mas nem um filho, eram 12 filhos, tinha quatro homens, ninguém quis saber de política, outras casaram e os genros também não

⁹³ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁹⁴ Na verdade, foi o 9º Congresso da União Nacional dos Estudantes que elegeu José Bonifácio Coutinho Nogueira como presidente desta entidade estudantil, realizado entre os dias 22 e 28 de julho de 1946, e não em 1947, como nos falou Luiz Campos em entrevista. Disponível em: < <http://www.mme.org.br>>. Acesso em 22 de setembro de 2010.

⁹⁵ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁹⁶ Segundo Luiz Campos, seu sogro era proprietário da Fazenda Teotônio, uma das maiores do interior do Estado e responsável por grande parte da produção de gado leiteiro, pertencente à firma Plínio Câmara Vieira Ltda., que deu origem ao município de Madalena. Hoje a fazenda é de propriedade do Grupo Edson Queiroz.

queriam saber de política. O único que era político e era do PSD era eu, aí ele ficou maluco comigo⁹⁷.

O PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

O Partido Social Democrático foi fundado no Brasil em 17 de julho de 1945. Formado com o apoio de Getúlio Vargas, em seus quadros reuniam-se antigos interventores do Governo Federal nos estados, o número de legenda era o 41.

Junto com o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PSD formava a base getulista no cenário nacional, entrando sempre em confronto com a União Democrática Nacional (UDN), encabeçada por Carlos Lacerda, que era antigetulista.

Durante o período democrático, de 1945 a 1964, o PSD era um dos três maiores partidos nacionais, atingindo altos índices nas eleições, principalmente, de 1945, 1950 e 1954.

Entretanto, segundo o sociólogo Bolívar Lamounier,

o PSD viria a encarnar o lado conservador do getulismo, compreendendo numerosos representantes da alta burocracia pública, interventores e administradores municipais que haviam servido ao Estado Novo, lideranças vinculadas ao comércio e às profissões no interior do país, e proprietários de terras – que ainda conseguiam controlar grande parte do eleitorado pobre das áreas rurais⁹⁸.

No Ceará não era diferente. Entre os nomes mais expressivos do PSD estadual, na década de 1950, estavam, por exemplo, o ex-Interventor Menezes Pimentel⁹⁹, o advogado José Martins Rodrigues¹⁰⁰, o médico Waldemar Alcântara¹⁰¹, o empresário Oziris Pontes¹⁰² e o advogado Armando Falcão.

⁹⁷ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

⁹⁸ LAMOUNIER, Bolívar. **Da Independência a Lula: dois séculos de política brasileira**. São Paulo: Augurium Editora, 2005, p.125.

⁹⁹ Francisco de Menezes Pimentel, natural de Santa Quitéria, nasceu em 1887 e faleceu em 1973. Foi Deputado Estadual do Ceará, Governador do Estado, Interventor, Deputado Federal, Senador e Ministro da Justiça e Negócios no governo de Nereu Ramos.

¹⁰⁰ José Martins Rodrigues, natural de Quixadá, nasceu em 1901 e faleceu em 1976. Ocupou o cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores, no governo de João Goulart.

¹⁰¹ José Waldemar de Alcântara e Silva, natural de Anacetaba, nasceu em 1912 e faleceu em 1990. Foi Deputado Estadual, Federal, Senador e Governador do Ceará.

¹⁰² Oziris Pontes, natural de Massapê, nasceu em 1918 e faleceu em 1985. Foi Senador pelo Ceará.

Com o golpe militar e instituição do AI-2, o partido foi extinto¹⁰³. A partir daí, apenas dois partidos passariam a existir oficialmente no cenário político nacional, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que reunia os defensores do regime militar e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que fazia oposição ao regime.

Porém, é no final da década de 1950, que as histórias de Luiz Campos e do partido getulista começam a aproximar-se ainda mais. Não custa aqui lembrar que, àquela época, jornalismo e política andavam de mãos dadas, como explica Franklin Martins:

Até algumas décadas atrás, os jornais, em sua maioria, tinham um caráter quase partidário. E dirigiam-se também a um leitor razoavelmente partidário. Para um e para outro a opinião era tão ou mais importante que a notícia. O leitor comprava o jornal esperando encontrar uma cobertura afinada com o seu viés político – ou, pelo menos, não muito distante dele. Já o jornal buscava cativar o leitor atendendo a essa expectativa.¹⁰⁴

A PRESIDÊNCIA DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

No final de 1956, entre os dias 20 de setembro e 4 de outubro, as colunas “Considerações” somem das páginas da Gazeta de Notícias. Quem acompanha as páginas do antigo jornal, pergunta-se o que teria acontecido com o jornalista naqueles dias. A resposta é fácil. No dia 4 de outubro, a Gazeta publica em primeira página que Luiz Campos, que estava em viagem ao Rio de Janeiro, então capital brasileira, regressava a Fortaleza.

Na matéria, que é acompanhada por uma fotografia de Luiz Campos rodeado por amigos, na chegada ao aeroporto Pinto Martins, explica-se que o jornalista havia ido à Capital Federal “em caráter particular”, aproveitando para conhecer as redações dos maiores jornais do país e trazer vasto material para a Gazeta¹⁰⁵.

¹⁰³ O PSD ainda volta a existir durante a “Nova República”. Entretanto, em 2003, foi incorporado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

¹⁰⁴ MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. São Paulo: Brasiliense, 1998, p.17.

¹⁰⁵ Regressou o jornalista Luiz Queiroz Campos. **Gazeta de Notícias**, 4 out. 1956, p.1.



Imagem 10: Fotografia da chegada de Luiz Campos ao aeroporto Pinto Martins, após viagem ao Rio de Janeiro, em 4 de outubro de 1956.

O motivo desta viagem podemos perceber nos dias seguintes. Apesar de o periódico afirmar que Luiz Campos voltaria imediatamente às suas funções na Gazeta de Notícias, ele escreve apenas duas colunas, uma no dia 6 e outra no dia 7 de outubro.

Nesse mesmo dia, uma matéria de primeira página do matutino afirma que Luiz Campos estava cotado para assumir a presidência da Caixa Econômica Federal¹⁰⁶ no Ceará. E quem queria o jornalista na CEF? O PSD, partido do qual ele fazia parte, como explica a reportagem da Gazeta:

Segundo foi noticiado, esteve reunido, ontem, o diretório estadual do Partido Social Democrático, com objetivo de fazer a escolha do nome a ser indicado ao Presidente da República para ocupar o cargo de Diretor da Caixa Econômica Federal do Ceará, vaga existente em virtude do sentido e lamentado falecimento do Sr. Vicente Linhares. À reunião em apreço compareceram cerca de 36 dos 40 membros integrantes daquele Diretório. Por decisão unânime – o que é sobremodo significativo – o Diretório do PSD deliberou indicar para a vaga existente na Caixa Econômica, o nome do dr. Luiz Campos, jornalista e advogado dos mais destacados da nossa capital¹⁰⁷.

A reportagem é ainda acompanhada de uma fotografia da reunião:

¹⁰⁶ A Caixa Econômica Federal é um banco público brasileiro, fundado em 12 de janeiro de 1861, pelo Imperador Dom Pedro II. Disponível em < http://www.caixa.gov.br/acaixa/historia_missao.asp>. Acesso em 23 de setembro de 2010.

¹⁰⁷ Luiz Campos indicado por unanimidade para a vaga deixada por V. Linhares. **Gazeta de Notícias**, 7 out. 1956, p.1.



Imagem 11: Reunião do PSD que indicou o nome de Luiz Campos para a direção da Caixa Econômica Federal no Ceará. Na foto, além do jornalista, estão os principais nomes do PSD, como Jáder de Figueiredo e Mauro Benevides.

Entretanto, a escolha de Luiz Campos para o cargo, sobre a qual o jornal afirma que “merecerá a acolhida e apoio necessários”, pareceu não sensibilizar o Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

A própria Gazeta de Notícias anuncia, dias depois, que o nome escolhido para o preenchimento da vaga deixada seria o de Antônio José Gentil¹⁰⁸. A nomeação aparece no Diário Oficial da União em 20 de novembro de 1956:

“O Presidente da República resolve nomear: de acordo com o art. 8º, § 1º do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 24.427, de 19 de junho de 1934, Antonio José Gentil, Membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará, para exercer a função de Presidente do mesmo Conselho, na vaga decorrente do falecimento de Vicente Alves Linhares”¹⁰⁹

Mas, o jornalista, que havia assumido uma Diretoria da Caixa Econômica, não precisaria esperar muito tempo para ocupar o cargo para o qual o partido desejava indicar-lhe.

A presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará é alcançada por Luiz Campos apenas em 1960, ao final da gestão de Antônio José Gentil. No entanto, o jornalista Luiz Campos já era membro do Conselho Administrativo do banco público.

¹⁰⁸ Antônio José Gentil era também membro do Partido Social Democrático.

¹⁰⁹ Pag. 6, Seção 1. DOU de 20 de novembro de 1956.

A nomeação do jornalista para a Presidência do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará é publicada no Diário Oficial de 24 de agosto de 1960, juntamente à demissão de Antônio José Gentil:

**DECRETOS DE 24 DE AGOSTO
DE 1960**

O Presidente da República resolve

DEMITIR:

De acôrdo com o artigo 207, item X, da Lei nº 1.711, de 28 de outubro de 1952, combinado com o artigo 193, itens IV e XI, da mesma lei

Tendo em vista o que consta do Processo nº 18.384-60, da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda Antonio José Gentil, do cargo de Membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Estado do Ceará e da função de Presidente do mesmo Conselho.

NOMEAR:

De acôrdo com o artigo 8º, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 24.427 de 19 de junho de 1934

José Milton de Holanda Pimentel para exercer a função de Membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará, na vaga decorrente da demissão de Antonio José Gentil.

Luiz Queiroz Campos, membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Ceará, para exercer a função de Presidente do mesmo Conselho, na vaga decorrente da demissão de Antonio José Gentil.

Imagem 12: fac-símile do Diário Oficial da União, de 24 de agosto de 1960.

Sobre a atuação na Caixa Econômica Federal do Ceará, o próprio jornalista nos relatou que os seus principais feitos foram “moralizar” o banco e dar lucros:

Juscelino Kubitschek era o presidente da República, eu era o presidente da Caixa Econômica, tinha botado os ladrões da Caixa Econômica presos, prendi num inquérito muito sério. Moralizei a Caixa Econômica, fazia 15 anos que dava prejuízo, passou a dar lucro e transformou-se numa Caixa padrão para o Brasil¹¹⁰.

¹¹⁰ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

A passagem de Luiz Campos pela presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará dura dois anos. Em 1962, é exonerado do cargo para que assumisse Manuel Gentil Porto.

Entretanto, esta exoneração e a consequente indicação do novo nome, parecem, mais uma vez, ter uma “mãozinha” do antigo desafeto do jornalista, o Deputado Carlos Jereissati.

Desde junho de 1962, as informações sobre a saída de Luiz Campos da Caixa Econômica já eram divulgadas pelos jornais de Fortaleza:

Fonte extra-oficial informa que deverá ser nomeado para o cargo de Presidente da Caixa Econômica Federal do Ceará, em lugar do jornalista Luiz Campos, o comerciante Manuel Gentil Porto. Ouvido pela reportagem de O Povo, disse o sr. Luiz Campos, baseado em informação de pessoa vinda, ontem, de Brasília, que o ato não foi publicado no Diário Oficial e que o deputado Martins Rodrigues não concorda em ceder a presidência da CEFC ao PTB jereissatista. No entanto, considera quase certa a sua substituição pela pessoa que for indicada pelo Deputado Carlos Jereissati¹¹¹.

A reportagem do jornal O Povo vai além, explicando, ainda, segundo Luiz Campos, que o nome que estava sendo cotado para assumir a presidência da Caixa Econômica no Ceará, era primo de Antônio José Gentil, que teria sido demitido da presidência anterior do órgão, após uma denúncia feita pelo próprio jornalista de um desfalque de 20 milhões de cruzeiros na CEF.

O Presidente da CEF-Ce afirma ainda para o periódico que deixaria o banco com lucros superiores aos do ano anterior. Saindo da Caixa Econômica, o jornalista afirma que voltaria a atuar nos jornais, mas que também estudaria propostas de empregos em firmas particulares e no próprio I.A.P.I., onde já havia trabalhado.

No dia seguinte, 20 de junho de 1962, é a Gazeta de Notícias que aborda o assunto da demissão de Luiz Campos do banco público. Segundo a reportagem do periódico, o PSD estadual e federal estariam tentando reverter o caso, a fim de manter o jornalista no cargo.

A Gazeta retoma ainda a antiga rixa existente entre o jornalista e o deputado Carlos Jereissati, como forma de tentar explicar as possíveis motivações para que Luiz Campos fosse demitido da Caixa Econômica:

¹¹¹ Luis Campos considera quase certo seu afastamento da Caixa. **O Povo**, 19 jun. 1962, p.2.

Vale salientar que, ao tempo que este jornal era dirigido pelo jornalista Olavo Euclides Araújo, o jornalista Luiz Campos sustentou tenaz campanha contra o deputado Carlos Jereissati. Revelava os escândalos da CEXIM e acusava aquele comerciante e político cearense. Chegou a ser agredido em ambiente social, numa festa, pelo presidente do PTB. Daí até hoje, profunda rixa se manteve, sendo conhecidas as denúncias de que o Presidente do PTB tramava a sua demissão desde a posse do seu amigo João Goulart na presidência da República¹¹².

O partido logo preocupa-se em também expor sua posição. Assim, ainda no dia 20 de junho, o presidente do PSD, Waldemar Alcântara, fala à Gazeta de Notícias:

O Presidente do PSD, dr. Waldemar de Alcântara, falando ontem a reportagem de <GAZETA DE NOTÍCIAS>, declarou que seu partido não concorda de maneira alguma com a demissão do jornalista Luis Campos da presidência da Caixa Econômica e que considera um golpe agravante para o seu prestígio de agremiação majoritária e altamente prestigiada nos quadros da vida pública brasileira. Acrescentou o presidente do PSD cearense que o PSD nacional se movimenta para anular o extemporâneo do seu Primeiro Ministro, por pressão do deputado cearense Carlos Jereissati, certo de que o jornalista Luis Campos desenvolve uma atuação administrativa das mais sérias e brilhante à frente da Caixa Econômica Federal do Ceará, não havendo qualquer motivo para a sua demissão. Isto sem falar no fato de que, terminando o seu mandato em setembro vindouro, não poderia ser demitido sumariamente do posto¹¹³.

O apoio ao jornalista, mais uma vez não parte apenas do seu partido. Outras camadas da sociedade também irão se manifestar contrárias à demissão de Luiz Campos da Caixa Econômica, como os estudantes e operários, que em comício realizado na Praça do Ferreira decidiram apoiar o jornalista¹¹⁴. Também manifestaram-se em apoio a Luiz Campos a União dos Servidores Autárquicos Federais do Ceará¹¹⁵, em nota oficial, e a Legião Brasileira de Assistência, que teria se reunido com Luiz Campos para prestar apoio¹¹⁶.

Nos dias seguintes, as acusações a Carlos Jereissati tornam-se ainda mais incisivas, com a declaração de Luiz Campos de que o deputado teria lhe oferecido outros cargos para que ele deixasse a presidência da Caixa Econômica, como explica o jornalista para a Gazeta de Notícias:

A trama para me jogar fora da Caixa Econômica e tomar conta daquela importante repartição vem de longe. Tentou-se o golpe. Falhou no primeiro lance. Em seguida, foi a chantagem e o suborno. Também falhou. Agora, vem outro golpe, com as armas da felonía e da mentira. O sr. Jereissati, através de pessoas de responsabilidade, que não negarão o que estou dizendo, há vários meses vêm me

¹¹² Luis Campos categórico. **Gazeta de Notícias**, 20 jun. 1962, p.4.

¹¹³ Waldemar: Demissão é afronta. **Gazeta de Notícias**, 20 jun. 1962, p.3.

¹¹⁴ Estudantes e operários fizeram seu protesto contra a demissão de Luiz. **Gazeta de Notícias**, 23 jun. 1962, p.3.

¹¹⁵ Nota Oficial. **Gazeta de Notícias**, 23 jun. 1962, p.5.

¹¹⁶ LBA com Luiz. **Gazeta de Notícias**, 27 jun. 1962, p.1.

fazendo propostas, a fim de que eu renuncié ao cargo, porque ele quer tomar conta da Caixa Econômica¹¹⁷.

Dias depois, entretanto, a Gazeta de Notícias divulga um telegrama do Senador Menezes Pimentel, que informava a Luiz Campos, que o documento com sua demissão teria sido, realmente, assinado, mas que o deputado Martins Rodrigues havia conseguido sustar a publicação dele.

Para a Gazeta de Notícias, isso deixava claro que a estratégia de pessoas ligadas a Carlos Jereissati, como seus parentes, terem dado entrevistas informando que a demissão de Luiz Campos seria apenas boato da imprensa, era uma saída “falsa”¹¹⁸.

A polêmica desaparece das páginas dos jornais. Todavia, em agosto de 1962, a exoneração de Luiz Campos do cargo de Presidente da Caixa Econômica Federal é publicada no Diário Oficial da União¹¹⁹:

CONCEDER EXONERAÇÃO:
A Luiz de Queiroz Campos de Mem-
bro do Conselho Administrativo da
Caixa Econômica Federal do Estado
do Ceará.
 Brasília, em 14 de agosto de 1962;
 141º da Independência e 74º da Re-
 pública.
JOÃO GOULART
F. Brochado da Rocha
Miguel Calmon

Imagem 13: fac-símile do Diário Oficial da União de 14 de agosto de 1962, que exonera Luiz Campos da Presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará.

Quem assume o cargo deixado pelo jornalista, em verdade, não nos causa espanto, foi Manuel Porto Gentil, cunhado de Carlos Jereissati, que já era cogitado desde junho para a vaga:

¹¹⁷ Luiz Campos rejeitou a barganha. **Gazeta de Notícias**, 24 jun. 1962, p.4.

¹¹⁸ Saída Jereissatista é falsa: demissão foi mesmo assinada. **Gazeta de Notícias**, 26 jun. 1962, pp.1-2.

¹¹⁹ Diário Oficial da União, pág.6, seção 1, 14 de agosto de 1962.

O Presidente da República resolve

NOMEAR;

De acordo com o art. 8º, § 5º, do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 24.427, de 19 de junho de 1934,

Manoel Gentil Pôrto, para exercer a função de Presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Estado do Ceará, na vaga decorrente da exoneração de Luiz de Queiroz Campos.

Brasília, em 14 de agosto de 1962; 141º da Independência e 74º da República.

JOÃO GOULART

F. Brochado da Rocha

Miguel Calmon

Imagem 14: fac-símile do Diário Oficial da União, de 14 de agosto de 1962, que nomeia Manuel Porto Gentil para a Presidência da Caixa Econômica Federal do Ceará.

Entretanto, não foi com este revés que Luiz Campos deixou a política e a vontade de “ir à luta e não recuar”¹²⁰.

A VICE-PREFEITURA DE FORTALEZA

A oportunidade de colaborar com uma Cidade melhor, como aquela que desejava Luiz Campos nos artigos que escrevia na década de 1950, parece bater à porta do jornalista no final do ano de 1962, logo após a saída da Caixa Econômica Federal.

Em outubro de 1962, a campanha já estava nas ruas. Naquele ano os eleitores iriam às urnas para eleger, dentre outros, o prefeito de Fortaleza e seu vice. Neste período, as pessoas votavam para os dois cargos. Os escolhidos pela coligação PL¹²¹-PSD para disputar o pleito foram Murillo Borges Moreira, para prefeito, e o jornalista Luiz Campos para vice-prefeito. Por que votar em Luiz Campos? O anúncio de campanha explicava¹²²:

¹²⁰ A expressão é utilizada por Luiz Campos em entrevista à Gazeta de Notícias sobre a demissão da Caixa Econômica.

¹²¹ Partido Libertador.

¹²² Anúncio da campanha de Luiz Campos para vice-prefeito de Fortaleza. **Gazeta de Notícias**, 2 out. 1962, p.4

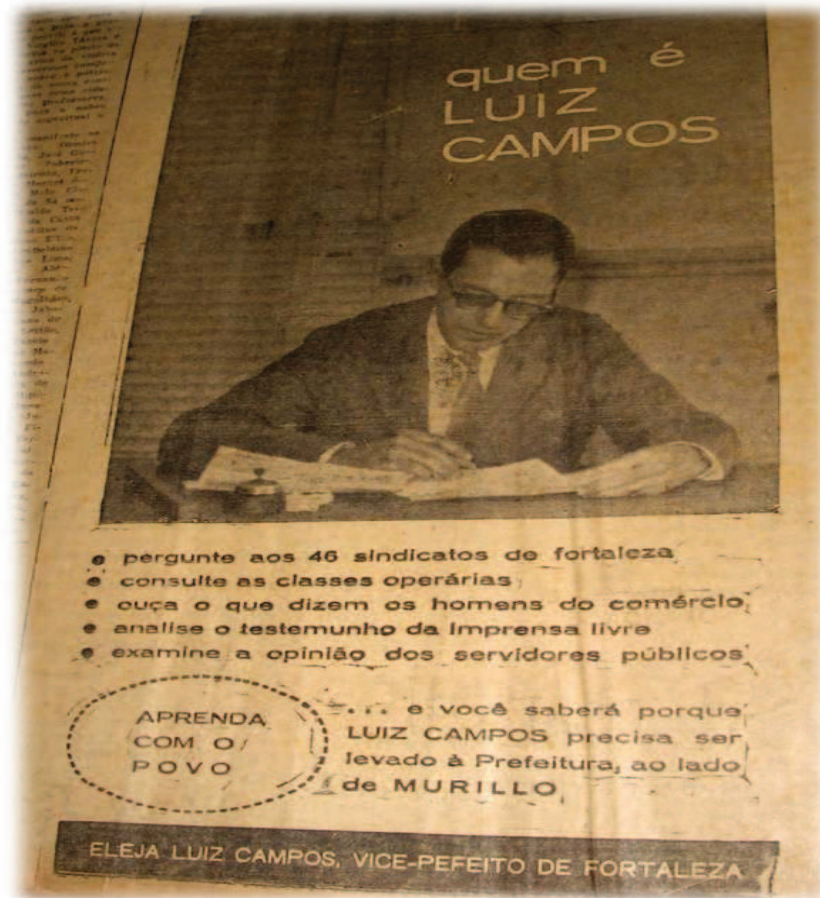


Imagem 15: Anúncio da campanha de Luiz Campos a vice-prefeito de Fortaleza.

A campanha de Luiz Campos foi bastante movimentada. Em 2 de outubro de 1962, a Gazeta de Notícias, registra, em pequena matéria, que os dois candidatos haviam, em apenas uma noite, participado de três comícios pela Cidade, nos bairros de Antônio Sales, Parque Americano e Carlito Pamplona, onde “comprovaram suas vitórias diante das mais sinceras manifestações de apoio do povo fortalezense às suas candidaturas à Prefeitura Municipal de Fortaleza”¹²³.

A eleição ocorreria no dia 7 de outubro de 1962. Entretanto, o resultado demoraria bastante tempo para ser divulgado. A expectativa que se gerava em torno da disputa era grande. A ansiedade tomava conta dos eleitores a cada momento que era divulgado o placar com os resultados. Dia após dia, as coisas poderiam mudar e, com a lentidão da contagem dos votos, não podia se ter certeza de quem iria vencer o pleito.

¹²³ Comícios de Murilo Borges e Luiz Campos. **Gazeta de Notícias**, 2 out. 1962, p.8.

Na eleição de 1962 não foi diferente. Três candidatos eram os mais cotados para o cargo de prefeito da Cidade: Murilo Borges, Péricles Moreira da Rocha e Moura Beleza. Segundo reportagem da Gazeta de Notícias, do dia 9 de outubro de 1962, a disputa entre os três candidatos estava tão acirrada que a diferença de votos do primeiro colocado para o segundo era de apenas 9 e deste para o terceiro, apenas 69¹²⁴.

Para a eleição de vice-prefeito o quadro foi outro. O jornalista Luiz Campos, desde o começo das apurações disparava na liderança da preferência dos eleitores:

Para vice as coisas surgem mais delineadas: Luiz Campos, com 592 votos, está confirmando seu franco favoritismo. Os outros mais bem votados são Antônio Girão Barroso, com 346, Irapuan Lima, com 317, Agamenon Frota Leitão e Pedro Teixeira, 125, são os mais votados¹²⁵.

O resultado final do pleito, porém, só é apresentado ao eleitorado em 28 de outubro de 1962. Segundo o último placar da eleição, o prefeito eleito de Fortaleza era Murilo Borges Moreira, com uma pequena vantagem para o segundo candidato. Já o vice eleito, era Luiz Campos, com uma boa vantagem à frente de seus adversários¹²⁶:

PREFEITO	
Murilo Borges	33.558
Péricles Moreira da Rocha ..	32.248
José Moura Beleza	23.968
José Cláudio	3.908
Esmerlino Arruda	2.919
VICE-PREFEITO	
Luiz Campos	28.921
Irapuan Lima	18.957
Antônio Girão Barroso	15.712
Professor Teixeira	6.127
Agamenon Leitão	10.033
Manuel Lima Soares (Nêo) ..	2.101
Cesar Pamplona	3.761
Mário de Assis	2.582
Leônidas Sabota	1.023

NOTA — Boletim oficial fornecido às 15 horas de ontem. Foram computadas tôdas as 404 urnas de Fortaleza, cuja apuração foi encerrada.

Imagem 16: Placar final da eleição de Luiz Campos para vice-prefeito de Fortaleza.

¹²⁴ Luis Campos disparado na vice. **Gazeta de Notícias**, 9 out. 1962, p.1.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Placar final das eleições para prefeito de Fortaleza. **Gazeta de Notícias**, 28 out. 1962, p.1.

Prefeito e vice são diplomados no dia 11 de janeiro de 1963, em solenidade na Faculdade de Direito, que contou com a presença do Governador do Estado, Wilson Gonçalves. Foram diplomados além do prefeito e vice-prefeito, os vereadores, eleitos no último pleito¹²⁷.

A Gazeta de Notícias traz, em primeira página, as fotografias do evento. Em destaque, a do jornalista Luiz Campos:



Imagem 17: Fotografia de Luiz Campos na diplomação como vice-prefeito de Fortaleza.

A posse, todavia, ocorre pouco mais de dois meses depois, em 25 de março¹²⁸. Para Luiz Campos, chegar a este cargo foi uma prova de seu prestígio perante a população de Fortaleza:

Tinha nove candidatos a vice-prefeito. Eu ganhei com a maioria, tive mais de 12 mil votos de vantagem. E o meu prefeito ganhou com a maioria de 1.100 votos. Tanto que todo mundo diz que quem elegeu o prefeito Murilo Borges fui eu, por causa do

¹²⁷ Prefeito, vice-prefeito e vereadores de Fortaleza diplomados ontem: Solenidade na Faculdade de Direito. **Gazeta de Notícias**, 12 jan. 1963, p.1.

¹²⁸ Posse de Murilo e Luiz Campos amanhã às 11,00. **Gazeta de Notícias**, 24 mar. 1963, p.1.

prestígio que eu ganhei com o jornalismo, minha liderança, e a Caixa Econômica, que foi exemplar e tal. Eu era muito estimado, muito querido¹²⁹.

A experiência de trabalhar junto a Murilo Borges era nova. Entretanto, o agora Prefeito de Fortaleza era velho conhecido de Luiz Campos. Em seus artigos, muitos foram os elogios publicados por Luiz Campos a Murilo Borges, que, na década de 1950, esteve à frente da Secretaria de Polícia do Estado.

Em um dos artigos, em outubro de 1955, o jornalista chega a afirmar que a atuação de Murilo Borges à frente da polícia seria guardada na história político-administrativa do Ceará, com destaque¹³⁰:

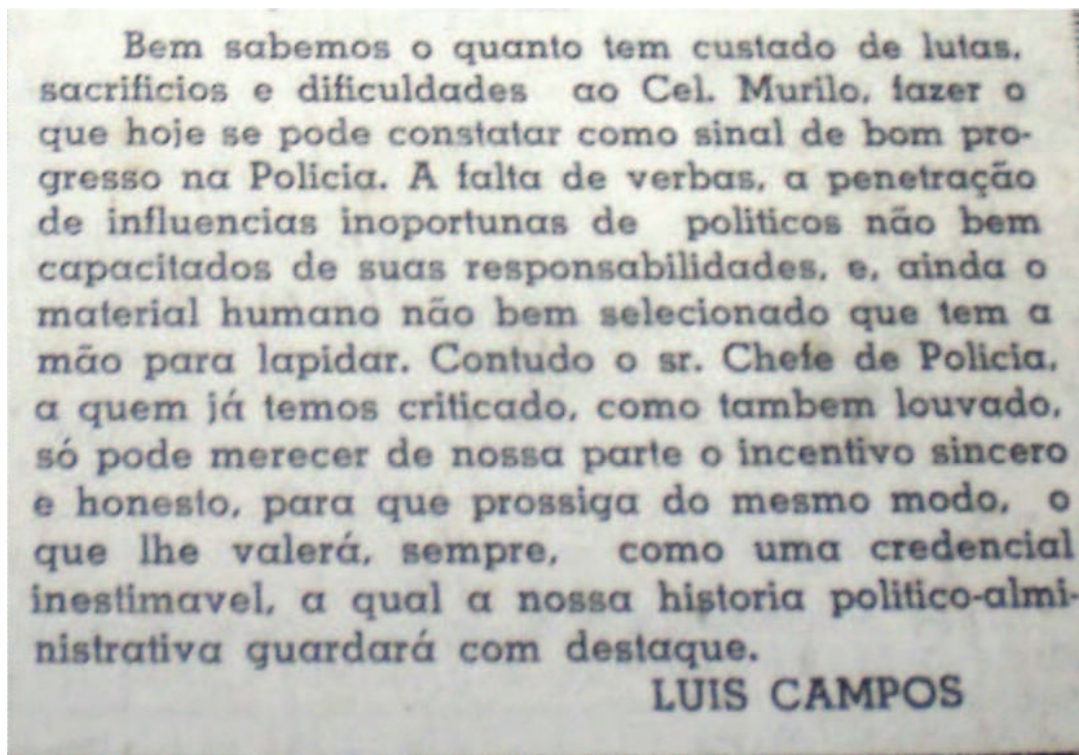


Imagem 18: Artigo “Os progressos da polícia”, de 18 de outubro de 1955.

Entretanto, logo após assumirem a Prefeitura Municipal de Fortaleza, Murilo Borges faz uma viagem ao Rio de Janeiro¹³¹ para tratamento de saúde. Luiz Campos conta, que o caso foi mais grave. Segundo ele, o Prefeito, ao chegar ao cargo e vendo a situação em que o município encontrava-se, teria entrado em uma forte depressão e desejaria entregar a

¹²⁹ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

¹³⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os progressos da polícia. In.: **Gazeta de Notícias**, 18 out. 1955, p.3.

¹³¹ Viajou para o Rio o Prefeito Murilo: Tratamento de Saúde. **Gazeta de Notícias**, 15 maio 1963, p.4.

prefeitura para o vice: “Então, eu não aceitei. Rasguei perante à família. Achei que ele devia se tratar psicologicamente no Rio de Janeiro. E mandei. Ele foi para o Rio. Lá tinha um cunhado que era médico. Eu tive que enfrentar as dificuldades”¹³².

Segundo a reportagem da Gazeta de Notícias, o Prefeito ficaria longe da Cidade por 60 dias e a passagem do cargo para o vice teria sido em uma solenidade simples. Luiz Campos que, além de vice-prefeito, já ocupava também a pasta da Secretaria de Finanças, assumia, então, a Prefeitura de Fortaleza.

Poucos dias depois, a Gazeta de Notícias volta a falar sobre a Prefeitura, agora elogiando o “novo” prefeito, que estava dinamizando o Governo Municipal¹³³:



Imagem 19: Matéria da Gazeta de Notícias sobre a atuação de Luiz Campos na Prefeitura Municipal.

¹³² Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

¹³³ Luis Campos dinamiza PMF. **Gazeta de Notícias**, 17 maio 1963, p.1.

Dentre as atitudes tomadas por Luiz Campos à frente do executivo municipal, os jornais da época destacam, por exemplo, a compra de carrocerias para a coleta de lixo:

A limpeza pública está sendo dotada de todos os meios para executar eficientemente a sua missão. Ontem, o Prefeito Luiz Campos encomendou a uma empresa do sul do país cinco carrocerias basculantes para a coleta de lixo tipo <Prefeitura>. O custo de cinco carrocerias é da ordem de Cr\$ 7.210.000,00¹³⁴.

Além da preocupação com a limpeza da Cidade, o prefeito também fez entrega de abrigo público para passageiros de ônibus na Praça São Sebastião¹³⁵ e prontificou-se a ajudar o esporte amador de Fortaleza.

Segundo reportagem da Gazeta de Notícias, a intenção do então Prefeito era conseguir verbas, junto ao Governo Federal, para a melhoria das instalações do estádio Presidente Vargas. Para isso, ele contaria com o apoio de Murilo Borges, que continuava no Rio de Janeiro, e do deputado federal Paulo Sarasate¹³⁶.

Pela atuação na Prefeitura Municipal, Luiz Campos também recebeu homenagens. Uma delas partiu de Parsifal Barroso¹³⁷, que levou os correligionários do PTN¹³⁸ para “uma visita de apoio e aplausos” a Luiz Campos¹³⁹.

Entretanto, não foi apenas dos quadros políticos que vieram as homenagens ao Prefeito em exercício. Pessoas simples, do povo, também encontraram maneiras de homenagear o governante municipal, como o casal Manoel Viana da Mota e Maria Noeme da Mota, que batizaram os filhos trigêmeos com os nomes do Prefeito, Luiz Campos, do Governador, Virgílio, e da primeira-dama do Estado, Luisa¹⁴⁰:

¹³⁴ L. Campos encomendou cinco carrocerias ao sul para coleta de lixo. **Gazeta de Notícias**, 18 maio 1963, p.8.

¹³⁵ Particulares entregam abrigo a PMF. **Gazeta de Notícias**, 28 maio 1963, p. p.1.

¹³⁶ Esporte amador terá em L. Campos grande defensor. **Gazeta de Notícias**, 23 maio 1963, p.5.

¹³⁷ Natural de Fortaleza, nasceu em 1913 e faleceu em 1986. Foi Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Ministro da Agricultura e Governador do Ceará, de 1959 a 1963.

¹³⁸ Partido Trabalhista Nacional. Fundado em 22 de outubro de 1946, era uma dissidência do Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB.

¹³⁹ Parsifal leva PTN a aplaudir Luiz Campos. **Gazeta de Notícias**, 22 maio 1963, p.1.

¹⁴⁰ Virgílio, Luisa Távora e Luís Campos passam bem. **Gazeta de Notícias**, 2 jun. 1963, p.1.



Imagem 20: Bebês Luiz Campos, Virgílio e Luisa Távora.

Mas, Luiz Campos também teve tempo de tomar atitudes que desagradaram parte da população. Uma delas foi a tentativa de revitalizar o centro da Cidade, acabando com o vício, os bordéis e o meretrício. Em carta à Gazeta de Notícias, o Prefeito explica suas pretensões:

O prazo de dez dias foi dado aos donos de bares e botecos, restaurantes e gafeiras para que cuidem de proporcionar condições higiênicas aos seus estabelecimentos, de acordo com as leis vigentes. Se não tomarem esta providência, serão fechados os bares e os botecos, que vendam VÍCIO e CRIME. As mulheres estão sendo transferidas: a) Se querem continuar como meretrizes, vão para o farol. b) Se querem voltar à vida séria, são encaminhadas para a casa da família, aqui ou no sertão (a Prefeitura transporta e dá passagens). Tudo está a cargo de uma comissão de assistentes sociais. Nada se faz contra a lei e desumanamente. É preciso que a imprensa não acolha o sensacionalismo de agitadores e dos prejudicados (industriais do lenocínio, do jogo, da cachaça e da maconha), os donos do “Curral” e da “Cinza”, os únicos a sofrerem, realmente, os impactos das medidas saneadoras. Faz-se preciso restabelecer a verdade. O que se quer é limpar o centro da cidade, tanto quanto possível, de maselas, tal aquela da Praia Formosa. Nada têm as famílias do Arraial Moura Brasil a ver com a medida¹⁴¹.

¹⁴¹ Prefeito esclarece o caso da <Cinza>. **Gazeta de Notícias**, 15 jun. 1963, p.4.

Para Luiz Campos, essa atitude de “limpeza” da Cidade e outras medidas foram as mais importantes que ele tomou durante sua passagem pela Prefeitura de Fortaleza, como nos contou:

Eu não vou fazer um depoimento das coisas que eu fiz na prefeitura, mas muitas coisas importantes, inclusive a Reforma Tributária, o primeiro código tributário da cidade de Fortaleza foi feito por mim em 63. Fiz o planejamento do asfaltamento da cidade de Fortaleza. Foi iniciado o asfaltamento pela Tibúrcio Cavalcante. Construí a Avenida Beira-Mar, tinha sido um projeto iniciado pelo prefeito anterior, mas demos continuidade nele. O negócio era desocupar aqueles barracos que tinha ali, porque a cidade de Fortaleza era como você, uma moça bonita, só que a diferença é que era ferida na testa. Aquilo era um prostíbulo, tinha um nome horrível: Curral das Éguas. Era a coisa mais horrível do mundo. Depois de lá não prestava. Era o Morro do Ouro, favela, o Pirambu, onde descarregava o pequeno esgoto da cidade, que era ali pro lado da Barra do Ceará. E da Praia de Iracema restou um pedacinho, tá tudo deteriorado. Ainda hoje é, até o Mucuripe, cheio de barraco, prostituição, jangada, jangadeiro. Então, foi preciso tirar tudo, terreno de Marinha. A prefeitura indenizou o pessoal todinho, foram para outros cantos. Acabei com o meretrício do Curral das Éguas. Só deixei em pé a Igreja, que fica perto daquele hotel grande, a Igreja de Santa Teresinha. Aquilo ali foi a única coisa que eu preservei. E pra lá foi a Igreja do Mucuripe, aquela lá no fim, que tão querendo destruir, mas não demoli¹⁴².

Murilo Borges retoma as suas funções como Prefeito de Fortaleza em 23 de junho de 1963. Depois disso, Luiz Campos continua como vice-prefeito e assume, outras vezes, esporadicamente, a Prefeitura, pois havia rompido com o Prefeito Murilo Borges.

O rompimento com o prefeito foi sério. As rixas entre os dois começaram desde quando Murilo havia tentado desistir da Prefeitura, ao que foi impedido por Luiz Campos. Daí, muitos outros acontecimentos colaboraram para que o clima no Executivo Municipal não fosse dos melhores. O que mais desagradava ao vice-prefeito era a falta de pulso de Murilo Borges e a ocupação de cargos importantes da gestão municipal, como secretarias, por pessoas de caráter duvidoso.

Foi assim, que, em uma das vezes que o Prefeito ausentou-se da cidade, Luiz Campos, assumindo o cargo, resolveu tirar os cargos das mãos dessas pessoas de quem ele desconfiava, demitindo vários secretários. Na volta de Murilo Borges, depois de uma semana, a confusão estava feita:

Aí, o Murilo voltou. O Aloísio Bonavides foi na minha casa, era muito meu amigo, fazia uma espécie de relações públicas da prefeitura. Foi lá em casa e disse: “Luiz, o Murilo chegou e tal... Então, vai haver aí uma manifestação... Eu vim apelar, como seu amigo, que o senhor não vá transmitir o cargo, porque pode haver uma situação...”. Eu disse: “(...) eu vou estar lá, não tenho medo de ninguém.” Liguei

¹⁴² Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

para o comandante da Guarda, disse: “Cerque o gabinete porque eu vou fazer o discurso da entrega e se houver qualquer coisa não vai sair ninguém desse gabinete, baixe o cacete.”¹⁴³

Na reunião de transmissão do cargo, os ânimos estavam alterados. Luiz Campos explica como foi o momento de contar para o Prefeito o saldo de uma semana com ele à frente da Prefeitura:

Encheu de gente, jornalista e tal. Aí, esperei o Murilo vir. Chegou, ficou do meu lado. Eu botei quatro cabra meu, valente, tudo armado, em cada canto da sala. Eu disse: “Olha, Murilo, das outras vezes que você viaja, que eu transmito o cargo a você, eu passo duas, três horas, reservadamente, conversando com você. Dessa vez, não vai ser assim não. Eu vou fazer um relatório público, em voz alta. As estações de rádio estão radiando tudo. Você vai ouvir o que foi feito, porque foi feito.” E ele ali, calado. Aí, eu comecei. Lá pelas tantas, um tal de Ernesto, que eu demiti como analfabeto e ladrão, quis entrar. Aí eu disse: “este aí não pode entrar”. Aí, o Murilo foi e disse: “Dr. Luiz Campos, eu queria que o senhor me tivesse um pouco de atenção porque ele é meu convidado”. “Lamento muito que o senhor, um homem sério, general do Exército, com curso superior do Exército, convide para uma solenidade como essa, um ladrão de marca maior. Eu botei pra fora. Deixe ele entrar que é pra ele ouvir. É ladrão e semi-analfabeto. Não tem capacidade. E não vai dizer uma palavra aqui, porque se ele disser alguma palavra aqui, vai sair daqui calado. E ninguém vai falar. Aqui só quem fala sou eu. O dono do terreiro aqui sou eu. Eu sou o Prefeito agora. Enquanto eu não assinar esse livro, sou eu. Sou eu aqui que grito. Eu sou o dono do terreiro.” Eu falava bem alto, dando murros na mesa. Meus irmãos estavam ali do lado. “Aqui ninguém fala. Se alguém fizer qualquer protesto, fique sabendo que o Gabinete está cercado e não sai ninguém daqui”. Aí, pá, pá, pá, pá, escolhambeí todos, um por um. Disse: “Pronto, está aí a Prefeitura”. Assinei e disse “até logo”. Ele não me deu a mão. Aí, foi o rompimento mesmo. Eu saí com meus irmãos, todos estavam calados. Ninguém dizia nada. Desci a escada, peguei meu carro particular. Não queria saber mais nada de Prefeitura.¹⁴⁴

Desta forma, Luiz Campos se afasta do Executivo Municipal, apesar de continuar sendo o vice-prefeito do Município. Segundo ele, apenas havia deixado de frequentar o gabinete do Prefeito e voltado a trabalhar em empresas particulares, como a Cofinorte, financeira do grupo J. Macêdo. Por conta deste rompimento, Murilo Borges não teria mais se ausentado do cargo, nem dado oportunidade para que Luiz Campos assumisse novamente a Prefeitura.

Fato ainda relevante sobre a passagem de Luiz Campos pela vice-prefeitura de Fortaleza, é que o Abrigo Central, que ele tanto defendia, nos artigos da década de 1950, achando que o espaço não deveria ser demolido, veio abaixo durante a administração de Murilo Borges. O grande empreendimento da gestão de Acrísio Moreira da Rocha veio ao chão em maio de 1966, com o intuito de que a Praça do Ferreira passasse por uma reforma de

¹⁴³ Entrevista, realizada pela autora deste trabalho, com Luiz Queiroz Campos, na residência do entrevistado, no bairro de Sapiranga, Fortaleza, em 22 de outubro de 2010.

¹⁴⁴ Idem.

embelezamento. Todavia, a reforma só foi feita em 1967, já na gestão do Prefeito José Walter Cavalcante.

Mas, o sentimento de Luiz Campos sobre o Abrigo não havia mudado tanto. Ele afirma, em entrevista para o Correio do Ceará:

Sou a favor da demolição e da construção em seu lugar de um edifício de três andares que teria a seguinte distribuição: no térreo seria mantido um abrigo com o funcionamento exclusivo de bancas de jornais; no primeiro andar seria construído um restaurante para os comerciários com pequenas dependências para barbeiros e engraxates; no segundo andar um salão para exposições e um grande auditório municipal; e no terceiro a sede da Câmara Municipal.¹⁴⁵

O jornalista nos afirmou que naquela época as suas preocupações já eram outras. Para ele ali “poderia ser a Câmara Municipal, poderia ser um palácio de arte, de cultura...”¹⁴⁶. Perguntado se isso desvirtuaria sua idéia de que o Abrigo era a Assembléia do Povo, Luiz Campos nos diz que não, pois “continuava o Abrigo e em cima tinha uma outra utilidade também para o povo e para a cidade”¹⁴⁷.

O BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO

Ainda enquanto era vice-prefeito de Fortaleza, Luiz Campos recebeu um convite especial. Depois de ter um reconhecimento pelo seu trabalho à frente da Caixa Econômica Federal no Ceará, e na Prefeitura Municipal de Fortaleza, o nome do jornalista foi indicado para assumir um cargo administrativo no Banco Nacional de Habitação – BNH, que havia sido fundado em 1964, pelo Governo Federal.

Luiz Campos explica como se deu o convite, feito no ano de 1966:

Aí, fui contratado pelo BNH, através da Fundação Getúlio Vargas, pelo que eu tinha feito na prefeitura, na Caixa Econômica e no I.A.P.I. também. Tinha um diretor, que era diretor administrativo da Fundação, veio aqui em Fortaleza e disse: você vai trabalhar, o BNH tá precisando de uma reforma completa. Castello Branco me encarregou disso. Você tem a experiência da Caixa Econômica, você foi indicado pelo doutor Olinto da Fonseca, que era o presidente do Conselho Superior, ele disse que o único homem que tinha capacidade de fazer aquele trabalho era você¹⁴⁸.

¹⁴⁵ CAVALCANTE, Newton. “O Abrigo é destaque Total”. **Correio do Ceará**, 23 mar. 1966, p. 2.

¹⁴⁶ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Idem. Ibidem.

Segundo os jornais, o trabalho de Luiz Campos teria sido bastante valorizado, pois ele teria percorrido todo o Brasil implantando o programa habitacional do novo banco:

No ano passado, o dr. Luiz Campos realizou importante trabalho para o BNH, na qualidade de técnico contratado pela Companhia de Organização de Empresas e Fundação Getúlio Vargas, elaborando uma estrutura das Carteiras de Habitação das Caixas Econômicas e foi coordenador geral dos trabalhos de implantação desta estrutura e de um Manual de Instruções e Rotinas, nas Caixas de todo o país. Como se vê, suas habilitações em assuntos do BNH é de primeira linha, contando ainda com um curso de especialização em Plano Nacional de Habitação, que realizou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em junho do ano passado¹⁴⁹.

Sobre a atuação na implantação do BNH, Luiz Campos também nos contou como foi a sua participação:

Eu fui pra lá, passei um ano e seis meses trabalhando, andei o Brasil todinho, estruturei o plano de habitação, o sistema de conjuntos habitacionais, financiamentos, água, esgoto, tudo. Trabalhei na lei do fundo de garantia. Tava lá o dia todo. Me alugaram um pavimento todinho na Rua México, nº 31, décimo andar. Era Guanabara, naquele tempo. Aí, eu contratei técnicos, engenheiros. Escrevi o “Manual de Serviços: Carteiras de Habitação para as Caixas Econômicas”. Começou a ser implantado o BNH nas Caixas Econômicas, em cada estado tinha uma¹⁵⁰.

O sucesso na atuação de Luiz Campos no BNH parece ter sido ainda maior, após a apresentação do “Manual” em um Congresso Internacional de Habitação, em Santiago, Chile, como ele mesmo nos revelou:

Esse Manual foi apresentado no Congresso Internacional de Habitação, pouco antes de impresso, em Santiago, no Chile. Um congresso mundial. Foi premiado com duas medalhas de ouro. Só que as medalhas de ouro não vieram pra mim, ficaram no BNH¹⁵¹.

Apesar de não ter ficado com as medalhas, o jornalista ganhou outro prêmio. Talvez ele tenha sido bem melhor agraciado do que se tivesse apenas ficado com as duas medalhas de ouro que foram para o BNH:

Mas isso me valeu o quê? Eu ser chamado na embaixada dos Estados Unidos, em 1967. Disseram: “o Departamento de Estado, manda consultar como o senhor receberia um convite para passar um mês nos Estados Unidos, como hóspede oficial do Governo dos Estados Unidos, você não paga nada. Para conhecer o sistema de habitação, mercado de capitais”¹⁵².

¹⁴⁹ Luiz Campos foi nomeado para a delegacia do BNH. **Gazeta de Notícias**, 2 out. 1967, p.4.

¹⁵⁰ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Idem. Ibidem.

Luiz Campos não perdeu a oportunidade. O trabalho no BNH já estava finalizado. As casas já estavam sendo financiadas e inúmeras famílias já podiam realizar o, ainda difícil, sonho de possuir uma casa própria. Então, o jornalista pediu a rescisão do contrato e aceitou o convite do Governo Norteamericano:

Quando já tava tudo implantado, casas sendo financiadas, aí, eu pedi a rescisão do meu contrato e viajei para os Estados Unidos. Recebi passagem de avião, tudo, e um cheque de setenta dólares para as minhas despesas de viagem. Viagem para Nova Iorque, de Nova Iorque para Dublin. Me pegaram no aeroporto e no dia seguinte fui para Washington. Aí, já no dia seguinte, estava no departamento de Estado para ser entrevistado¹⁵³.

No dia seguinte ao da entrevista, em que perguntaram de tudo a ele, Luiz Campos voltou ao Departamento de Estado Norteamericano. Disseram que a entrevista dele havia sido “super excelente”. Ali disseram como seria a programação do jornalista no país do Tio Sam:

Então, chegaram e disseram: “nós traçamos um roteiro pra você. Você vai conhecer os Estados Unidos, vai ser recebido pelos prefeitos das grandes cidades americanas, já que o senhor foi prefeito de Fortaleza, vai conhecer as melhores e maiores universidades dos Estados Unidos e tudo o que tiver de planejamento, agricultura, irrigação, combate ao terrorismo, tudo, o senhor vai conhecer tudo. Diariamente, você vai jantar com um grupo de famílias americanas, para discutir sobre o Brasil, sobre a organização social do Brasil, política, economia. E você não vai passar poucos dias, vai passar 90 dias.¹⁵⁴

Sobreviver na terra estranha não seria difícil. Para o jornalista se manter ali, receberia mil e quinhentos dólares a cada 15 dias, além das hospedagens, passagens de avião e trem, aluguel de carros e o acompanhamento de um funcionário do Governo Norteamericano, brasileiro, que seria o seu cicerone. A viagem rendeu bons frutos ao brasileiro:

Conheci tudo nos Estados Unidos. Fui recebido pelo Prefeito de Miami. Tenho a chave da cidade de Miami. Tenho a chave da cidade de Des Moines, capital do estado de Iowa. Tenho a chave da cidade de Chicago. Tenho diploma dado pelo prefeito da Filadélfia, fotografias, tudo isso. Conheci os grandes museus, as grandes universidades. Fui à Nova Iorque três vezes. Viajei de Los Angeles a São Francisco de automóvel. Tomei banho no Pacífico. Conheci Santa Mônica, cidade dos milionários, onde moram os artistas. Tudo pago, nos melhores hotéis. Fui até ao Niágara. Eu jantava sempre com famílias americanas. Fiz grandes amizades¹⁵⁵.

¹⁵³ Idem. Ibidem.

¹⁵⁴ Idem. Ibidem.

¹⁵⁵ Idem. Ibidem.

Quando pensava que a viagem já estava acabando, Luiz Campos recebe outra surpresa: uma viagem para o Canadá, onde passou mais uma semana e pôde visitar a Exposição Mundial de Montreal¹⁵⁶.

Na volta ao Brasil, novo convite foi feito a Luiz Campos para voltar a trabalhar no Banco Nacional de Habitação. Desta vez, o jornalista seria responsável por implantar e dirigir a Delegacia Regional do BNH, que ficaria sediada em Fortaleza, e regularia também as ações do Banco nos estados do Piauí e do Maranhão:

Foi nomeado para o destacado cargo de Delegado do Banco Nacional de Habitação, da 2ª Região, sediada nesta capital, o jornalista e advogado Dr. Luiz Campos. Criada a Delegacia do BNH no Ceará, o cargo de delegado se encontrava vago, com vários candidatos em cogitação. O dr. Luiz Campos foi chamado, com urgência, ao Rio de Janeiro, pelo Gabinete do Ministro do Interior, e, lá, recebeu a comunicação de que o Ministro Afonso Albuquerque Lima, entre vários nomes cogitados, dentre eles alguns com fortes padrinhos políticos, o escolhera para Delegado do BNH, já estando o ato assinado e encaminhado à presidência daquele estabelecimento¹⁵⁷.

O jornal, que anuncia Luiz Campos como Delegado do BNH, aproveita ainda para divulgar a viagem do jornalista aos Estados Unidos:

O dr. Luiz Campos, já foi Presidente da Caixa Econômica Federal do Ceará, Vice-Prefeito de nossa Capital, tendo oportunidade de ocupar a Chefia de Governo da Cidade em várias ocasiões e, ultimamente, esteve em demorada viagem de estudos pelos Estados Unidos da América do Norte, a convite do Governo daquele país.¹⁵⁸

Além disso, o periódico destaca como foi feita a escolha do nome de Luiz Campos e quem o apoiou para que assumisse o cargo de Delegado do BNH no Ceará:

A escolha de seu nome para Delegado do BNH da 2ª Região (cobre os estados do Ceará, Piauí e Maranhão) deve-se aos seus conhecimentos técnicos e à sua experiência em vários setores de administração, e o que decidiu a preferência do Ministro do Interior foi o exame do “currículum vitae” dos candidatos apontados. Podemos informar que o Ministério do Interior formulou consultas e solicitou informações sobre a pessoa do Dr. Luiz Campos – sua habilitação moral e profissional -, junto a vários setores – Conselho Superior das Caixas Econômicas, diretoria do Banco Nacional de Habitação e, na área política, aos srs. Armando Falcão (que, embora sem mandato, continua contando com muito prestígio junto ao Governo) e Engenheiro José Walter Cavalcante, Prefeito de Fortaleza¹⁵⁹.

¹⁵⁶ A Expo 67 ou Exposição Mundial de 1967 realizou-se na cidade de Montreal no Canadá. A Expo 67 foi aberta a 28 de Abril de 1967, contendo 90 pavilhões. Um evento notável da Expo 67 foi o *Festival Mundial do Entretenimento*, com ópera, ballet e teatro, orquestras, grupos de jazz, grupos musicais *pop* canadenses e outros eventos culturais. Mais de 50 milhões de pessoas visitaram a exposição, estabelecendo o recorde de público de uma Exposição Mundial. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Exposi%C3%A7%C3%A3o_Universal_de_1967>. Acesso em 25 set. 2010.

¹⁵⁷ Luiz Campos foi nomeado para a delegacia do BNH. **Gazeta de Notícias**, 2 out. 1967, p.4.

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ Idem. Ibidem.

Vale salientar, entretanto, um pequeno parêntesis: percebemos que Luiz Campos estava bastante à vontade em um período que já não era mais democrático. Desde 1964, quando o jornalista ainda ocupava a pasta de vice-Prefeito de Fortaleza, os militares realizaram o golpe que levou o país a uma ditadura militar de quase 20 anos.

Todavia, relembremos que nos artigos da década de 1950, o jornalista alertava a população para a possibilidade de uma nova ditadura¹⁶⁰:

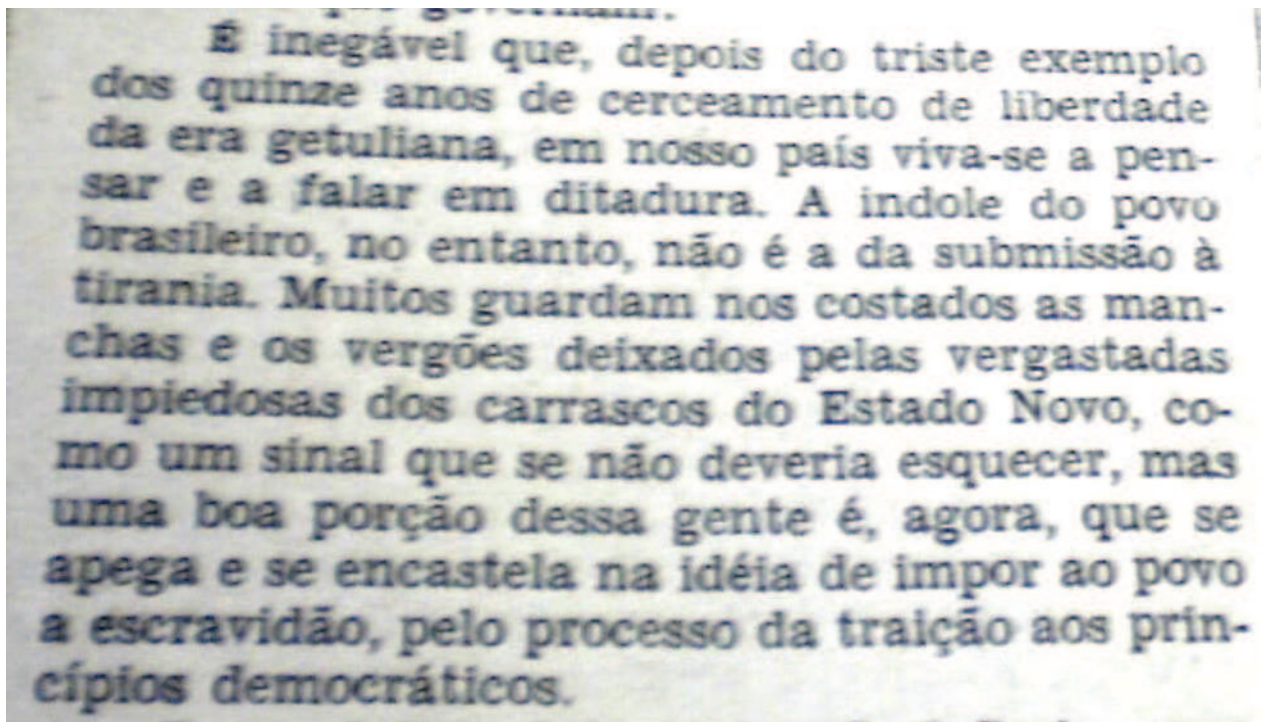


Imagem 21: Artigo “Liberdade, a qualquer preço”, de 9 de fevereiro de 1955.

E, ainda neste artigo, ele termina sua exposição dizendo que a liberdade devia ser defendida a qualquer custo:

¹⁶⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Liberdade, a qualquer preço. In.: **Gazeta de Notícias**, 9 fev. 1955, p.3.

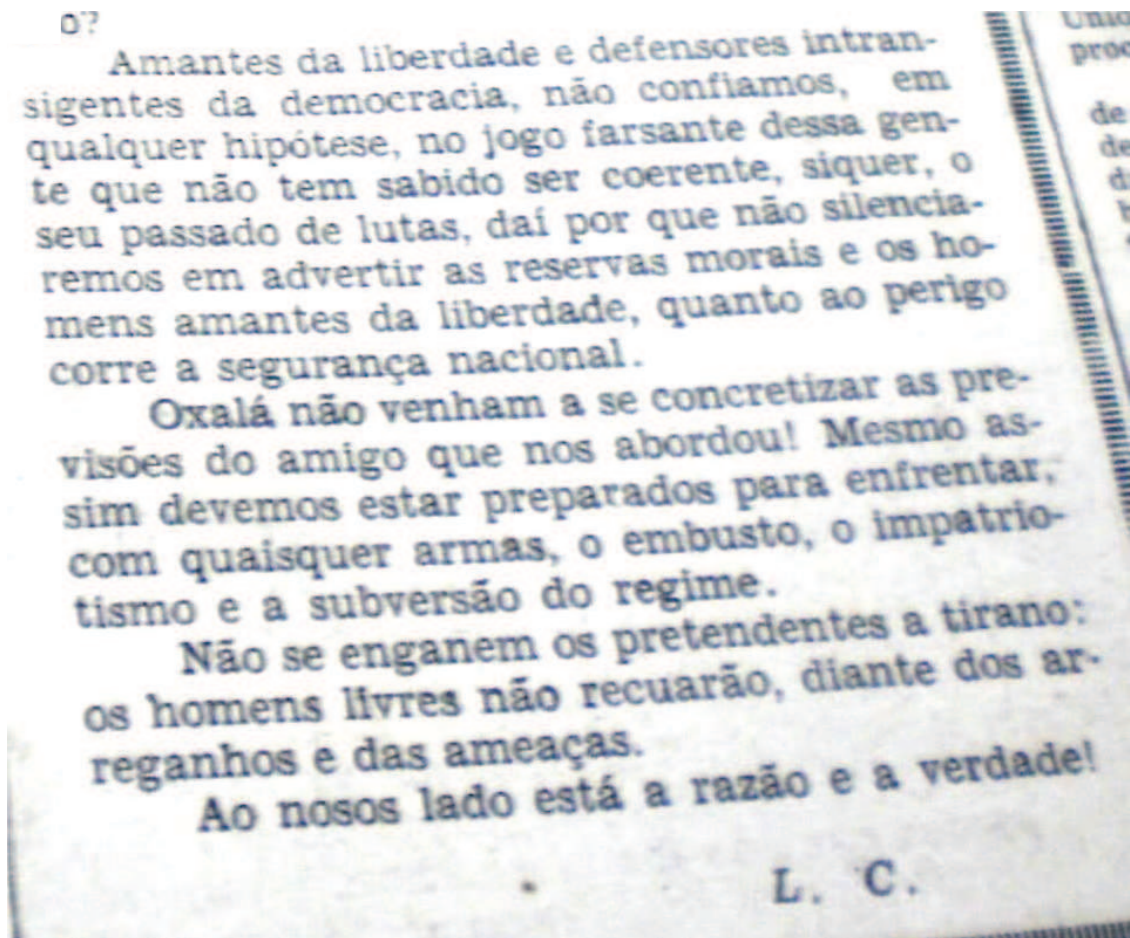


Imagem 22: Artigo “Liberdade, a qualquer preço”, de 9 de fevereiro de 1955.

Entretanto, parece que Luiz Campos não usou sua voz nem suas palavras para lutar contra a ditadura que estava em vigor, tão cruel e truculenta como a ditadura anterior, do período Vargas. Ele mesmo explica a posição que tomou:

Eu fui a favor da revolução porque eu era anti-comunista e eu não gostava de João Goulart, compreendeu? (...) Quando veio a revolução, como eu era contra o João Goulart, eu aderi ao Governo. E outra coisa é que eu era amigo do Castello Branco. O Castello Branco compareceu a minha posse na Prefeitura, quando ele era comandante do Exército. Ele e a dona Argentina, mulher dele. Eu ainda tenho a fotografia com ele¹⁶¹.

Todavia, o jornalista compreende que “com a ditadura houve um arrocho”¹⁶². E ainda fala de uma situação que o incomodou, durante esse período:

Teve uma situação... o Banco do Nordeste tinha um diretor que era um rapaz muito preparado. Então, substituíram esse rapaz, o diretor, que era um economista, muito preparado, pelo Waldemar Alcântara. O Waldemar Alcântara, meu amigo, do PSD.

¹⁶¹ Entrevista, realizada pela autora deste trabalho, com Luiz Queiroz Campos, na residência do entrevistado, no bairro de Sapiranga, Fortaleza, em 22 de outubro de 2010.

¹⁶² Idem.

Toda semana eu tomava um café e almoçava com ele, (...) era amicíssimo meu. Então, eu não gostei. Fiz um artigo metendo o pau! Metendo o pau! Mesmo sendo com o Dr. Waldemar, que era meu pai político. Quando eu quero dizer, eu não escondo. O jornalista deve ser assim mesmo.¹⁶³

Mesmo assim, a euforia e a voz combatente de Luiz Campos não sobressaíram para defender milhares de brasileiros que lutavam contra o regime ditatorial, nas guerrilhas, no exílio, na prisão, sofrendo perdas e torturas. Nessa época, Luiz Campos fazia sua viagem para os Estados Unidos e, com o apoio de alguns dos maiores defensores da ditadura militar, como Armando Falcão e José Walter Cavalcante¹⁶⁴, assumia cargo no Banco Nacional de Habitação.

Apesar disso, a proposta do Banco tinha um cunho social e pretendia trazer benefícios à população do Ceará, Piauí e Maranhão, propondo vasto número de planos pelos quais as pessoas podiam optar e pleitear o financiamento da casa própria¹⁶⁵, assim como a construção de estradas e rodovias. Luiz Campos permaneceu no BNH até 1995, quando se aposentou.

¹⁶³ Idem. Ibidem.

¹⁶⁴ Foi prefeito de Fortaleza, de 1967 a 1971, tendo sido indicado pela ditadura militar.

¹⁶⁵ BNH: 10 Planos para a casa própria no Ceará. **Gazeta de Notícias**, 4 out. 1967, p.4.

O PROFESSOR

A vontade de se criar um curso de Jornalismo no Ceará¹⁶⁶ vem de longa data. Já em 12 de janeiro de 1937, a Associação Cearense de Imprensa¹⁶⁷ já discutia em suas reuniões a necessidade de existência de uma Escola de Jornalismo no Brasil.

Com a criação dos primeiros cursos de Jornalismo no País, na década de 1940¹⁶⁸, a ACI passou a coletar informações sobre os cursos existentes e, já em 1949, colocava como um dos seus objetivos “pugnar pela existência de uma Escola de Jornalismo no Ceará”.

A primeira faculdade que apoiou este projeto foi a Faculdade Católica de Filosofia do Ceará¹⁶⁹. A intenção era de que o primeiro curso iniciasse nesta instituição a partir de 1950. Entretanto, as negociações da Faculdade com a ACI não prosperaram e o sonho foi adiado. Ainda no final da mesma década, as duas instituições tentam dar início ao curso, mas, outra vez, a ideia não foi adiante.

Em 1957, a ACI busca novamente a criação do curso de Jornalismo no Ceará. Desta vez os entendimentos passam a ocorrer com a recém-criada Universidade do Ceará¹⁷⁰, mas as negociações também foram desfavoráveis.

Entretanto, em 1963, a luta pela instalação de um curso de Jornalismo passa a receber também o apoio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará¹⁷¹. É esta instituição que promove os primeiros cursos de Jornalismo para principiantes no Estado.

¹⁶⁶ As informações a respeito da fundação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará contidas neste capítulo foram obtidas das obras: SÁ, Adísia. **Ensino de Jornalismo do Ceará**. Fortaleza, 1979 e NOBRE, Geraldo da Silva. Op. Cit.

¹⁶⁷ A Associação Cearense de Imprensa (ACI) foi fundada em 14 de julho de 1925. Disponível em: <<http://www.associacaocearenseimprensa.com.br/historia.php>>. Acesso em 28 de setembro de 2010.

¹⁶⁸ O primeiro curso de jornalismo no Brasil foi o da Faculdade Cásper Líbero, fundado em 1947. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/diploma/interesse.htm>>. Acesso em 28 de setembro de 2010.

¹⁶⁹ A Faculdade de Filosofia do Ceará foi fundada em junho de 1947. Ver: SAMPAIO, Dorian. Op. Cit., p. 220.

¹⁷⁰ A Universidade Federal do Ceará foi fundada em 16 de dezembro de 1954, tendo, como primeiro Reitor o Professor Antônio Martins Filho.

¹⁷¹ O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará foi fundado em 9 de abril de 1951, a partir da criação da Associação Profissional dos Jornalistas do Ceará. Disponível em: <<http://www.sindjorce.org.br/o-sindjorce/sindicato-dos-jornalistas-profissionais-do-estado-do-ceara>>. Acesso em 28 de setembro de 2010.

A ideia dos cursinhos de Jornalismo foi semeada pela professora Adísia Sá e encontrou apoio da diretoria do Sindicato, naquele período, presidido por Antônio Pontes Tavares¹⁷².

Segundo a professora Adísia Sá, no livro “Ensino de Jornalismo no Ceará”¹⁷³, não houve resistência das empresas jornalísticas para a criação do curso. Inclusive, a diretoria do Sindicato teria ido pessoalmente às redações das emissoras de rádio e televisão, assim como dos jornais impressos, para divulgar o curso, conclamando as pessoas a fazê-lo, como também convidando os jornalistas mais experientes para ministrar as disciplinas.

A procura pelo primeiro curso de Jornalismo foi tão grande, que teria até surpreendido os próprios idealizadores do projeto, suscitando a necessidade de uma seleção para compor a turma. Foram, então, abertas 55 vagas.

O primeiro curso teve início no dia 15 de janeiro de 1964 e foi finalizado em 15 de fevereiro do mesmo ano. As aulas eram ministradas na sede da ACI, localizada no 5º andar do Edifício Perboyre e Silva, das 15 às 17 horas, diariamente, exceto aos sábados.

O curso compreendia a parte teórica e prática do exercício da profissão de jornalista. As disciplinas e professores foram os seguintes:

- O Jornalista: Homem e Profissional – Adísia Sá
- A Lei e a Imprensa – Olavo Sampaio¹⁷⁴
- Diferentes tipos de periódicos – Dorian Sampaio¹⁷⁵
- Organização Jornalística – Antônio Carlos Campos de Oliveira¹⁷⁶
- Secretaria e diagramação – J. Arabá Matos¹⁷⁷
- O Correspondente – Gusmão Bastos¹⁷⁸
- Radiojornalismo – Cid Carvalho¹⁷⁹

¹⁷² Natural de Maranguape, nasceu em 1923, era bacharel em Direito e ingressou no jornalismo em 1961, pelo jornal O Povo.

¹⁷³ SÁ, Adísia. Op. Cit..

¹⁷⁴ Foi um jornalista destacado nas décadas de 1940 e 1950.

¹⁷⁵ Dorian Sampaio foi jornalista, diretor da Gazeta de Notícias e deputado estadual pelo PSD.

¹⁷⁶ Falecido em 2009, aos 90 anos, foi Presidente da Associação Cearense de Imprensa, de 1961 a 1975.

¹⁷⁷ José Arabá Matos, natural de Jucás. Ingressou na Gazeta de Notícias em 1945, também fez parte da equipe do Jornal O Povo.

¹⁷⁸ José Gusmão Bastos, promotor aposentado, fez parte da Associação Cearense de Jornalistas do Interior.

- Reportagem – Edmundo Maia¹⁸⁰
- Redação – Juarez Temóteo¹⁸¹
- Exercício profissional – Frota Neto¹⁸² e Inácio de Almeida¹⁸³

Ainda no ano de 1964, o Presidente da ACI, Antônio Carlos Campos de Oliveira, informa à diretoria da instituição que havia realizado entendimentos com o Reitor Antônio Martins Filho¹⁸⁴ para o início do curso de Jornalismo em 1966.

O primeiro “cursinho” obteve tanto sucesso, que, um ano depois, novo curso foi realizado. Desta vez, outros profissionais foram convidados a ministrar aulas e o número de disciplinas aumentou. As atividades tiveram início em 11 de janeiro e término em 20 de fevereiro de 1965. Assim ficou dividido o programa do curso:

- O Homem: jornalista e profissional – Adísia Sá
- O jornalismo no Ceará e a Imprensa Brasileira – Geraldo da Silva Nobre¹⁸⁵
- Relações Públicas – Maria da Graça Andrade
- Organização Jornalística – Antônio Carlos Campos de Oliveira
- A Lei e a Imprensa – Paulo Lopes Filho¹⁸⁶
- Secretaria – J. Arabá Matos
- *Publicidade* – Luiz Queiroz Campos
- Colunismo – Lúcio Brasileiro¹⁸⁷
- Política – Frota Neto
- Esporte e Radiojornalismo – Cid Carvalho
- Redação – Teobaldo Landim¹⁸⁸

¹⁷⁹ Cid Sabóia de Carvalho, nascido em 1935, é natural de Fortaleza. Graduado em Direito, foi professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Foi Senador, pelo PMDB, de 1986 a 1994.

¹⁸⁰ Foi chefe de reportagem do Canal 10, hoje TV Verdes Mares, e correspondente do Jornal Folha de São Paulo.

¹⁸¹ Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará.

¹⁸² Natural de Ipueiras, o jornalista atuou no impresso, no rádio e na televisão cearense. Foi correspondente dos jornais Folha de São Paulo e Correio Brasiliense, na Europa.

¹⁸³ Natural de Baturité, destacou-se como jornalista na segunda metade do século XX.

¹⁸⁴ Natural de Crato, nasceu em 1904 e faleceu em 2002. Foi Fundador da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, sendo o primeiro Reitor das duas instituições. Foi, ainda, representante do Brasil na Organização dos Estados Americanos – OEA.

¹⁸⁵ Geraldo da Silva Nobre nasceu em 1924 e faleceu em 2005. Foi presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, por duas vezes.

¹⁸⁶ Atuou na Rádio Iracema. É professor da Faculdade de Direito.

¹⁸⁷ Francisco Newton Quesado Cavalcante nasceu em 1939 e é natural de Aurora. Conhecido como Lúcio Brasileiro. Iniciou a carreira na Gazeta de Notícias, como cronista social.

¹⁸⁸ Falecido em 1984, em desastre automobilístico, era editor do jornal O Estado.

- Reportagem – Rangel Cavalcante¹⁸⁹
- Diagramação – Antônio Fernandes¹⁹⁰
- Revisão – Faria Guilherme¹⁹¹
- Correspondente – Wellington Mesquita¹⁹²
- Fotografia – Polion Lemos¹⁹³

Depois do segundo curso de Jornalismo para principiantes, o acordo entre as entidades de classe e a Universidade foi mais um passo em prol da fundação do curso de jornalismo. Este acordo promoveu o chamado Curso Livre de Jornalismo do Ceará, que, segundo a professora Adísia Sá, foi uma espécie de transição entre os cursinhos para principiantes e os cursos universitários.

Para o curso, inscreveram-se mais de trezentos candidatos, sendo apenas 60 as vagas oferecidas. As aulas foram iniciadas em 17 de maio de 1965, no mesmo prédio da ACI e também na Faculdade de Direito. As aulas foram concluídas no dia 17 de julho do mesmo ano. A divisão das disciplinas ficou da seguinte forma:

- Elementos de Literatura Brasileira – João Clímaco Bezerra¹⁹⁴
- Elementos de Literatura Portuguesa – José Maria Moreira Campos¹⁹⁵
- Elementos de Sociologia – Lustosa da Costa¹⁹⁶
- Elementos de Economia – Antônio Girão Barroso¹⁹⁷
- Elementos de Psicologia – Adísia Sá
- Colunismo Social – Lúcio Brasileiro
- Colunismo Político – Frota Neto
- História da Imprensa – Geraldo da Silva Nobre

¹⁸⁹ Natural de Crateús, atualmente é colunista e vive em Brasília.

¹⁹⁰ Foi vereador de Fortaleza.

¹⁹¹ Heitor Faria Guilherme. Foi o primeiro coordenador do Curso de Comunicação Social da UFC.

¹⁹² Foi correspondente em Londres.

¹⁹³ Paraibano, nasceu em 1932. Era da equipe de cinegrafistas do Canal 10.

¹⁹⁴ Faleceu em 2006. Era membro da Academia Cearense de Letras e foi fundador do Grupo Clã, agremiação literária cearense.

¹⁹⁵ Nasceu em 1914 e faleceu em 1994. Foi um contista brasileiro de renome internacional.

¹⁹⁶ Nasceu em 1938. Foi editor dos jornais Correio do Ceará e Unitário e trabalhou na TV Ceará e na Ceará Rádio Club, todos veículos dos Diários Associados. Trabalhou como repórter no jornal O Estado de São Paulo e foi colunista do Correio Braziliense, em Brasília. Atualmente, é colunista do Diário do Nordeste.

¹⁹⁷ Natural de Araripe, nasceu em 1914 e faleceu em 1990. Foi poeta, contista, crítico, jornalista e advogado. Foi Dr. em Ciências Econômicas. Membro da Academia Cearense de Letras. Participou do Grupo Clã e de outras agremiações culturais. Criou revistas e jornais literários.

- *Publicidade* – Luiz Queiroz Campos
- Legislação – Paulo Lopes Filho
- Fotografia – Polion Lemos
- Teoria de Rádio e Telejornal – Otacílio Colares¹⁹⁸
- Técnica de Rádio – Cid Carvalho
- Reportagem – Rangel Cavalcante
- Administração Científica do Trabalho – Aluísio Girão Barroso¹⁹⁹
- Teoria de Jornal e Periódico – J. C. Alencar Araripe²⁰⁰
- Técnica de Redação – J. Arabá Matos
- Revisão – Faria Guilherme
- Elaboração da Notícia – Teobaldo Landim
- Administração de Empresas – Antônio Carlos Campos de Oliveira

Além das disciplinas, foram ainda ministradas palestras com professores convidados.

Depois do êxito de tais cursos, a Universidade aprovou a criação do Curso de Jornalismo, no final do ano de 1965. O problema inicial do curso foi a falta de profissionais com nível superior em Jornalismo, pois o Conselho Universitário exigia que as aulas técnicas fossem ministradas por profissionais graduados na área. O impasse resolveu-se com a admissão de jornalistas profissionais e, depois, por concurso para jornalistas profissionais com mais de 10 anos de atuação na área.

LUIZ CAMPOS E O CURSO DE JORNALISMO DA UFC

Criado o curso de Jornalismo, a Reitoria destinou a Luís Cavalcanti Sucupira a direção do curso. Os primeiros professores foram indicados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. As inscrições para o primeiro vestibular aconteceram em janeiro de 1966 e as aulas tiveram início em março do mesmo ano. Dos 35 inscritos para o vestibular, 18 foram selecionados para fazer parte da primeira turma do curso de Jornalismo.

¹⁹⁸ Natural de Fortaleza, nasceu em 1918 e faleceu em 1988. Bacharel em Direito, atuou como jornalista e poeta.

¹⁹⁹ Foi colaborador dos Diários Associados e membro do Grupo Clã.

²⁰⁰ José Caminha Alencar Araripe nasceu em 1921, em Jardim. Bacharelou-se em Ciências Contábeis e Atuariais. Foi membro da Academia Cearense de Letras e publicou vários livros.

Em 1968, o curso começou a correr um sério risco de ser fechado. O convênio entre a Universidade e a Associação Cearense de Imprensa havia sido cassado. Não havia professores para lecionar as disciplinas técnicas do curso. A solução do Reitor era mandar os alunos que já estavam matriculados no curso para outras universidades fora do Ceará, mediante o pagamento de bolsas.

Entretanto, este não era o desejo dos estudantes, que já haviam até fundado o Diretório Acadêmico, que ficou denominado de Tristão de Ataíde, onde eles discutiam os problemas do curso e da Universidade. Estes alunos resolveram, então, ocupar o prédio da rua Barão do Rio Branco, que havia sido prometido para o curso. Contaram até com o apoio do coordenador do curso, Carlos d'Alge, que, após este problema, renunciou.

O curso muda de denominação em 1969, passando a ser Curso de Comunicação Social e tendo como coordenador Faria Guilherme, que junto com a Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia ficou responsável por elaborar as normas do concurso para professores do curso de Comunicação Social. O concurso para professores aconteceu apenas em 1970:

Em 1970, na segunda quinzena de janeiro, com base na Resolução nº 228, de 13 de janeiro, do Conselho Universitário, a direção da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia baixou Edital tornando pública a abertura de concurso para “seleção, com base exclusivamente em títulos, de professores assistentes para 9 (nove) disciplinas estritamente técnicas, na área de Comunicação”²⁰¹.

O concurso para professores assistentes foi realizado no dia 29 de janeiro de 1970 e teve 12 inscritos. Destes, 9 foram os selecionados: Maria Adísia Barros de Sá, bacharel e licenciada em Filosofia, Flávio Manoel de Barros da Ponte, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Francisco Teobaldo Mourão Landim, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, José Alcides Pinto, bacharel em Jornalismo e Biblioteconomia (formado pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil), José Caminha Alencar Araripe, bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais, Cid Sabóia de Carvalho, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Geraldo da Silva Nobre, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e licenciado em Geografia e História, e Manuel Mendes Felizardo Mont'Alverne, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

²⁰¹ SÁ, Adísia. Op. Cit., p. 63.

Estes professores foram nomeados em 3 de fevereiro de 1970, desaparecendo o curso de Comunicação Social, que transformou-se em Departamento de Comunicação Social.

Entretanto, em novembro de 1970, o professor Geraldo Silva Nobre renuncia ao cargo, sendo convocado e contratado Luiz Queiroz Campos, o primeiro classificável do concurso de títulos.

Os professores fundadores do Departamento de Comunicação Social continuaram como assistentes até 1979, quando se deu a primeira progressão funcional do Grupo Magistério, passando para adjuntos²⁰²:

Departamento do Pessoal

**PORTARIA Nº 190, DE 2 DE MARÇO
DE 1979**

O Diretor do Departamento do Pessoal da Universidade Federal do Ceará, com fundamento no artigo 16 do Decreto número 81.317, de 8 de fevereiro de 1978 e tendo em vista o que dispõem a Instrução Normativa número 1, de 1978 — MEC e o Processo número 3.041, de 1979, resolve:

Conceder Progressão Funcional à classe de Professor Adjunto do Grupo Magistério, M-400 e L/T-M-400, aos Professores Assistentes, abaixo relacionados:

**Cid Saboia de Carvalho
Fernandina Fernandes Lino
Flávio Manuel de Barros da Ponte
Francisco Teobaldo Mourão Landim
Heitor Faria Guilherme
Lilian Pimentel Gomes
Luiz Queiroz Campos
Maria Adisia Barros de Sá**

Imagem 23: fac-símile do Diário Oficial da União, de 12 de março de 1979, declarando a progressão funcional dos professores da Universidade Federal do Ceará. No recorte observamos os nomes de alguns dos professores do Departamento de Comunicação Social.

Todavia, como foi possível perceber na primeira parte deste capítulo, a relação do professor Luiz Queiroz Campos com o curso de Jornalismo não se dá somente mediante a

²⁰² Diário Oficial da União, de 12 de março de 1979, p. 34, seção 2.

aprovação no concurso de título. Ele já tinha participado do segundo cursinho para principiantes, oferecido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará, e também do Curso Livre de Jornalismo.

Adísia Sá revela como era trabalhar na Universidade com o antigo colega e diretor da Gazeta de Notícias, onde ela começou a vida profissional:

Trabalhei com Luiz Campos na Gazeta de Notícias, nos idos de 1955... quando ali ingressei. Do setor Comercial para a Redação, foi um pulo: Luiz era articulista de um jornal dos empresários, mas foi na nossa GN que ele cresceu como jornalista, defensor intransigente dos interesses do Ceará. Quanto à participação de Luiz na criação do Curso de Jornalismo vale salientar que ele foi um dos professores do 2o curso para Principiantes, lecionando PUBLICIDADE e também no Curso Livre, mesma disciplina. Luiz fez parte do grupo dos primeiros professores do Curso de Jornalismo, submetidos à seleção de títulos. Luiz foi um dos aprovados, mas só assumiu depois da renúncia de Geraldo Silva Nobre. Finalmente quero dizer sobre Luiz, colega de magistério: trazia sempre as aulas preparadas, era pontual, firme no cumprimento do dever, amável com todos. Fui Chefe do Departamento de Comunicação Social e contei sempre com a colaboração de Luiz, quando necessário se fazia a sua presença²⁰³.

No Departamento de Jornalismo Luiz Campos ficou novamente encarregado de ministrar as disciplinas relativas ao conteúdo de Publicidade, uma vez que ainda não havia a habilitação específica para esta profissão. Mas, também ministrou outras disciplinas, de acordo com as necessidades do curso.

Dele, o que mais chamava a atenção dos alunos era a indumentária. Luiz Campos ia dar aulas na Universidade de paletó, diferente dos demais professores do curso que se vestiam informalmente.

Discente da turma de 1969, hoje professor aposentado do Departamento de Comunicação Social da UFC, Gilmar de Carvalho relembra o professor de Publicidade, Luiz Campos:

A Universidade era bem diferente, em 1969, quando prestei vestibular e ingressei no Curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UFC. Talvez em razão de serem tempos muito duros, do ponto de vista político. O que eu quero salientar é que mesmo assim guardo boas lembranças deste período. Lembranças de um curso noturno, no centro da cidade, onde a gente encontrava pessoas interessantes, inquietas e criativas. Neste momento, meu interesse era pelo jornalismo. Para ser mais preciso, pelo jornalismo impresso. Mas sempre achei interessante as aulas do Professor Luís Campos. Ele falava de publicidade, algo então muito distante dos meus projetos de vida. Falava de um modo disciplinado, levando ideias de

²⁰³ Depoimento da professora Adísia Sá, através de e-mail.

planejamento, estruturação de campanhas e administração de agências. Aquilo tudo era muito novo para mim²⁰⁴.

O professor Gilmar salienta também a questão da dedicação de Luiz Campos e as diferenças entre o professor e o curso do qual fazia parte:

O Professor Luiz era um homem dedicado ao magistério, mas sua figura severa, de paletó, me dava sempre a impressão de que era alguém que tomávamos de empréstimo da esfera pública. Ele tinha sido vice-prefeito de Fortaleza, tinha histórias para contar, chegava para as aulas sempre bem vestido e ocupava cargos importantes. Via a dedicação dele ao magistério superior como um instante em que podia tirar, metaforicamente, o paletó e se sentir mais à vontade, entre gente jovem, o que é sempre estimulante²⁰⁵.

Outro que traz na memória as aulas de Luiz Campos é o estudante, da turma de 1976, hoje professor do curso de Comunicação Social da UFC, Ronaldo Salgado:

Luiz Campos era um professor austero, circunspecto, muito educado. As aulas eram extremamente formais e a relação dele com os alunos e as alunas era cerimoniosa. Fiz com ele as disciplinas Publicidade I e II. Ele dava aula sentado, depois de tirar o paletó e pendurá-lo nas costas da cadeira. Começava e terminava sempre no horário, quando punha o paletó e se dirigia ao carro oficial do Banco Nacional da Habitação (BNH), do qual era o dirigente no Ceará. Gostava de que os alunos participassem das aulas ora fazendo perguntas, ora ministrando seminários temáticos das disciplinas. Nas correções dos trabalhos e nas avaliações era muito sucinto. Quase não sorria em sala de aula, nem gostava de fazer brincadeiras - exercia a função de professor de maneira muito formal²⁰⁶.

Repensando sobre as próprias atitudes em sala de aula, Luiz Campos revela que pensava que seus alunos o achavam “um ditador”. Não esconde que seguia estritamente as regras da Universidade. Ele conta que fazia duas chamadas em todas as aulas, uma aos 5 minutos e outra duas horas depois, ao término do horário.

As faltas não eram abonadas. Ele explica que os alunos tinham direito a 25% de faltas, nada mais. Segundo o professor, se os estudantes precisassem se ausentar das aulas por conta de doenças, mortes na família, problemas em empregos, isso já estaria incluído nestes 25% de faltas a que eles tinham direito. Sobre isso, ele nos contou uma interessante história:

Havia 52 alunos em uma turma. Era a turma da Júlia Miranda²⁰⁷, a Juju. Mais espreitada que ela, de aluna, só tive a Luizianne²⁰⁸. Nesta turma havia também o

²⁰⁴ Depoimento do professor Gilmar de Carvalho, através de e-mail.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ Depoimento do professor Ronaldo Salgado, através de e-mail.

²⁰⁷ Formada em Comunicação Social pela UFC, na turma de 1971. Atualmente, Júlia Miranda é professora efetiva do curso de Comunicação Social da UFC.

²⁰⁸ Atual prefeita de Fortaleza. Eleita em 2004, Luizianne de Oliveira Lins está em seu segundo mandato à frente do Executivo Municipal. É formada em Comunicação Social pela UFC e professora efetiva do mesmo curso.

Frei “Toim”. Foi quando morreu o pai do Paulo Tadeu²⁰⁹, que era colega deles. Quando cheguei pra dar aula, a Juju avisou que o pai do Paulo Tadeu tinha morrido. Eu não ia dispensar os alunos, mas eles me pediram pra ir à missa de sétimo dia, que seria celebrada pelo Frei “Toim”. Então, resolvi abrir mão das faltas e liberei os alunos pra irem à missa. Dispensei o motorista do BNH e fui a pé até a igreja. Quando cheguei lá, havia muita gente, mas era a família do Paulo Tadeu. Sentei vizinho à professora Adísia Sá. Quando começou a missa, do curso de Comunicação, só estávamos na igreja eu, a Adísia, o Paulo Tadeu, que era o filho do falecido, e o Frei “Toim”, que estava celebrando a missa. Esperei até a hora da homilia, como não chegou mais ninguém, tirei a chamada da pasta e comecei a dar falta nos alunos que não estavam na igreja. Só o Paulo Tadeu e o Frei “Toim” receberam a presença. Por causa disso houve uma confusão, levaram o caso para a Reitoria, para o Ministério da Educação, mas todos os pareceres foram a meu favor²¹⁰.

Luiz Campos marca sua trajetória pelo curso de Comunicação Social da UFC, não só pelo terno que usava. Mesmo distante dos alunos, sendo restrito às salas de aula, era ali que ele “tirava o paletó”, como relembra Gilmar de Carvalho.

Enquanto lecionava as disciplinas de Publicidade no curso de Jornalismo, Luiz Campos ainda era dirigente do BNH na região dos estados do Ceará, Piauí e Maranhão, por isso a associação lógica entre ele e o serviço público que é feita pelos ex-alunos.

Luiz Campos aposenta-se como professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará em 21 de novembro de 1995. Entretanto, sua vaga só foi preenchida em 1999²¹¹:

²⁰⁹ Paulo Tadeu é jornalista, ex-presidente dos comitês de imprensa da Câmara Municipal de Fortaleza e da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Atualmente é ouvidor da Universidade Estadual do Ceará.

²¹⁰ Esta passagem foi contada à autora pelo professor Luiz Campos, em telefonema, no dia 19 de outubro de 2010.

²¹¹ Diário Oficial da União, de 27 de abril de 1999, p. 9, seção 2.

Superintendência de Recursos Humanos

PORTARIAS DE 23 DE ABRIL DE 1999

O Superintendente de Recursos Humanos, no uso de suas atribuições conferidas através da Portaria nº 1.377, de 04 de agosto de 1995, resolve:

Nº 378 – Nomear, em caráter efetivo, em virtude de habilitação em Concurso Público de provas e títulos, com fundamento no art. 9º, inciso I, da Lei nº 8.112/90, para exercer o cargo de Magistério do Ensino Superior, na Classe de Professor Auxiliar, Nível I, em regime de Dedicação Exclusiva, os seguintes concursados:

1 Francisco Edir de Oliveira Sousa, concurso homologado em 08.03.1999, autorizado conforme publicação no DOU de 13.07.1995, em vaga decorrente da posse em outro cargo inacumulável de Lorita Marlina Freitag Pagliuca, publicada no DOU de 23.04.1992, código: 637022, processo nº 23067.2018/99-90;

2 Maria Elieni Henrique da Silva, concurso homologado em 07.01.1999, autorizado conforme publicação no DOU de 13.04.1998, em vaga decorrente da aposentadoria de Maria Estrela Araújo Fernandes, publicada no DOU de 17.02.1995, código: 225581, processo nº 23067.13660/99-12;

Nº 379 – Nomear, em caráter efetivo, em virtude de habilitação em Concurso Público de provas e títulos, com fundamento no art. 9º, inciso I, da Lei nº 8.112/90, para exercer o cargo de Magistério do Ensino Superior, na Classe de Professor Assistente, Nível I, em regime de Dedicação Exclusiva, os seguintes concursados:

1 Maria Inés Pinheiro Cardoso Salles, concurso homologado em 08.03.1999, autorizado conforme publicação no DOU de 13.04.1998, em vaga decorrente da aposentadoria de Aurineide Costa da Penha, publicada no DOU de 08.02.1996, código: 224040, processo nº 23067.2015/99-00;

2 Andréa Carla Melo Filgueiras, concurso homologado em 08.03.1999, autorizado conforme publicação no DOU de 13.04.1998, em vaga decorrente da aposentadoria de Maria Natércia Linard A Lima Verde, publicada no DOU de 15.02.1996, código: 224250, processo nº 23067.2016/99-64;

3 Rute Batista de Pontes, concurso homologado em 08.03.1999, autorizado conforme publicação no DOU de 13.04.1999, em vaga decorrente da aposentadoria de Luiz Queiroz Campos, publicada no DOU de 21.10.1995, código: 222975, processo nº 23067.2017/99-27).

ANTONIO AROLDO LINS SOARES

Imagem 24: fac-símile do Diário Oficial da União, de 27 de abril de 1999, que apresenta a nomeação de Rute Batista de Pontes, na vaga deixada pela aposentadoria de Luiz Campos da Universidade Federal do Ceará.

O INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS

O Instituto Brasil-Estados Unidos, conhecido como IBEU, nasceu de uma vontade do professor norteamericano Stephen Duggan. Em 1931, ele era diretor do *Institute of International Education* de Nova Iorque e fez uma viagem de estudos por vários países da América Latina e sentiu a necessidade de aumentar as relações entre estes países e os Estados Unidos da América. Assim, foi criada uma associação de caráter binacional especializada em difundir a cultura norteamericana e, principalmente, ensinar o idioma inglês.

No Brasil, o estado do Rio de Janeiro, então Capital da República, foi o escolhido para sediar o Instituto Brasil-Estados Unidos, que foi fundado em 13 de janeiro de 1937 em uma assembleia na sala de conferências do Palácio do Itamarati, contando com a presença de centenas de pessoas. Desde então, o Ibeu espalhou-se por todo o país e pela América Latina,

sendo hoje considerado uma das mais conceituadas escolas de ensino do idioma norteamericano²¹².

Todavia, é apenas na década de 1940, mais precisamente no ano de 1943, que o Ibeu instala-se no Ceará, sendo o nosso Estado o quarto no Brasil a receber o Instituto. O Ibeu foi fundado no Estado a partir de norte-americanos que residiam na Base Aérea de Fortaleza, por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

O Instituto chegou a funcionar também como um centro cultural com atividade no campo das artes e da literatura, com uma biblioteca com mais de 15.000 títulos em português, inglês e espanhol, uma galeria de arte e um teatro. O Ibeu-CE promoveu, ao longo de muitos anos, festivais de música, de artes plásticas e cênicas, concursos de poesia, peças teatrais, exposições artísticas e muito mais.

Hoje, concentra-se apenas no ensino das línguas inglesa e espanhola e seu teatro encontra-se fechado há alguns anos. Atualmente, o Ibeu conta com dois núcleos em Fortaleza. O mais antigo fica localizado no Centro da Cidade. O segundo é situado no bairro do Meireles.

LUIZ CAMPOS E O INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS

A relação do jornalista Luiz Campos com o Ibeu é antiga. Já nos seus artigos, ainda na década de 1950, o jornalista exaltava a presença desta instituição na cidade de Fortaleza²¹³:

²¹² História do Ibeu. Disponível em < <http://www.ibeu.org.br/canais/sobre-ibeu/historia-2>>. Acesso em 30 de setembro de 2010.

²¹³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: O Instituto Brasil-Estados Unidos. In.: **Gazeta de Notícias**, 21 abr. 1955, p.3.



Imagem 25: Artigo “O Instituto Brasil-Estados Unidos”, de 21 de abril de 1955.

Neste artigo, Luiz Campos parabeniza e homenageia o Instituto pela inauguração de uma sede própria, após 12 anos de existência na cidade de Fortaleza. O jornalista elogia o Ibeu por promover um apoio incondicional às artes, principalmente, à pintura, com várias exposições, assim como pela promoção de palestras, exibição de filmes e, claro, o ensino do idioma inglês, sobre o qual Luiz Campos salienta a importância para os negócios com o estrangeiro.

Luiz Campos afirma no artigo de 1955:

É o I.B.E.U. uma agremiação, cujas finalidades são difundir o conhecimento da língua inglesa, bem assim incentivar o aprimoramento cultural e fomentar o gosto pelas artes, pela ciência, finalmente, formar uma coletividade intelectualizada, - base, sem dúvida, onde é possível erguer um edifício duradouro – de bom progresso também social e econômico. Com isso, de modo incontestável, o Instituto Brasil-Estados Unidos vem desenvolvendo um programa de grande utilidade para o nosso povo. Os seus cursos de língua inglesa são frequentadíssimos e, a cada anos, cresce o número de novos alunos. Se isto demonstra que se amplia o interesse pelo conhecimento do idioma inglês, de outro modo, pode atestar o crédito e a confiança que, com muita justiça, os estudiosos depositam no Instituto. Só neste setor de divulgar e aprimorar o conhecimento da língua inglesa, o IBEU presta um grande serviço aos próprios setores de atividades produtivas de nossa terra, como são o comércio, a indústria, os bancos, os jornais, etc. Ninguém desconhece que, a cada dia, intensifica-se o nosso intercâmbio comercial com o estrangeiro, principalmente com a Inglaterra e os Estados Unidos, necessitando os escritórios comerciais, dessas empresas, de bons correspondentes em inglês e intérpretes habilitados. E o Instituto Brasil-Estados Unidos vem, então, realizando um grande trabalho de formação desses elementos, o que deve ser registrado como um serviço inestimável prestado, em sua função particular, em favor do progresso da terra. Sob outro aspecto, o Instituto Brasil-Estados Unidos tem se constituído uma escola de formação social, um órgão de cooperação nos mais destacados movimentos culturais, promovendo conferências dos mais credenciados intelectuais conterrâneos, ora facultando seus salões para a realização de recitais ou para exposições de artes diversas, principalmente, a pintura.²¹⁴

No mesmo artigo, Luiz Campos aponta ainda a necessidade de o Poder Público, as associações de classe e entidades privadas, além dos cidadãos de Fortaleza, ajudasse, o Instituto, prestassem assistência a ele, como forma de gratidão pelos benefícios que este vinha desenvolvendo na Cidade.

O jornalista salienta ainda que “pouca gente sabe disso: o IBEU vive de suas rendas próprias e tudo o que tem conseguido, até aqui, é resultado do trabalho de seus dirigentes”²¹⁵.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Idem. Ibidem.

Assim, com uma defesa tão entusiasta desta instituição, não é de se admirar que, alguns anos depois, no ano de 1973, o jornalista Luiz Campos tenha sido convidado para trabalhar no Instituto, ocupando o cargo de presidente desta organização até hoje.



Imagem 26: Luiz Campos e professores do Ibeu recebem comitiva norte-americana. Arquivo do Ibeu-Ce.

Sobre a atuação no Instituto, Luiz Campos é sucinto, mas fala com orgulho de trabalhar no Ibeu até hoje e sem receber por isso:

Sou presidente do IBEU há 34 anos. Por isso é que eu mantenho aqui curso de inglês na favela, pra pobre. Tem 23 cegos que estudam de graça. Eu construí dois teatros aqui em Fortaleza. Sabe quanto eu ganho aqui no Ibeu? Nem um litro de gasolina pra eu ir pra casa. Pela lei, o IBEU é uma instituição sem fins lucrativos²¹⁶.

Por esta atuação à frente do Ibeu-CE, o jornalista Luiz Campos foi homenageado em 3 de dezembro de 2008, pela Assembleia Legislativa de Fortaleza, em sessão solene, por ocasião das comemorações dos 65 anos de fundação do Instituto Brasil-Estados Unidos em Fortaleza²¹⁷.



Imagem 27: Assembléia Legislativa homenageia o Ibeu.

²¹⁶ Entrevista com Luiz Queiroz Campos, realizada pela autora deste trabalho, em 14 de setembro de 2007, na Sede do IBEU: Instituto Brasil – Estados Unidos, no Bairro do Centro, em Fortaleza.

²¹⁷ Disponível em < http://www.al.ce.gov.br/noticias/noticia_completa.php?codigo=8052>. Acesso em 30 de setembro de 2010.

EPÍLOGO

Conheci o professor Luiz Campos em 14 de setembro de 2007. Estava, na época, concluindo o curso de História, na Universidade Estadual do Ceará e havia descoberto os artigos de Luiz Campos na Gazeta de Notícias, que falavam sobre o Abrigo Central, tema de minha pesquisa para a monografia.

Encantada com os artigos do jornalista, fiz meu primeiro trabalho no curso de Comunicação, da Universidade Federal do Ceará, sobre a coluna “Considerações”. Foi quando soube, pelo professor Gilmar de Carvalho, que Luiz Campos ainda estava vivo e que era o presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu) no Ceará.

Resolvi tentar entrar em contato com Luiz Campos para entrevistá-lo para a minha pesquisa. Assim que liguei para o Ibeu, o professor atendeu o telefonema e já conversou por uns bons minutos comigo. Fiquei muito empolgada com a entrevista que ajudaria bastante a esclarecer mais sobre o antigo Abrigo da Praça do Ferreira.

Fui ao Ibeu numa sexta-feira pela manhã. Sozinha, cheguei à sede do Instituto, na rua Nogueira Acioli, por volta das 8 horas. Anunciei que estava esperando o professor Luiz Campos para uma entrevista, me sentei, puxei minhas anotações e fiquei dando uma olhada nos assuntos que iria abordar.

Ansiosa, ficava todo tempo olhando para o relógio e tentando descobrir se ele já havia chegado. Nada. As horas passavam, entravam e saiam estudantes e ninguém me dava notícias. Já estava pensando que ele não viria e a entrevista teria que ficar para outra oportunidade.

Passava das 10 horas da manhã. A fome batia, pois tinha saído de casa sem ao menos tomar café ou um copo de leite. Foi quando a recepcionista me chamou e disse que entrasse em outra sala.

Havia algumas cadeiras, onde pude me sentar. De lá, observava o professor conversando com uns funcionários. Talvez fosse alguma reunião. Depois de mais uns minutos de angústia, mandaram que eu entrasse.

Cumprimentei, nervosa, o professor. Identifiquei-me e expliquei o motivo da entrevista, salientando os assuntos sobre os quais queria conversar com ele. Luiz Campos pediu que eu sentasse à mesa de reuniões de sua ampla sala, ornada com várias estantes repletas de livros.

Sentei e tirei o gravador da bolsa. O telefone celular já estava no modo silencioso desde que eu havia entrado no Ibeu. Antes mesmo que eu ligasse o gravador e fizesse a primeira pergunta, o professor antecipou-se a contar como era a cidade de Fortaleza à época do Abrigo Central.

Falou sobre o centro, os bondes, as lojas, os cafés e muito mais. Explicou-me porque escrevera tantos artigos sobre o Abrigo e contou, eufórico, sobre a importante viagem que fizera aos Estados Unidos, a convite do governo norteamericano.

Relembrou também que havia sido vice-prefeito de Fortaleza, presidente da Caixa Econômica Federal no Ceará e diretor do Banco Nacional de Habitação na região do Ceará, Piauí e Maranhão.

Entre um assunto e outro, algum funcionário do Ibeu entrava na sala e pedia que o professor assinasse documentos, diplomas, concedesse descontos a alunos. O telefone tocou por duas vezes. Em uma delas, a cerimonialista de um casamento que Luiz Campos iria apadrinhar com sua esposa explicava a ele o traje que deveriam usar e o horário que teriam de estar na igreja. Enquanto isso, me serviram um café.

Depois, um rapaz entrou na sala e entregou ao professor as cartelas das apostas na Megasena que ele tinha solicitado que o funcionário fizesse. A desculpa para tal atitude é que apesar de ter trabalhado muito não tinha ficado rico. Ainda estava tentando a sorte grande.

Era tanta história que o homem idoso, mas muito bem conservado, contava, que eu nem percebia que o tempo estava passando. Fui atentar para o horário quando senti que meu

celular vibrava inúmeras vezes dentro da bolsa. Alguém queria muito falar comigo, mas eu não podia perder a chance de continuar ali, ouvindo aquela história de vida tão movimentada.

Foi quando uma funcionária do Instituto veio anunciar que já iriam fechar as portas, pois era mais de duas horas da tarde e todas as aulas do dia já haviam encerrado. Passava do horário de almoço. Luiz Campos ainda falou por mais alguns minutos, até que sua filha Lídice, que trabalha com ele no Ibeu, veio, mais uma vez, insistir para irem para casa.

Depois de mais de três horas de conversa, o professor despediu-se de mim e desejou boa sorte na continuidade de minha pesquisa. Saí do Ibeu eufórica com tantas informações importantes que ele havia me dado.

Lembrei de olhar o telefone celular. Havia na tela mais de vinte chamadas não atendidas. Minha mãe e meu namorado estavam preocupados, sem saber onde eu estava até aquele horário. Liguei para ambos e disse que estava acabando de sair da entrevista.

Desde aquele dia, nunca esqueci as histórias que Luiz Campos, com tanta humildade e carinho, havia me contado. Nenhum dos meus entrevistados tinha tido tanta abertura para me contar sua história de vida, seu passado, como ele.

Aquilo ficou por muito tempo guardado em mim. Terminei o curso de História e voltei para a UFC na tentativa de concluir também o curso de Jornalismo. Continuei fazendo as disciplinas, até que chegou o momento de escolher um novo tema para ser meu objeto de pesquisa no curso de Comunicação Social.

Não precisaria, necessariamente, ser uma monografia, poderia ser um livro-reportagem, nova oportunidade que os cursos de Jornalismo estão oferecendo para os estudantes que ambicionam escrever grandes reportagens sobre um tema que os agrada.

Então, decidi que meu trabalho de conclusão de curso seria um livro-reportagem sobre o professor Luiz Queiroz Campos, uma biografia-reportagem. Queria socializar com todos os conhecidos a história de vida daquele homem que eu havia conhecido três anos atrás.

Fiz o projeto de pesquisa, sob orientação do professor Agostinho Gósson e mergulhei novamente no ribeirão de jornais velhos e empoeirados da hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel para encontrar novamente os exemplares da extinta Gazeta de Notícias e coletar os artigos de Luiz Campos.

Foram vários dias me dirigindo à Biblioteca, enfrentando as intermináveis reformas e reparos na Avenida Leste-Oeste, até ler, resumir e fotografar os 1.478 artigos de Luiz Campos. Depois, fiz a coleta de todas as matérias que encontrei sobre ele nos jornais. Voltei aos livros de memória, aos anuários e coletei ainda mais informações.

Queria muito poder entrevistá-lo novamente, mas as chances eram poucas. As informações, que eu recebia no Ibeu e também de pessoas que o conheciam, eram de que Luiz Campos estava adoentado e havia viajado para o estado de Goiás, a fim de realizar um tratamento de saúde.

Finalizei o trabalho, mas sentia que faltava algo. Fiz a última tentativa. Liguei para o Ibeu uma segunda-feira à tarde e perguntei pelo professor Luiz Campos. Tomei um susto quando a funcionária disse que passaria o telefone para outra pessoa porque não podia dar informações sobre a presidência.

Lembrei-me dos hospitais, em que pessoas de cargos mais elevados são incumbidas de dar notícias ruins. Mas o nervosismo passou logo. A pessoa que atendeu informou que Luiz Campos havia voltado à ativa e retomado as atividades no Ibeu. Disse que eu poderia telefonar no dia seguinte, pela manhã, que falaria diretamente com ele.

Passei a noite em claro. Minha ansiedade era a mesma de três anos atrás. Será que, novamente, eu iria conseguir uma entrevista com ele? No outro dia fui para o estágio nervosa. Conteí aos colegas a novidade e todos ficaram empolgados. Deixei passar um pouco das dez horas, peguei o telefone e liguei para o Ibeu.

Novamente, a secretária me passou para outra senhora que, finalmente, encaminhou o telefone para o professor Luiz Campos. Eu ouvia, mais uma vez, aquela voz, que tanto escutei nas caixas de som do meu computador durante três anos, pelo telefone.

Conversei com ele por exatos 30 minutos e 50 segundos. Estava com medo de levar uma bronca dos chefes, mas todos compreenderam a situação. Luiz Campos disse que não lembrava de mim, para minha decepção, mas aceitou ser entrevistado outra vez quando contei que estava fazendo meu trabalho de conclusão de curso sobre ele.

“Sobre Luiz Campos?”, perguntou.

“Sim, professor, sobre o senhor.”, respondi.

Luiz Campos convidou-me para fazer a entrevista em sua casa. Explicou como chegar até lá e marcou para a sexta-feira à tarde. Na quinta não podia porque era seu aniversário.

Feliz com a novidade, tratei logo de avisar aos amigos e ao meu orientador. Providenciei um fotógrafo, o amigo Evilásio Bezerra, para fazer as fotos do encontro. Fiz uma cópia da minha monografia sobre o Abrigo Central para levar para o professor.

Na sexta-feira, saí do estágio ao meio-dia, em ponto. Fui em casa, almocei rápido, tomei um banho, me vesti. Saímos, Lúcio e eu, que passou de namorado a marido, para pegar o Evilásio e ir para a entrevista. Luiz Campos havia marcado às duas e meia.

Chegamos no horário à casa dele. Um condomínio de casas muito bonito, arborizado, agradável, no bairro de Sapiranga, onde mora toda família. Anunciamos que havíamos chegado e o porteiro autorizou a entrada. Ficamos na varanda e dona Maria Helena veio nos receber. Avisou que “o Luiz” estava vindo.

Ficamos de pé esperando. O homem chegou à porta. Estava bem diferente da última vez que eu o tinha visto. Andava a passos lentos. O problema de visão parecia ter se agravado. Cumprimentou a todos. Segurei e apertei forte sua mão trêmula. Luiz Campos envelhecera muito nesses três anos que haviam se passado.

Estava bem arrumado, com camisa e calças sociais e uma sandália. A novidade era uma viseira que ele trazia na cabeça para barrar a luz, mas logo deixou de lado. Explicou que estava se recuperando da cirurgia oftalmológica que havia feito em Goiás. Dona Maria Helena arrumou uma mesinha, ali mesmo no jardim, colocou uma toalha florida e nos mandou sentar.

Antes da entrevista, entreguei a ele a cópia de minha monografia sobre o Abrigo Central, com a devida dedicatória, e as últimas edições da Revista Entrevista e do Jornal Impressões, produzidos pelos alunos do curso de Jornalismo, para que o ex-professor se inteirasse do que os novos estudantes andam fazendo.

Coloquei meu gravador em cima da mesa para captar mais uma vez a voz daquele senhor. Evilásio começava a fazer as fotos. Em um nova sexta-feira, agora à tarde, eu estava ali, pronta para ouvir o que Luiz Campos tinha a dizer.

De novo, o homem despiu-se em palavras. Durante horas seguidas contou histórias de sua vida, falou sobre o seu nascimento, o período em que a família mudou-se para Mossoró, a relação com os pais, os romances que viveu, os problemas pelos quais passou.

Enquanto o escutávamos, dona Maria Helena nos serviu uma gostosa sobremesa. Algum tempo depois, ela voltou para colocar o colírio nos olhos do marido, pois já tinha passado do horário. O neto mais velho chegou para falar com Luiz Campos. Perguntou se o avô estava contando muitas histórias. Depois também apareceu um dos filhos, que disse para a mãe que a gente ainda não tinha ido embora por culpa do pai, que não parava de falar.

Durante quase seis horas, o idoso falou para o grupo de três pessoas. A filha de Evilásio pensava que havia sido abandonada na escola. Dona Maria Helena, que de vez em quando aparecia na porta e ficava ouvindo as histórias, já começava a pedir para que ele acabasse de falar.

Mas a vontade do homem de expor sua história de vida era tanta, que chegamos a nos levantar e sentar duas vezes, acreditando que ele iria encerrar o assunto, com a insistência da esposa.

Quando ele decidiu parar de contar suas peripécias, já passava das oito da noite. O idoso, que acabou de completar 85 anos, é pai de cinco filhos²¹⁸ e possui quatorze netos,

²¹⁸ Luiz Campos é pai de Inês, engenheira, que recebeu este nome por conta da promessa da avó de Luiz Campos, para Santa Inês, enquanto a mãe dele tinha complicações na gravidez; Hermano, geólogo, que foi batizado assim porque o pai acreditava ser esse um bom nome para um político; Lídice, que recebeu o nome de uma cidade francesa que fez resistência aos ataques nazistas de Hitler; Henrique, economista, cujo nome é uma

despediu-se, cumprimentou-nos com um forte abraço e pediu que voltássemos para conversar outras vezes. Queria muito que eu lhe desse os artigos da Gazeta de Notícias e estava impressionado com a quantidade de colunas que eu havia encontrado.

Talvez, o desejo que ele me revelara na primeira entrevista, três anos atrás, de escrever um livro sobre sua vida, não tenha se concretizado. Mas, agora, nestas páginas, há um registro singelo de seu trabalho e seus feitos no jornalismo, na política, nas salas de aula e, claro, no Ceará Sporting Club²¹⁹, seu time do coração.



Imagem 28: Luiz Campos e dona Maria Helena estendem a bandeira do time do Ceará em frente ao Palácio de Versalhes, em Paris. Arquivo pessoal da família de Luiz Campos.

homenagem ao General Henrique Teixeira Lott, o qual Luiz Campos muito admirava; e Alexandre, advogado, que recebeu o nome do Imperador Alexandre Magno, da Macedônia.

²¹⁹ Luiz Campos foi diretor, presidente e é, até hoje, conselheiro do time do Ceará. O Centro de Treinamento do clube, que está em construção, receberá o nome do jornalista.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Mozart Soriano. **História Abreviada de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1974.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de. **Fortaleza de Ontem e Hoje**. Fortaleza: Tipoprogresso, 1991.
- _____. **Cronologia Ilustrada de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2001.
- BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo. Contexto. 2009
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In.: **Os pensadores: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1980.
- BOBBIO, Noberto. **O Tempo da Memória: De Senectute e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Eduardo. **O Retrato da Praça**. Fortaleza: Ed. Livro Técnico, 2002.
- CASTRO, José Liberal de. **Fatores de localização e de expansão da Cidade da Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1977.
- FARIAS, Airton de. **História da Sociedade Cearense**. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- FONSECA, Rubem. **Agosto**. São Paulo: Companhia das Letras.
- GALENO, Alberto Sá. **A praça e o povo**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.
- GIRÃO, Blanchard. **Sessão das Quatro: Cenas e Atores de um Tempo mais Feliz**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

JOB, Daniel Carneiro. **Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco**, 2ª edição. Sl, 1992.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945 – 1960)**. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. **A Oralidade dos velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LAMOUNIER, Bolívar. **Da Independência a Lula: dois séculos de política brasileira**. São Paulo: Augurium Editora, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMAVERDE, Narcélio. **Fortaleza, História e Estórias**. Memórias de uma Cidade. Fortaleza: Livro Técnico/ABC Editora, 1999.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. São Paulo: Contexto, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MESQUITA, Vianney & CARVALHO, Gilmar de. **Estudos de Comunicação no Ceará**. Fortaleza: Edições Agora, 1985.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1994.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Arquivo Público do Ceará, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PONTE, Sebastião Rogério (coord.). **História & Memória do Jornalismo Cearense**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC/UFC), Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará, Secretaria de Cultura, 2004.

SÁ, Adísia. **Ensino de Jornalismo no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1979.

_____. **Biografia de um Sindicato**. Fortaleza: Editora UFC, 1981.

SAMPAIO, Dorian. **Anuário do Ceará – 1975**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Gráfica Barbero, 1975.

SEABRA, Roberto & SOUSA, Vivaldo de. (ORG.) **Jornalismo Político: Teoria, História e Técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SOUZA, Simone de. **A gestão da cidade: Uma história político-administrativa**. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994.

UCHOA, Waldery. **Anuário do Ceará 1955-1956**. Ano V. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1956.

ANEXO A

RELAÇÃO DE ARTIGOS DE LUIZ CAMPOS NA GAZETA DE NOTÍCIAS

ARTIGOS DE LUIS QUEIROZ CAMPOS

GAZETA DE NOTÍCIAS

DATA	TÍTULO	PÁG.
13 de novembro de 1954	OS CONTRIBUINTES DA PREFEITURA	3
14 de novembro de 1954	RETROSPECTO DA VIDA NACIONAL	3
17 de novembro de 1954	GATUNAGEM – PROBLEMA DO MOMENTO	8
18 de novembro de 1954	ESPERTEZAS DA LIGHT	3
19 de novembro de 1954	CRISE DE TRANSPORTES	3
20 de novembro de 1954	COMÉRCIO AMBULANTE	5
21 de novembro de 1954	TRANSPORTES COLETIVOS	3
23 de novembro de 1954	MAU EXEMPLO	3
24 de novembro de 1954	AS INSTALAÇÕES DO IAPI NO CEARÁ	3
25 de novembro de 1954	COUSAS INACABADAS	3
26 de novembro de 1954	OS ÔNIBUS E AS FILAS	3
27 de novembro de 1954	OS LADRÕES E O POLICIAMENTO	3
28 de novembro de 1954	IMUNIDADES PARLAMENTARES E A CORRUPÇÃO	3
30 de novembro de 1954	“SOMBRA E ÁGUA FRESCA”	3
1 de dezembro de 1954	BUROCRACIA E FUNCIONALISMO	3
2 de dezembro de 1954	UNIÃO DAS CLASSES PRODUTORAS DO CEARÁ	3
3 de dezembro de 1954	OS INSTITUTOS NÃO CUMPREM A LEI	3
4 de dezembro de 1954	SANEAMENTO NO FUNDO SINDICAL	3
5 de dezembro de 1954	“PESSOALMENTE É UM HOMEM BOM”	3
7 de dezembro de 1954	NOVA SÉDE DO “CENTRO MASSAPEENSE”	3
8 de dezembro de 1954	A CONSERVA DAS ESTRADAS	3
10 de dezembro de 1954	O PROBLEMA DA CARNE À LUZ DA SINCERIDADE	3
11 de dezembro de 1954	O PROBLEMA DA CARNE À LUZ DA SINCERIDADE	3
12 de dezembro de 1954	O PROBLEMA DA CARNE À LUZ DA SINCERIDADE	3
14 de dezembro de 1954	A CÂMARA E O SERVILUZ	3 /2
15 de dezembro de 1954	POLÍTICA, CAPRICHOS E VENALIDADE	3
17 de dezembro de 1954	POR QUE NÃO SE CUIDA DO TRANSPORTE COLETIVO?	3
18 de dezembro de 1954	EXCESSO NO NÚMERO DE FILANTRÓPICOS	3
19 de dezembro de 1954	A FALTA DE TROCO	3
23 de dezembro de 1954	O CONTRIBUINTE E O FISCO	3
24 de dezembro de 1954	O NATAL DOS NOSSOS DIAS	3
28 de dezembro de 1954	...E AS COMISSÕES PARLAMENTARES DE INQUÉRITO?	3
29 de dezembro de 1954	VISTORIA NOS TRANSPORTES COLETIVOS	3
30 de dezembro de 1954	ASSISTÊNCIA À EMPRESA PRIVADA	3
31 de dezembro de 1954	MOINHO DE TRIGO	3
1º de janeiro de 1955	PUNIÇÃO PARA OS LADRÕES MILIONÁRIOS	3
4 de janeiro de 1955	UMA IDÉIA NOTÁVEL	3
5 de janeiro de 1955	ABRIR CAMINHO NAS CALÇADAS	3
6 de janeiro de 1955	“OS CASOS SUJOS DA CIDADE”	3
7 de janeiro de 1955	O CINISMO DOS DONOS DE ÔNIBUS	3
8 de janeiro de 1955	A VITÓRIA DO BOM SENSO	3
9 de janeiro de 1955	UM INQUÉRITO SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DE “JEEPS”	3
11 de janeiro de 1955	...E AS CHUVAS NÃO CHEGAM	3
12 de janeiro de 1955	AOS BANCOS QUE VÊM DO SUL	3
13 de janeiro de 1955	MAIS VIGILÂNCIA SENHORES JUIZES!	3

14 de janeiro de 1955	A INOPERANÇA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE	3
15 de janeiro de 1955	AS REIVINDICAÇÕES DOS BAIRROS	3
16 de janeiro de 1955	LAPSO DO DR. STENIO	3
18 de janeiro de 1955	MANTER A DECÊNCIA	3
19 de janeiro de 1955	PETRÓLEO E ELETRICIDADE	3
20 de janeiro de 1955	CENTRO DOS RETALHISTAS	3
22 de janeiro de 1955	CASOS DA RVC	3
23 de janeiro de 1955	UMA ATRAÇÃO TURÍSTICA	3
25 de janeiro de 1955	PLANIFICAÇÃO DE PROGRAMAS	3
26 de janeiro de 1955	O ÍDOLO DOS PÉS DE BARRO	3
27 de janeiro de 1955	AS CONTAS DOS SRS. PREFEITOS	3
28 de janeiro de 1955	A SENILIDADE DO PROF. GUDIN	3
29 de janeiro de 1955	VAMOS CONCLUIR A CATEDRAL	3
30 de janeiro de 1955	A RAPINAGEM FAZ NINHO NO CEARÁ	3
1º de fevereiro de 1955	A JOGATINA NO CEARÁ	3
3 de fevereiro de 1955	A DEMOCRACIA ESTÁ EM PERIGO!	3
4 de fevereiro de 1955	EM DEFESA DOS AUTÁRQUICOS	3
5 de fevereiro de 1955	O PORTO DE CAMOCIM	3
6 de fevereiro de 1955	BASTA DE PROMESSA ÀS COOPERATIVAS	3
8 de fevereiro de 1955	MAIS UM GOLPE	3
9 de fevereiro de 1955	A LIBERDADE A QUALQUER PREÇO	3
11 de fevereiro de 1955	DISSECAÇÃO DE UM ARTIGO (II)	3
12 de fevereiro de 1955	DISSECAÇÃO DE UM ARTIGO (III)	3
13 de fevereiro de 1955	DISSECAÇÃO DE UM ARTIGO (IV)	3
15 de fevereiro de 1955	RÁDIO-AMADORISMO	3
16 de fevereiro de 1955	AMBIENTE DE DESCONFIANÇA	3
17 de fevereiro de 1955	A FARRA DOS CHAPA-BRANCAS”	3
18 de fevereiro de 1955	REGIME DE BUROCRATICE	3
20 de fevereiro de 1955	COISAS DO “MONITOR”	3
24 de fevereiro de 1955	O CAIS DO PORTO	3
25 de fevereiro de 1955	O PLANTÃO DAS FARMÁCIAS	3
26 de fevereiro de 1955	O MAJOR BRITO PASSOS	3
27 de fevereiro de 1955	“BOBOQUISMO”	3
2 de março de 1955	BRASIL DE JANGO	3
3 de março de 1955	O CANALISMO CONTINUA	3
4 de março de 1955	UM PLANO INTELIGENTE DA CINEMAR	3
5 de março de 1955	POLÍTICA DE CORRUPÇÃO	3
6 de março de 1955	DESENVOLVIMENTO DO COOPERATIVISMO	3
8 de março de 1955	A LUTA PELA LIBERDADE	3
9 de março de 1955	GOVERNO DESACREDITADO	3
10 de março de 1955	DESILUSÃO POLICIAL	3
11 de março de 1955	ESTATÍSTICAS DIVERGENTES	3
12 de março de 1955	DESCONSIDERAÇÕES	3
13 de março de 1955	A “ENTREVISTA”	3
15 de março de 1955	ASSUNTOS DIVERSOS	3
16 de março de 1955	PRODUÇÃO SEM TRANSPORTES	3
17 de março de 1955	SITUAÇÃO DEFICITÁRIA	3
18 de março de 1955	A EXPULSÃO DE DANÚSIO	3
19 de março de 1955	FALTA DE EDUCAÇÃO	3
22 de março de 1955	UMA ADVERTÊNCIA AO FUTURO GOVERNADOR	3

23 de março de 1955	SERVIÇO POSTAL TELEGRÁFICO	3
24 de março de 1955	NÃO VOLTE PARA A CASERNA MAJOR!	3
25 de março de 1955	O QUE O DR. SARASATE JÁ SABE!	3
27 de março de 1955	INSISTÊNCIA JUNTO AO GOVERNADOR	3
30 de março de 1955	O PETRÓLEO DA AMAZÔNIA	3
1 de abril de 1955	UM SÍMBOLO	3
2 de abril de 1955	É PRECISO SALVAR ARACATI	3
3 de abril de 1955	CELEUMA DISPENSÁVEL	3
6 de abril de 1955	O INCÊNCIO	3
10 de abril de 1955	A BARGANHA	3
12 de abril de 1955	MAIS SIMPATIA PELA USINA	3
13 de abril de 1955	A VIDA EM FORTALEZA	3
14 de abril de 1955	MAJORAÇÃO DE TARIFAS	3
15 de abril de 1955	NEUROSE DE RENDA	3
16 de abril de 1955	SANEAMENTO DA POLÍCIA	3
17 de abril de 1955	ETERNAMENTE, CRISES!	3
19 de abril de 1955	OS PAPÉIS SE INVERTEM	3
20 de abril de 1955	COMO MELHORAR UMA SITUAÇÃO	3
23 de abril de 1955	OUTRAS INTENÇÕES	3
26 de abril de 1955	AS LAMÚRIAS DO PREFEITO	3
27 de abril de 1955	... SOFRE "CORAÇÃO DO POVO"	3
28 de abril de 1955	"A CIDADE DO LIXO"	3
29 de abril de 1955	CIDADE UNIVERSITÁRIA	3
30 de abril de 1955	DESPROPÓSITOS	3
1 de maio de 1955	O TRABALHO DIGNIFICA	3
3 de maio de 1955	OS ÔNIBUS E A IMPUNIDADE	3
4 de maio de 1955	A AÇÃO DAS AUTORIDADES	3
5 de maio de 1955	EM LETARGIA A "U.E.E."	3
6 de maio de 1955	O BANCO DO NORDESTE E OS INVESTIMENTOS	3
7 de maio de 1955	OS PROBLEMAS DO BANCO DO NORDESTE	3
8 de maio de 1955	MÃE SEM FILHO...	3
10 de maio de 1955	UMA SUGESTÃO AO PREFEITO	3
11 de maio de 1955	FUNCIONÁRIOS "À DISPOSIÇÃO"	3
12 de maio de 1955	UM APELO AO DR. PEDRO SAMPAIO	3
13 de maio de 1955	O CRIME DOS TARADOS	3
14 de maio de 1955	DESCASO VOTADO NO CEARÁ	3
15 de maio de 1955	A REVISÃO DOS LANÇAMENTOS	3
17 de maio de 1955	VERDADEIRO MELODRAMA	3
18 de maio de 1955	DIVERSAS, PARA VARIAR...	3
19 de maio de 1955	AS SUGESTÕES DE JONAS CARLOS	3
22 de maio de 1955	NADA FORA DA LEI	3
24 de maio de 1955	A SITUAÇÃO DA PEQUENA INDÚSTRIA	3
25 de maio de 1955	...E SE A MODA PEGAR?	3
26 de maio de 1955	UM FRACASSO LAMENTÁVEL	3
27 de maio de 1955	O GOVERNADOR E O COMÉRCIO	3
28 de maio de 1955	DE PAULO AFONSO A QUIXADÁ	3
29 de maio de 1955	O RECURSO DO DESPISTAMENTO	3
31 de maio de 1955	FALSO CONCEITO DE POPULARIDADE	3
3 de junho de 1955	"O BURRO"	3
4 de junho de 1955	COMBATE A CRIMINALIDADE	3

6 de junho de 1955	“SONEGAÇÃO” HIPOTÉTICA	3
7 de junho de 1955	A COERÊNCIA DE ARMANDO FALCÃO	3
8 de junho de 1955	RASGAM A CONSTITUIÇÃO	3
9 de junho de 1955	PRÊMIO À PREGUIÇA	3
11 de junho de 1955	FESTA DE ANIVERSÁRIO	3
12 de junho de 1955	MENTIRA, NÃO!	3
13 de junho de 1955	TEM GRAÇA: UM PARECER DE “GRAÇA”	3
14 de junho de 1955	O QUE SE ESPERA DO TRIBUNAL	3
16 de junho de 1955	FATALMENTE SUCEDERA	3
17 de junho de 1955	A DESTRUIÇÃO DOS DEMAGOGOS	3
18 de junho de 1955	MISTIFICAÇÃO, PLÁGIO E INTIMIDAÇÃO	3
19 de junho de 1955	A HISTÓRIA DE UM LIVRO	3
21 de junho de 1955	LENÇÓIS VERMELHOS, AGORA!	3
22 de junho de 1955	O SALÁRIO MÍNIMO E O ESTADO	3
23 de junho de 1955	QUERO SABER SE TENHO AMIGOS	3
24 de junho de 1955	AS “COLHERINHAS” DO CAFÉ PEKIN	3
25 de junho de 1955	SALVE A UNIVERSIDADE DO CEARÁ	3
26 de junho de 1955	DE VOLTA DA LICENÇA PRÉVIA?	3
28 de junho de 1955	O PREÇO DA CARNE	3
29 de junho de 1955	FUNDAMENTOS DA LIBERAÇÃO	3
1 de julho de 1955	UMA CLASSE INJUSTIÇADA	3
2 de julho de 1955	COMBATE À MACONHA	3
3 de julho de 1955	PLANOS E FANTAZIA	3
5 de julho de 1955	MÁQUINAS AGRÍCOLAS E ESPECULAÇÃO	3
6 de julho de 1955	“MISS” BRASIL 1955	3
7 de julho de 1955	ÊRRO – O INSTITUTO DE SILOS	3
8 de julho de 1955	UMA OPORTUNIDADE PARA O PREFEITO TIMBÓ	3
10 de julho de 1955	HOJE É DA GAZETA	3
12 de julho de 1955	BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL	3
13 de julho de 1955	UM “SHOW DE DESMORALIZAÇÃO”	3
14 de julho de 1955	MAIS AUMENTO DE IMPOSTO	3
15 de julho de 1955	O PERIGO DO CAMBALACHO	3
17 de julho de 1955	A INIQUIDADE DO FUNDO PARTIDÁRIO	3
19 de julho de 1955	A IMPORTAÇÃO DE GATUNOS	3
20 de julho de 1955	AS LUTAS DOS MUNICÍPIOS	3
21 de julho de 1955	CONTROLE CAMBIAL	3
26 de julho de 1955	O MUTISMO DO BNB	3
27 de julho de 1955	MUDANÇAS NO TRIBUNAL	3
28 de julho de 1955	O JUBILEU DE PRATA DE UM BANCO	3
29 de julho de 1955	O CASO MUDOU DE FEIÇÃO	3
30 de julho de 1955	OS NOSSOS SERVIÇOS POSTAIS	3
31 de julho de 1955	OS SERVIÇOS DE FOMENTO RURAL	3
2 de agosto de 1955	O ISOLAMENTO DO CARIRI	3
3 de agosto de 1955	AO LADO DA ELETRIFICAÇÃO DO CARIRI	3
4 de agosto de 1955	DESCRUZAR OS BRAÇOS DIANTE DO ESCÂNDALO	3
5 de agosto de 1955	A DIREÇÃO DA RVC	3
7 de agosto de 1955	A IMPUNIDADE DOS CRIMINOSOS	3
9 de agosto de 1955	AS INOVAÇÕES DE UM DECRETO	3
10 de agosto de 1955	UMA ATITUDE DO CEL. MURILO BORGES	3
12 de agosto de 1955	O INCREMENTO E A EXPORTAÇÃO	3

13 de agosto de 1955	QUEM ESTÁ FINANCIANDO O PRODUTOR	3
17 de agosto de 1955	O PREÇO DO QUILUOTE E FORTALEZA	3
18 de agosto de 1955	REFORMA AGRÁRIA E AS INDECISÕES	3
19 de agosto de 1955	ASSISTÊNCIA AOS MENORES	3
20 de agosto de 1955	A DEMAGOGIA E OS ABONOS DE FAMÍLIA	3
21 de agosto de 1955	FAZENDA E FAZENDEIRO	3
23 de agosto de 1955	MORREU UM DEDICADO AO TRABALHO	3
24 de agosto de 1955	PROBLEMAS SÉRIOS	3
25 de agosto de 1955	TIRAR A CAMARA DA APATIA	3
26 de agosto de 1955	REFORMA DE BASE EM NOSSOS LÓPIGOS	3
27 de agosto de 1955	PODE HAVER ACÔRDO	3
28 de agosto de 1955	OS TRATORES NÃO PODEM RETORNAR	3
30 de agosto de 1955	BATURITÉ, O MUNICÍPIO DE 1954	3
31 de agosto de 1955	CÉDULA OFICIAL E A FRAUDE	3
1 de setembro de 1955	OS CRIMES DE ATROPELAMENTO	3
2 de setembro de 1955	INTERFERÊNCIAS INDÉBITAS E ARBITRÁRIAS	3
3 de setembro de 1955	“BARREIRAS NAS ESTRADAS	3
4 de setembro de 1955	O CENTENÁRIO DE ALFREDO SALGADO	3
6 de setembro de 1955	PERIGO – INCÊNDIO NUM ÔNIBUS	3
7 de setembro de 1955	AO DEP. CINCINATO COMO PROVA DE SINCERIDADE	3
9 de setembro de 1955	OS CONCURSOS E OS CARGOS PÚBLICOS	3
10 de setembro de 1955	O CRUCIANTE DRAMA DO SERTÃO	3
11 de setembro de 1955	CONSCIÊNCIA DO DEVER DE PUNIR	3
13 de setembro de 1955	O VOTO DE CABRESTO	3
14 de setembro de 1955	“A LIÇÃO DO RODÍZIO”	3
16 de setembro de 1955	INCREMENTO À PRODUÇÃO DE CAFÉ	3
17 de setembro de 1955	CAMBOGRAMA AGORA É LUXO	3
18 de setembro de 1955	NONO ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO	3
20 de setembro de 1955	PAPEL SEM SÊLO	3
21 de setembro de 1955	QUEBRA-SE O CORDÃO DE MAIS UM FANTOCHE	3
22 de setembro de 1955	O PERIGO QUE PESA SOBRE O BRASIL	3
23 de setembro de 1955	A GAZETA E A PROPAGANDA POLÍTICA	3
24 de setembro de 1955	A “BAHIA BUEN SUCESO” E O CEARÁ	3
25 de setembro de 1955	UM PROJETO A FAVOR DA CULTURA	3
27 de setembro de 1955	A DEMAGOGIA DA GORJETA	3
28 de setembro de 1955	OS FATOS CONFIRMAM!	3
29 de setembro de 1955	PATUSCADAS INTERNACIONAIS	3
30 de setembro de 1955	CATEDRÁTICOS DO ÊRRO	3
2 de outubro de 1955	O DEVER CÍVICO DO VOTO	3
5 de outubro de 1955	PICARETISMOS DA POLÍTICA DE SABOEIRO	3
6 de outubro de 1955	NOVAS BANDALHEIRAS	3
8 de outubro de 1955	O PROCESSO ELEITORAL	3
11 de outubro de 1955	CASO PESSOAL, NÃO. QUESTÃO MORAL!	1
12 de outubro de 1955	DOIS ASSUNTOS	3
13 de outubro de 1955	UM PROJETO OPORTUNO E SENSATO	3
14 de outubro de 1955	A TRAIÇÃO DOS TRABALHISTAS	3
15 de outubro de 1955	FRAUDE PARA O MERCADO DE VOTOS	3
16 de outubro de 1955	NÃO É MERA COINCIDÊNCIA	3
18 de outubro de 1955	OS PROGRESSOS DA POLÍCIA	3
19 de outubro de 1955	AGORA ESTA: OS PESSÉDISTAS TRAIRAM...	3

20 de outubro de 1955	PODER O PÚBLICO, TORTA E DEMAGOGIA	3
21 de outubro de 1955	O BNB E O PRÉDIO DA CIMAIPINTO	3
22 de outubro de 1955	O DIA DO RÁDIO AMADOR	3
23 de outubro de 1955	O JUBILEU DE DOM JOSÉ TUPINAMBÁ!	3
25 de outubro de 1955	ALÉM DE TUDO, MOLEQUE!	1
26 de outubro de 1955	NADA DE RECUO	1
27 de outubro de 1955	É MUITO CEDO AINDA	3
28 de outubro de 1955	UMA SUGESTÃO AO FOMENT. AGRÍCOLA	3
29 de outubro de 1955	COMBATE À TUBERCULOSE	3
30 de outubro de 1955	INDÚSTRIA MINERATIVA DO CEARÁ	3
1 de novembro de 1955	É PRECISO SALVAR A SANTA CASA	3
4 de novembro de 1955	COMÉRCIO AMBULANTE E O ERÁRIO	3
5 de novembro de 1955	UM PLANO IMOBILIÁRIO	3
7 de novembro de 1955	FINALMENTE, OS PROBLEMAS INSOLÚVEIS	3
8 de novembro de 1955	JULGAMENTO ERRÔNEO	3
9 de novembro de 1955	MELANCÓLICO PARADOXO	3
10 de novembro de 1955	O “CORÇÃO” NAS TREVAS	3
11 de novembro de 1955	OBRAS RODOVIÁRIAS E IGNORÂNCIA	3
13 de novembro de 1955	GOLPE CONTRA GOLPE!	3
18 de novembro de 1955	O DISCURSO DO SR. CARLOS LUZ	3
19 de novembro de 1955	OS EFEITOS DAS CONTURBAÇÕES	3
21 de novembro de 1955	O PRESTÍGIO DE ARMANDO FALCÃO	3
23 de novembro de 1955	GOLPISTAS – UM E OUTRO!	3
24 de novembro de 1955	AS PIMPONICES DE CAFÉ	3
25 de novembro de 1955	A CONDUTA DO POVO	3
27 de novembro de 1955	MEDIOCRACIA BRASILEIRA	3
29 de novembro de 1955	A RESPONSABILIDADE DOS VEREADORES	3
30 de novembro de 1955	AS CLASSES PRODUTORAS E AS CONTURBAÇÕES	3
1 de dezembro de 1955	“PREGUICITE PARLAMENTAR”	3
2 de dezembro de 1955	PARABÉNS À “UNIÃO”	3
3 de dezembro de 1955	CENTRO MASSAPEENSE, 1955	3
4 de dezembro de 1955	RENÚNCIA, UM CANDIDATO PATRIÓTICO	3
6 de dezembro de 1955	A INSTRUÇÃO 124 DA SUMOC	3
7 de dezembro de 1955	A INDÚSTRIA DO PESCADO	3
8 de dezembro de 1955	APULPOS CONTRA A JUSTIÇA	3
10 de dezembro de 1955	O ÊXODO RURAL	3
11 de dezembro de 1955	A DEMAGOGIA DO “CASO DA CARNE”	3
13 de dezembro de 1955	DESCENTRALIZAÇÃO DA ZONA COMERCIAL	3
14 de dezembro de 1955	A CONSERVA DAS ESTRADAS	3
15 de dezembro de 1955	O MINISTRO E OS TRATORES	3
16 de dezembro de 1955	O FUNDO DE INCREMENTO À PRODUÇÃO	3
17 de dezembro de 1955	OPORTUNO, MAS VERGONHOSO	3
18 de dezembro de 1955	ISTO É O BRASIL	3
20 de dezembro de 1955	...É COMO UM CHICLETE “BAZOOKA”	3
21 de dezembro de 1955	O SAQUE DO CADÁVER	3
22 de dezembro de 1955	A DISTRIBUIÇÃO DE SEMENTES	3
23 de dezembro de 1955	O NOVO PRESIDENTE DA UNIÃO	3
24 de dezembro de 1955	O NATAL DE 1955	3
27 de dezembro de 1955	JUSCELINO E A REFORMA AGRÁRIA	3
28 de dezembro de 1955	A PRESIDÊNCIA DO BANCO DO NORDESTE	3

29 de dezembro de 1955	O SR. POETZSCHER E O MILHO	3
30 de dezembro de 1955	AINDA O CASO DO MILHO NO CEARÁ	3
31 de dezembro de 1955	A CASA DO RIACHO PAJEÚ	3
1 de janeiro de 1956	UM MILAGRE PARA 1956	3
3 de janeiro de 1956	CONVERSA FIADA	3
4 de janeiro de 1956	O PÁU É PUBO!...	3
5 de janeiro de 1956	A EPIDEMIA DE CONTRABANDOS	3
6 de janeiro de 1956	DINHEIRO NO MATO	3
8 de janeiro de 1956	O AUMENTO DOS VEREADORES E A BARGANHA	3
10 de janeiro de 1956	A ARRECADAÇÃO ESTADUAL	3
11 de janeiro de 1956	OS QUE MAMAM NA ONÇA...	3
12 de janeiro de 1956	PARSIFAL BARROSO E O MINISTÉRIO	3
13 de janeiro de 1956	O MELANCÓLICO PROBLEMA DO CIMENTO	3
14 de janeiro de 1956	O PARADOXO LAMENTÁVEL	3
15 de janeiro de 1956	...MORRE O BOI E QUEM O TANGE!	3
17 de janeiro de 1956	AINDA O CASO DO MILHO NO CEARÁ	3
18 de janeiro de 1956	A INTENSIFICAÇÃO DE UMA CAMPANHA	3
19 de janeiro de 1956	A ESCOLA E O COLÉGIO	3
20 de janeiro de 1956	A VIAGEM DE JUSCELINO	3
21 de janeiro de 1956	TRIGO NO PREÇO DOBRADO	3
22 de janeiro de 1956	A DECOMPOSIÇÃO DO "SOCIETY"	3
25 de janeiro de 1956	TELÉGRAFO E ABONO DE FAMÍLIA NO CEARÁ	3
26 de janeiro de 1956	O SENHOR CHEFE DE POLÍCIA	3
27 de janeiro de 1956	COMPRAS DO GOVERNO AO COMÉRCIO LOCAL	3
28 de janeiro de 1956	UM LIVRO SOBRE O BNB	3
29 de janeiro de 1956	ACABAR COM OS ASSASSINATOS NO HPS	3
1 de fevereiro de 1956	O COMPROMISSO DE JUSCELINO	3
2 de fevereiro de 1956	A CONTURBAÇÃO DOS SERTÕES	3
3 de fevereiro de 1956	OS DESNÍVEIS SALARIAIS	3
4 de fevereiro de 1956	ATENÇÃO BEM DESPERTADA!	3
5 de fevereiro de 1956	DE PALANQUE E DE BINÓCULOS...	3
7 de fevereiro de 1956	LOUVORES A SALLABERRY	3
8 de fevereiro de 1956	A MÁQUINA ADMINISTRATIVA DO PAÍS	3
9 de fevereiro de 1956	O CASO CATANÃ E O GOVERNO	3
10 de fevereiro de 1956	CRÉDITO E INCREMENTO À PRODUÇÃO	3
12 de fevereiro de 1956	PARA AMENIZAR A SUA RESSACA	3
16 de fevereiro de 1956	PROBLEMAS FUNDAMENTAIS	3
17 de fevereiro de 1956	FALTA DE ENTROSAGEM	3
19 de fevereiro de 1956	CONCEITOS APRECIÁVEIS	4
21 de fevereiro de 1956	PREVIDÊNCIA SOCIAL E CONFERÊNCIA RURAL	3
23 de fevereiro de 1956	OS "HOMENS DE VISÃO"	3
24 de fevereiro de 1956	UM MONUMENTO DE 50 ANOS	3
25 de fevereiro de 1956	HOMENS POLÍTICOS E HOMENS DA PRODUÇÃO	3
29 de fevereiro de 1956	A ONDA DE BOATOS E MENTIRAS	3
1 de março de 1956	DIRETRIZES FINANCEIRAS DE ALKIMIN	3
3 de março de 1956	O TESTE NEGATIVO	3
4 de março de 1956	OS CEARENSES NA IV CONFERÊNCIA RURAL	3
6 de março de 1956	JUSTIÇA, CRIMINOSO E SOCIEDADE	3
7 de março de 1956	PAÍS DA RAPINAGEM	3
8 de março de 1956	O TRÁFEGO NA AV. JOAQUIM TÁVORA	3

9 de março de 1956	PRAIAS ABANDONADAS	3
10 de março de 1956	SECURITÁRIOS – UMA CLASSE INJUSTIÇADA	3
11 de março de 1956	LANÇAMENTO INDICIÁRIO DO IMPOSTO	3
13 de março de 1956	EXPLORAÇÃO DOS TUBARÕES	3
14 de março de 1956	TUMULTO A ORDEM CONSTITUCIONAL	3
15 de março de 1956	OS VESTIBULARES E OS “CURSOS DE PREPARAÇÃO”	3
16 de março de 1956	AUMENTA A ONDA DE DESEMPREGADOS	3
17 de março de 1956	UM FISCAL DE AÇUDE ESPERA HÁ 5 ANOS!	3
18 de março de 1956	NECESSIDADES DO AÇUDE LAGES-REDENÇÃO	3
22 de março de 1956	A ETERNA FALTA DE ESPIONAGEM	3
23 de março de 1956	O MUNDO ESTÁ ENCONLHENDO	3
24 de março de 1956	O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO	3
25 de março de 1956	UM CASO DE “IMPEACHMENT”!	3
27 de março de 1956	A “NOTA” DA LISTA CLASSIFICATÓRIA	3
28 de março de 1956	AS INCONGRUÊNCIAS OFICIAIS	3
3 de abril de 1956	INVERNO COM EFEITOS DE UMA SÊCA	3
4 de abril de 1956	A FALHA EXECUÇÃO DAS LEIS	3
5 de abril de 1956	VAMOS RECUPERAR CAMOCIM	3
6 de abril de 1956	A CRISE DO CONTRABANDO	3
7 de abril de 1956	HISTÓRIA SOBRE ABRIGOS	3
8 de abril de 1956	CONTRABANDO, AGUIARDIAS E PICARD	3
10 de abril de 1956	O CASO DO ALGODÃO E O DESCASO PELO NORDESTE	3
11 de abril de 1956	REFORMA NAS TARIFAS ALFANDEGÁRIAS	3
12 de abril de 1956	INCOMPETÊNCIA DO PODER ESTADUAL	3
13 de abril de 1956	A PRECIPITAÇÃO DAS LEVIANDEDES	3
14 de abril de 1956	ARMA-SE O GOLPE CONTRA O CEARÁ	3
15 de abril de 1956	SUGESTÕES DE UM PAI	3
18 de abril de 1956	AS COMISSÕES E A IMPUNIDADE	3
19 de abril de 1956	... NO REINO DOS SEGUROS NO BRASIL!	3
20 de abril de 1956	SUGESTÕES DE UM PAI	3
21 de abril de 1956	INSTITUTO BRASIL – ESTADOS UNIDOS	3
24 de abril de 1956	NOVA MENTALIDADE TRIBUTÁRIA	3
25 de abril de 1956	A MORTE DE VLADMIR	3
26 de abril de 1956	SOBRAL E O BANCO DA LAVOURA	3
27 de abril de 1956	O ABRIGO CENTRAL	3
28 de abril de 1956	O DESCONGESTIONAMENTO DA PRAÇA DO FERREIRA	3
29 de abril de 1956	“DELÍRIO TREMENS”3	3
1 de maio de 1956	HOMENAGEM AO TRABALHO HONESTO	3
3 de maio de 1956	“A MÃE CEARENSE DE 1956”	3
4 de maio de 1956	O AUMENTO ABSURDO!	3
5 de maio de 1956	AINDA O PROBLEMA DO CONGESTIONAMENTO	3
6 de maio de 1956	LATTES, SAMBA E FUTEBOL	3
8 de maio de 1956	PROBLEMAS DOS ESTUDANTES E TRANSPORTES	3
9 de maio de 1956	A COAP E OS PREÇOS DAS UTILIDADES	3
10 de maio de 1956	HOMENAGEM AO DR. CÉSAR CALS	3
12 de maio de 1956	UMA INICIATIVA VITORIOSA	3
13 de maio de 1956	A VIGÊNCIA DA NOVA CAIXA DOS IAP	3
15 de maio de 1956	“ALGO” CONTRA O PRESTÍGIO DO GOVERNO	3
16 de maio de 1956	O “ESCÂNDALO DO CIMENTO”	3
17 de maio de 1956	O “BINGO” DA IMORALIDADE”	3

18 de maio de 1956	O CEL. MURILO E O COMÉRCIO DE CALÇADA	3
19 de maio de 1956	A “CARNEIRADA” DO PODER LEGISLATIVO	3
20 de maio de 1956	NECESSIDADE DE UMA POLÍCIA TÉCNICA	3
22 de maio de 1956	UMA SÓ PATADA DOS “URSINHOS”	3
23 de maio de 1956	RIDICULARIAS DO SR. BARROS DOS SANTOS	3
24 de maio de 1956	DESORIENTAÇÃO GOVERNISTA	3
25 de maio de 1956	MELINDRES SEM RAZÃO	3
26 de maio de 1956	INFLAÇÃO TRIBUTÁRIA	3
27 de maio de 1956	O RESTILO DA TRAIÇÃO	3
29 de maio de 1956	O QUÊ O POVO QUER SABER	3
30 de maio de 1956	ACORDO OU TRAIÇÃO?	3
2 de junho de 1956	O VERDADEIRO SENTIDO DA MENSAGEM	3
3 de junho de 1956	O CEARÁ E A “ESTUDANTADA CARIOCA”	3
6 de junho de 1956	O TELEGRAMA DE SOBRAL	3
7 de junho de 1956	O ROSÁRIO DE FARSAS	3
8 de junho de 1956	O DESCONTENTAMENTO GERAL	3
9 de junho de 1956	O “SACO-DE-GATO”	3
10 de junho de 1956	O CÚMULO DA IMORALIDADE	3
12 de junho de 1956	JUNTOU, AMARROU E ENCANGOU	3
13 de junho de 1956	JÁ SE SABE: AUMENTO PARA O IMPOSTO DA EXPORTAÇÃO	3
14 de junho de 1956	A “CARTA BARROS”!	3
15 de junho de 1956	APROVEITE O EXEMPLO, SR. SARASATE!	3
16 de junho de 1956	A RESPONSABILIDADE DO GOVERNADOR	3
17 de junho de 1956	O GOVERNADOR E A CRISE POLÍTICA	3
19 de junho de 1956	COMENTÁRIO INTERROMPIDO	3
20 de junho de 1956	A RESPEITO DA NOTA OFICIAL	3
21 de junho de 1956	ORA, ESTA É BOA!...	3
22 de junho de 1956	O REEXAME DO AUMENTO DE IMPOSTO	3
23 de junho de 1956	AS DUAS GRANDES RAIVAS	3
24 de junho de 1956	O SALÁRIO MÍNIMO E A “DEFESA” DO COMÉRCIO	3
26 de junho de 1956	UM CONGRESSO OPORTUNO	3
27 de junho de 1956	A HONESTIDADE DO GOVERNADOR	3
28 de junho de 1956	“NAZISMO” CRIOULO!	3
1 de julho de 1956	“ABRIGO CENTRAL – ASSEMBLÉIA DO POVO”	3
3 de julho de 1956	A PREFEITURA E A DEMOLIÇÃO DO ABRIGO	3
4 de julho de 1956	OS INTERESSADOS NA DEMOLIÇÃO DO ABRIGO	3
5 de julho de 1956	ESFORÇO IDIOTA	3
6 de julho de 1956	A CAUSA JUSTA DOS ESTUDANTES	3
7 de julho de 1956	O NOVO PROCURADOR GERAL DO ESTADO	3
8 de julho de 1956	OPORTUNIDADE PARA UM COMBATE À JOGATINA	3
10 de julho de 1956	NOSSO OBJETIVO: MELHORAR SEMPRE	3
12 de julho de 1956	CRIME QUE NÃO PODERÁ FICAR IMPUNE	3
13 de julho de 1956	O CONGRESSO DOS PRODUTORES	3
14 de julho de 1956	AINDA O CASO DE JAGUARIBE	3
15 de julho de 1956	O ESPÍRITO PÚBLICO	3
17 de julho de 1956	O ÊXITO DO CONGRESSO DE PRODUTORES	3
18 de julho de 1956	EXPOSIÇÕES AGRO-INDUSTRIAIS	3
19 de julho de 1956	PAÍS DA BUROCRACIA	3
20 de julho de 1956	PERSEGUIÇÃO DESCABIDA	3
21 de julho de 1956	CONTINUAM AS FALAS MENTIOSAS	3

22 de julho de 1956	EXTERMÍNIO DO SINDICATO DA JOGATINA	3
24 de julho de 1956	ENTÃO VIRGÍLIO SERÁ ELEITO COM O FIP E AS VERBAS FEDERAIS?!...	3
25 de julho de 1956	A LÁSTIMA POSTAL	3
27 de julho de 1956	A “REUNIÃO PESSEDISTA”	3
28 de julho de 1956	IRRITAÇÃO DESPROPOSITADA	3
29 de julho de 1956	ASSIM NÃO VAI...	3
31 de julho de 1956	A BUROCRACIA	3
1 de agosto de 1956	OS CABOS DE CAVALARIA	3
2 de agosto de 1956	OS APOSENTADOS DO ESTADO	3
3 de agosto de 1956	A SIGNIFICAÇÃO DE UM DISCURSO	3
4 de agosto de 1956	BANCOS MUNICIPAIS	3
5 de agosto de 1956	AS CAUSAS DA CRISE	3
7 de agosto de 1956	ISTO LÁ É OPOSIÇÃO!...	3
8 de agosto de 1956	IMPrensa DE OPINIÃO PÚBLICA	3
9 de agosto de 1956	COOPERATIVA DE IGUATU	3
10 de agosto de 1956	ADMINISTRAÇÃO DE PANOS MORNOS	3
11 de agosto de 1956	O GAGO E ATRAPALHADO	3
12 de agosto de 1956	SELVAGERIA DE DELEGADOS NO SERTÃO	3
14 de agosto de 1956	O MINISTRO E AS CHUVAS	3
15 de agosto de 1956	ESTRADAS CARROÇÁVEIS	3
18 de agosto de 1956	POR QUE REVERENCIAR GETÚLIO?	3
19 de agosto de 1956	AS FESTAS DA PRODUÇÃO	3
21 de agosto de 1956	A “PANELADA” POLÍTICA	3
22 de agosto de 1956	A GRANDEZA DE UMA ORGANIZAÇÃO	3
23 de agosto de 1956	CASAMENTO INCOMPATÍVEL	3
24 de agosto de 1956	AS INCOMPATIBILIDADES NO SEIO DO P.S.P.	3
25 de agosto de 1956	IDÉIA APROVEITÁVEL	3
26 de agosto de 1956	O PORTO DE CAMOCIM	3
28 de agosto de 1956	A PALAVRA DO GOVERNO E A JOGATINA	3
29 de agosto de 1956	RESPEITO A IMPrensa LIVRE	3
30 de agosto de 1956	O EXÉRCITO E OS LADRÕES DE AUTOMÓVEIS	3
31 de agosto de 1956	ALETRIFICAÇÃO DO CEARÁ	3
1 de setembro de 1956	INQUÉRITO SOBRE O CRIME DE JAGUARIBE	3
2 de setembro de 1956	AINDA A CHACINA DE JAGUARIBE	3
4 de setembro de 1956	OS DRAMAS QUE O JOGO ESCREVE	4
5 de setembro de 1956	CRISES: TORTA, PASTO E ADMINISTRAÇÃO	3
6 de setembro de 1956	A NOVA DIREÇÃO DA R.C.V.	3
9 de setembro de 1956	ANÁLISES E PESQUISAS DE MINÉRIOS	3
11 de setembro de 1956	MANSO, HUMILDE E OMISSO	3
12 de setembro de 1956	SEGURANÇA PARA OS ESCOLARES	4
13 de setembro de 1956	EXPLORAÇÃO DE COBRE NO CEARÁ	3
14 de setembro de 1956	O BODE EXPIATÓRIO DA INFLAÇÃO	3
15 de setembro de 1956	IMPOSTOS E COMÉRCIO DE CALÇADA	3
19 de setembro de 1956	LEGISLAÇÃO TRABALHISTA PARA O CAMPO	4
6 de outubro de 1956	MELHOR MENTALIDADE POLÍTICA	1 /2
7 de outubro de 1956	AS ETERNAS DIFICULDADES E A CRISE DO MOMENTO	1

ANEXO B

ENSAIO FOTOGRÁFICO DA 2ª ENTREVISTA COM LUIZ CAMPOS

POR EVILÁSIO BEZERRA





